

Mistérios de Lisboa – II de Camilo Castelo Branco

IV

A condessa de Santa Bárbara ia passada de espanto quando entrou na grade, onde encontrou padre Dinis. Aquele homem apresentava-se-lhe outro, agora. A grandeza do seu passado, as misteriosas desventuras da sua vida, o heroísmo do sacerdote ungado pelas lágrimas de uma paixão eterna, gravada sempre naquela fisionomia macerada, o mistério, enfim, acobertado no silencio de dezasseis anos, era o que faltava naquele homem para inculcar-se prestigiosamente a D. Ângela de Lima.

O padre, mais triste que o seu costume, olhos fixos na vista reflexiva da condessa, percebeu uma inquietação extraordinária, que não a deixava falar com a segurança e placidez do costume.

– Que tem, Sr^a Condessa?... Sempre triste... mas hoje, de mais a mais, parece-me sobressaltada... Cuidados por seu filho?

– Saudades... sim.

– A saudade pelos vivos é dor suave... Saudade insofrível, sem desabafo, há uma só... a sem esperança, a saudade que lhe fala há quinze anos... não avivemos. Umas poucas de dores reunidas enfraquecem a força de cada uma. Todos estes desgostos, que vieram em tumulto, há menos de um mês, parece que lhe paralisaram a sensibilidade, Sr^a Condessa... Mercê de Deus!

– Sr. Padre Dinis, a saudade não paralisa assim.. .Que outro mo dissesse... mas quem sabe tudo... quem provou o fel de todas as paixões... Eu não estou insensível... essa mercê espero devê-la a Deus... perto vem o dia; mas por ora sinto, sinto muito, e sinto mais ainda, porque o homem que mais devesse conhecer a minha alma é aquele que parece condenar friamente a minha insensibilidade

– Eu não a condeno, Sr^a Condessa de Santa Bárbara... Observo-a, e vejo-a mais corajosa do que a supunha para obrigar-se às condições que a razão lhe impõe. Isto é muito; é mais do que pode o coração da mulher; faz-se, quando não há seiva de paixões, quando a alma parece envelhecer com a matéria, quando se recebem todas as dores com a cabeça, e há força para constranger o coração, que reage...

– Que faço eu?! – interrompeu D. Ângela com ansiedade.

– Suicida-se. O amor de Deus não é o quebrantamento de todos os laços que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena como a paz da consciência; tem júbilos, e não se nutre só do ermo e da oração; aparece nos olhos em lágrimas, quando o remorso é entranhado, e rebelde à contrição; vem aos lábios, em sorrisos de amor para o género humano, quando a alma está gozando a quietação da virtude. V. Ex^a procurou com avidez um confessor que lhe apertasse os cilícios. Achou-o entre os capuchinhos, que passam por santos, mas não gozam tão bom conceito a respeito da sua instrução. Sr^a Condessa, duvide da santidade que se lhe apresenta a fazer santos, desfazendo o barro de que saiu o homem de entre as mãos do Criador. Se o seu ministro da consciência lhe diz que V. Ex^a deve ser o que está sendo, não se preste a santificações, que mais tarde são fatigantes, e o espírito violentado por elas, como o arco do Evangelista, estala, e inutiliza-se por demasia de compreensão. A graça de Deus é alegre, expansiva, e vem à luz do dia e à publicidade dos homens mostrar-se qual ela é...

– Que quer que eu faça, Sr. Padre Dinis?... Que me retire do convento?

– Sim, se não há outro meio de a fazer compreender a virtude.

– Não me aconselhou a vinda para esta casa?

– Aconselhei, como remanso de repouso para os trabalhos em que a sua nobre alma tem sido provada. Fui mau conselheiro... é o que se segue... Supus que V. Ex^a encontrava desafogo entre pessoas que a receberam carinhosamente e em parte nenhuma, como nestas casas, o bálsamo dos sofrimentos é pronto e a vontade de aliviá-los sincera. Deu-se o contrário. V. Ex^a reconcentrou-se e afastou-se de si

– Pessoas que não conhecia e que o meu confessor...

– Lhe disse que não devia conhecer: porquê?

– Porque a verdadeira virtude é tão rara no mundo como no claustro

– O frade tinha razão... – atalhou o padre, sorrindo. – A verdadeira virtude, pelos modos, nem entre os capuchinhos se encontra... Sincero e legítimo franciscano é o seu confessor, Sr^a Condessa!

– Mas, se até aqui tenho vivido sozinha com sua irmã, hoje encontrei aqui uma amiga de infância, religiosa... de Santa Apolónia

– Sua amiga de infância?! – atalhou o padre com agitação.

– Decerto... é a Adelaide Maldonado...

– Essa! – exclamou o padre.

– Sim, senhor – disse a condessa, com ar de simplicidade mal fingida.

Padre Dinis, hábil em dominar os seus abalos, perguntou tranquilamente:

– Têm convivido muito?

– Pouco... Ela chegou ontem do campo, onde esteve a ares. Conhece-a, Sr. Padre Dinis?

– Sim, minha senhora... Tenho ideias de a ter visto...

O padre não podia esconder a sua perturbação. D. Ângela não sabia representar um papel que estivera violentamente ajustando ao seu carácter. Escrupulizava em fingir-se ignorante, mentindo à boa-fé do seu amigo, que adoptara como pai. As meias revelações inconsideradas que fizera causavam-lhe remorso. Para remediá-las, era tarde; para suspendê-las ali, era reserva indigna da sua sincera alma para com tal homem, o anjo bom que, desde a juventude, não a abandonara nas mais angustiosas crises. O padre lia-lhe nos olhos o temor do coração. Em si, sentiu-se transido de dor; por ela, falava-lhe uma espécie de compaixão, e um receio de a deixar atormentada com o desgosto de não saber calar o que, talvez, lhe não foi dito como segredo.

– Falou em padre Dinis à sua amiga? – disse ele, sorrindo.

– Não, senhor; foi ela que me falou...

– É admirável!

– Quando me contava a razão por que viera do mosteiro de Santa Apolónia para aqui

– Basta... Eu concebo tudo

– Sofre, Sr. Padre Dinis?

– Se soffro?!...

– Sim... sofre, porque eu involuntariamente entrei no segredo da sua vida?

– Não, Sr^a Condessa... O meu egoísmo na dor não vai tão longe... Se tivesse vindo um momento em que eu por necessidade lhe devesse contar o que fui, para V. Ex^a compreender o que sou, não lhe esconderia esse segredo... Contar-lho sem motivo seria uma frivolidade, inútil para ambos...

– Seria sempre um exemplo de resignação, um estímulo para receber o sofrimento com ânimo.

– Pois bem... falemos da sua amiga Adelaide... Não a vi há bons quinze anos... Era nesse tempo muito triste... Tinha a formosura de um anjo e o coração também. E hoje?

– O coração parece-me bom, como era; a tristeza é de lágrimas incessantes, uma saudade de tantos anos sem alívio!... A face está mudada; não tem nada da Adelaide que conhecemos!... Os mais dos cabelos são brancos, e quem lhe não souber a idade dirá que a pobre Adelaide é velha.

– Pois não é... Há quinze anos, última vez que a vi, tinha dezoito anos... Envelheceu... devia ser assim: mas não se explica como isto foi...

– Tal foi a paixão... a saudade...

– A saudade... por ela?

– Sim... por aquela infeliz...

– Não lhe chame infeliz!... – disse o padre com os olhos cheios de lágrimas e um suave sorriso de indefinível sentimento. – Francisca Valadares não foi infeliz. Morreu? Abençoados são os que morrem assim!... Grande na alma, grande no sacrifício de todas as suas ambições! Infeliz é a mulher que transige com a perseguição, humilhando-se. Ela não. Feriram-na, sem a ultrajarem. Mataram-lhe o corpo, sem lhe tocarem na alma. E, depois, aquele anjo poderia despenhar-se, e não se despenhou. Purificou-se pela agonia, surda, submissa e confortadora para os que sofrem. Subiu sempre para a sua origem. Quando morreu, ao cabo da atribulada noite da sua curta existência, já tinha na face a luz do crepúsculo da bem-aventurança... Senhora... quando se amou assim... uma vez, e se perdeu tudo num momento... o coração fica vinculado ao túmulo... cheio de saudades e de vida até à decrepitude... Adelaide tem razão... devia envelhecer... Quando embranquecem os cabelos do homem em quinze dias, ao cabo de quinze anos, a mulher que foi verdadeira amiga deve ter envelhecido... Diga-lhe que a sua dor é sagrada... e que a sua alma se santifica pelo martírio nobre da saudade... Choramos ambos, Sr^a Condessa Porque não? V. Ex^a vê um velho a chorar. Compadece-se do pobre, porque sabe o coração que ele tem. Neste instante recapitula os aturados tormentos de tantos anos, que me reduziram a isto!... Ver nascer o sol de cada dia, como um novo sinal de que o meu cativo se prolonga... entrar no silêncio de cada noite, com ela sempre aqui... e as palavras dela, as últimas, o convulso adeus da moribunda... é um peso que verga toda a valentia moral, senhora! Sem a fé, esta existência era um ludíbrio do Criador...

Os soluços abafaram-no. Levantou-se subitamente, chegou à janela que se abria para a cerca e respirou a fundos sorvos o ar, que parecia reanimá-lo da sufocação com que exprimira aquela enlevada reminiscência de todas as horas, mas pela primeira vez denunciada pelos lábios. A condessa, incapaz de inventar lenitivos para a mágoa inconsolável, chamava-o com ternura, pedia-lhe que se não reprimisse assim, que expandisse em franco desafogo a sua paixão... O padre ouvi-la-ia? Talvez não! Com os olhos lá em baixo, nos horizontes, com as mãos enlaçadas sobre o peito, aquele homem de negro, com as vestes majestosas do levita, era grande ali naquela luta de paixões terrenas, era maior que a magnificência do seu ministério ungido entre o barro quebradiço do amor mundano e o perpétuo amor de Deus!

– Sr^a Condessa – disse ele, assumindo o habitual carácter de fria austeridade, como se as paixões, subjugadas pela sua vontade de ferro, lhe não deixassem leve traço de agitação –, Sr^a Condessa, seu filho saiu ontem. Confiei-o à viúva do general Almada, que foi levar os seus filhos a Londres. Ela será como sua mãe e ele como seu filho.

– Mas, Sr. Padre Dinis, meu *filho*, na sua carta, não me diz os meios que hão-de sustentá-lo no colégio

– Seu filho não podia dizer-lhe o que não sabe. A Providência deparou-lhos...

– Sempre um segredo

– Pedido à minha honra. Os meios não lhos dou eu... Apresso-me a despersuadi-la dessa conjectura...

- Pois quem?
- Desculpo a sua curiosidade; mas eu não posso dizer-lhe mais que seu filho.
- Não sabe?!
- Sei, Sr^a Condessa.
- Não devo a tal respeito perguntar mais nada?
- Dê-me essa prova de estima... Os legados de seu marido foram cumpridos, à exceção da esmola deixada a Eugénia, sua criada.
- Porquê?
- Ela não quis aceitá-la: repeliu-a, dizendo que se não vendera ao conde de Santa Bárbara vivo, e menos se vendera ao conde morto. Dois dias depois encontrei-a em uma carruagem. Fez parar os cavalos, chamou-me à portinhola e ofereceu-me a sua casa na Praça da Alegria, nº19. Hei-de visitá-la um dia... O mistério é provocador
- Outra coisa... Amanhã parto para Santarém. O confessor do Sr. Conde de Santa Bárbara pediu-me uma visita de amigo. Não sei que tempo me demorarei. Não me despeço de minha irmã...
- Sua irmã?
- D. Antónia...
- É sua irmã?
- Que pergunta!... Porque ma faz, Sr^a Condessa?
- Não me disseram que Sebastião de Melo tivesse uma irmã...
- Sr^a Condessa... mais tarde responderei. Por enquanto consideremo-la minha irmã, e boa amiga de V. Ex^a.

V

Padre Dinis anunciara-se a Frei Baltasar da Encarnação, à porta ria do mosteiro de dominicanos em Santarém, e foi conduzido à cela do frade, que o recebeu nos braços, como quem abraçava suspirado amigo de muitos .anos e com extremos do coração esperado. A enrugada face do monge parece que o júbilo a remoçara. O sorriso naquele aspecto venerando, se lhe vinha do coração e do pressentimento, como em verdade vinha, bem poderia dizer-se que era um dos raros sorrisos que se abriram nos lábios do septuagenário.

Ali, no claustro, onde a terra lhe escondera quantos ele encontrara e quantos consigo foram noviços, por mais de cinquenta anos ninguém lhe vira um raio de alegria nas sombras eternas do rosto

A melancolia imperturbável, a abstracção profunda, a solidão es cura daquela alma, reputavam-na o efeito do cilício, da disciplina da maceração moral, em que a devoção, e, para muitos o fanatismo. trazia aquele espírito avexado.

Frei Baltasar era um sábio dos velhos tempos, em que o erudito. aos cinquenta anos de fadigas estudiosas, recebia esse titulo, que os netos daqueles homens, na sua raiva pueril ao passado, não ousam negar-lhe.

A Ordem de S. Domingos acatava-o como oráculo em todas a ciências e denominava-o, sem desonra para o termo da comparação o S. Tomás da igreja lusitana, o sustentáculo da boa ciência e última vergôntea do tronco venerando de Frei Bartolomeu dos Mártires

Em grande elogio à sua capacidade, dizia-se que o ilustrado bispo de Viseu, então secretário de Estado, não se dedignava de consultá-lo em melindrosos casos de política. E suposto que, por esta especialidade, Frei Baltasar sofresse injusta censura de alguns escrupulosos, que não apoiavam a interferência do ministro do Céu nos negócios da Terra, o dominicano, cheio de humildade, apontava aos seu detractores um tratado infólio *De re politica*, produção de um jesuíta, que o santo padre canonizara. Era, portanto, invulnerável a virtude do monge às arguciosas insinuações do beatério, primo co-irmão da má-fé e, pelo menos, amigo intimo da ignorância audaciosa. Bastam as poucas linhas escritas para esboçar os traços que, mais à superfície, os olhos dos que vêem apenas a crusta exterior encontravam na fisionomia impenetrável do frade.

Com fundadas razões, padre Dinis vira-o por outro prisma definira-o de diverso modo. Frei Baltasar pareceu-lhe um homem com dois homens em si diversos, que o punham em dilacerante antagonismo de consciência. Reputava-o sábio, mas curtido no espírito de lições amargas da experiência, com que viera do mundo acolher-se no extremo refúgio do desgraçado. Julgara-o bom dessa bondade que não vem ingénita com o coração, mas que se faz e se adquire como um fruto bom de árvore má, que, sem rega de muitas lágrimas, não vingaria. Padre Dinis não acreditava nos cilícios e disciplinas e jejuns como máquinas de fabricar santos. Frei Baltasar inspirava-lhe de sua ilustração um conceito muito elevado. A fama das suas penitências, flagelos e mortificações, na fé do antigo Sebastião de Melo, era uma credence popular, que o dominicano desmentia com os seus setenta e sete anos. O espírito poderia extenuar-se em recônditas amarguras, mas a carne, se não opilada e succulenta como a de um frade de Alcobaça, estava sadia e vigorosa, *quantum satis*, e o mais e melhor que podia, naquela idade, ambicionar-se.

Dito isto, observemo-lo na ocasião de melhor se avaliar.

– Esperava-vos com ansiedade e sofreguidão – disse o frade, abraçando o hóspede. – Vai, não vai, estive para escrever à Sr^a Condessa de Santa Bárbara, pedindo-

lhe que vos dispensasse algumas horas em benefício do velho frade de Santarém... Agora sois meu; vou mandar trancar a portaria e pedir uma ração vitalícia para vós... Rides? Vereis... Hei-se encantar-vos com bruxarias de frade, que são piores que as de velha. Eu herdei a nigromancia do venerável Gil, que os pagãos do cristianismo beatificaram em honra dos seus feitiços... Parece que me estais chamando herege!... Ora sentai-vos, e entremos, como bons cristãos, em santa harmonia no ágape de um jantar de dominicano, que vos não será indigesto, porque o nosso padre S. Domingos é melhor advogado contra indigestões que os beatísimos patriarcas Bento e Bernardo

Como vêem, Frei Baltasar era chistosamente satírico sem maledicência. Os assuntos celebrados por graves pensadores do século anterior, e pela tradição veneranda do povo, como S. Gil, com quem o divino Garrett brincou depois, eram objectos de mofa para o frade filósofo, não da negativa filosófica da escola francesa do século XVIII, mas da crítica pensadora, desprevenida, em que os abusos são joeirados e o facto indestrutível e acrisolado das fezes, que lhe apoucam o quilate.

Padre Dinis, simpatizando cada vez mais com aquele carácter especialíssimo no mosteiro, sentia-se impellido para aquele homem, com toda a efusão de franqueza que, em poucos minutos, ata em vínculo apertado duas ídoles semelhantes. Liga maravilhosa! O padre aborreceu sempre o frade!

Durante o jantar, na cela do nosso velho, que, por sua autoridade, se isentara das condições do refeitório, falaram em política, matéria fastienta e abstrusa, que, trazida para aqui, seria uma inglória usurpação ao jornalismo, calamidade imprevista por Gutenberg.

Findo o frugal repasto, Frei Baltasar indicou a padre Dinis um quarto para descanso e entrou no seu. Em uma hora, dormiu, orou e pensou.

Padre Dinis escrevia quando o incrédulo cronista de S. Gil lhe ecoou pela fechadura um *benedicite*, em lúgubre clave. Saíram juntos a passear na cerca; ampliaram a questão do jantar; concordaram em graves cousas sobre legitimidades dinásticas; duvidaram ambos das cortes de Lamego, sem as desautorizarem da sanção jurídica, disseram outras muitas causas rotundas e salobras, e recolheram, enfim, à cela, quando o sinal de vésperas os mandou recolher. Abriram os breviários, murmuraram os versículos em monótona toada e rezaram ambos, de joelhos, a salve-rainha do costume. A sua ilustração não era, pois, tão ilustrada que os desquitasse das obrigações de orarem.

Sentaram-se depois. Padre Dinis encetava uma nova conversação sobre qualquer assunto trivial quando Frei Baltasar, por um aceno cheio de majestade, lhe impôs silêncio.

– O assunto é outro – disse ele, e sobreestive em um recolhimento de minutos, como quem procura de um lance da alma recapitular os toques essenciais de um discurso estudado. Não era isso. O improvisado vinha-lhe pronto aos lábios; mas o coração parecia retrair-se represa de uma expansão que tão cara lhe devia ser.

– Meu amigo – disse ele, apertando a mão do hóspede –, o meu coração tem tanta vida... Estes tecidos de setenta e sete anos não se relaxaram ainda... Eu sinto aqui uma opressão... parece-me um temor de profeta... Estou constrangido... Ter-me-ei enganado com o homem que escolhi para o segredo da minha consciência?

– Não ousou responder-lhe... – disse o padre com ressentida dignidade. – Eu sou o que sou.

– Nunca me responderam assim! Vós sois o homem que eu imaginei... Não me iludi... Agora ouvi-me. Eu nasci no Minho. Meu pai era um fidalgo mais antigo que os reis desta terra. Sem os patriarcas da minha família, Portugal seria hoje uma nesga de Espanha e Afonso VI de Castela sepultaria em Guimarães a rebeldia do conde Henrique,

e Jesus Cristo não viria no campo de Ourique profetizar a derrota dos cinco reis mouros. Bem vedes que a ironia salva-me da imputação que faríeis à balofa vaidade do meu nascimento.

»Eu fui educado livremente. Nasci com maus instintos e franquearam-me carta branca para dispor à larga do ouro com que servia prodigamente as minhas imoralidades.

»Tive tédio de mim quando cheguei aos vinte e três anos sem o estímulo de uma paixão nobre, sem uma afeição pura por uma só de tantas mulheres que atirei à desonra, como fardos insuportáveis, suposto que na consciência me não pesassem nada.

»Por esses tempos, o conde de Viso... reparai que vos não escondo circunstância nenhuma... se vos não disse ainda o meu nome, logo vo-lo direi... o conde de Viso veio viver na casa de sua mulher, com quem casou no Minho. A condessa fora educada em Lisboa. Vi-a casada; não a conhecera solteira. Esta mulher tinha tudo que perde um homem. Era de uma formosura peregrina e de um espírito enriquecido por tal arte com os dotes da inteligência, que, pelo amor de tal mulher, pelos afectos desperdiçados ao homem boçal com que a casaram, eu seria um anjo, e um demónio, seria um virtuoso humilhado a todo o mundo para dominá-la a ela, seria um assassino dos meus amigos, se a condição do meu domínio fosse tal. Um homem que sente assim não é seu, nem da virtude, nem do crime, nem de Deus, nem da sociedade... E dela... é o que ela quiser que ele seja.

»O conde de Viso era general. Rústico e áspero da rudeza de soldado, sem trato com as sensações delicadas, e sem artifícios para fingir-se com a melindrosa mulher que as conveniências sociais lhe escravizaram, nunca se lembrou de medir o abismo que os separava, nem prever as batalhas que se davam no coração da odalisca, que reage contra a desabrida condenação de um cativo, em posse de um sultão, autorizado pelo sacramento do divino preceito, segundo dizem os casuístas de boa-fé.

»O timbre da sua voz não tinha inflexões. Mandava carregar os esquadrões, como chamava sua mulher para arrolar os alqueires de milho que entravam nas tulhas. Concebera a ideia de que há homens que vieram organizados para generais; que o seu ofício na guerra é matar e morrer e na paz recordar batalhas, pedir uma comenda para cada ferida, apontar as paredes atrás das quais os seus colegas se esconderam em tal refrega e procurar uma mulher, sem a qual não há outra máquina de criar representantes de glórias, que a Pátria agradecida jamais esquecerá.

»O conde de Viso era assim, e sua mulher era uma alma anelante, abrasada, cheia de quimeras, conspirando contra tudo o que há, porque as suas ambições eram tudo o que não há.

»Eu entrei em casa do general como quem vai estudar o terreno de uma batalha infalível. O meu orgulho dava-me de antemão os emboras do triunfo. As probabilidades eram todas minhas, ainda mesmo que a fama do meu nome entrasse ali, primeiro que eu, a acirrar os grosseiros ciúmes do conde e indispor a fina sensibilidade da condessa.

»A estratégia era torpe. Na presença daquela mulher os meus planos caíram. Olhou-me de um modo que parecia dizer-me: 'Recua, miserável!' Recuei. Queimava-se-me a cabeça, cheia de fantasias ardentes, e doía-me o coração de mágoas nunca sentidas, de esperanças, que me pareciam desenganos ao meu amor-próprio .. de ânsias que não tinham desafogo sem ela, silenciosa e impassível como um sarcasmo à minha vaidade, uma expiação das baratas vanglórias que me dera a hábil perfídia.

»Era a minha primeira paixão. Alimentei-a com lágrimas generosas. Senti-me outro na alma. Vieram-me subitamente as propensões para o bem. O coração abriu-se-me aos sentimentos terrenos, à compaixão pelos pobres, à meditação dolorosa e prestante para com os infelizes. A natureza, tudo isto que nos rodeia e nos não cativa um

afecto, porque o tumulto de paixões sórdidas nos separam do belo, pareceu-me formosa e esplêndida de um reflexo daquela mulher, que viera, como um anjo de paz, reconciliar-me com a virtude.

»Estranhais esta linguagem calorosa num velho de setenta e sete anos? A impressão deixou um sulco indelével. Esta suave reminiscência em minha alma é como a flor de toda a vida, sempre viçosa pelo orvalho de lágrimas. Teria morrido se a paixão sucedesse à paixão. Não era possível. Foi única... O corpo envelheceu, mas o espírito nutriu-se para sempre.

»O conde de Viso era rancoroso inimigo do marquês de Pombal. Eu de todo o meu coração o detestava, porque meu pai morrera, onze anos antes, no castelo de S. João da Foz, onde tragou suplícios da invenção carniceira de Sebastião José de Carvalho.

»O desejo de vingança fez-me parecer um homem superior na inteligência curta do conde. Nasceu daí a simpatia com que ele me acolhia em sua casa e a confiança inteira que eu pude hipocritamente captar-lhe. Quando eu lhe disse que esperava um momento feliz de cevar o meu rancor no sangue do conde de Oeiras, o general, que fora valente sob as ordens de Lippe, mas que não era capaz de desafrontar-se, face a face, das afrontas que lhe fizera Pombal nos salões do Paço, abraçou-me freneticamente, exclamando: 'Amigo para a vida e para a morte!'

»Nesse ano, era em 1777, morreu D. José. A notícia desta desejada morte implicava a queda do valido. O conde delirou de contentamento, e mais ainda quando D. Maria o chamou a assistir à sua aclamação, na qualidade de gentil-homem da sua real câmara, para que fora nomeado.

»O general partiu para Lisboa. A sua paixão única era aquela. Realizavam-se-lhe os sonhos ambiciosos, esqueceu as insignificâncias do amor que o rodeavam, olharia para a mulher como um empecilho ridículo, se lhe dissessem que a levasse consigo.

»Foi. D. Silvina despediu-se de seu marido com azedume, que ele não conheceu. Doeuse da desconsideração, sem propósito, natural à rudeza do soldado ambicioso, e julgou-se ultrajada na sua vaidade.

»Eu adivinhei-a. Felicitei-me de um triunfo e desabafei o desespero, que acabara por pintar-me aquela mulher invencível.

»A condessa sabia... sabia de mais... que eu a adorava... Lutara contra o coração, contrariara-o nos impulsos, que a deviam finalmente... perder. Viu-me sofrer na humildade... sofrer calado, dando-me voluntário a maiores desenganos, enobrecendo-me até de sofrer por tal mulher... Mas era fraca... sê-lo-á sempre toda a mulher que combate dois poderosos inimigos... inimigos, sim, a indiferença do marido, o cansaço imprevidente da posse, os extremos do estranho e o carinho mais fervoroso do desejo. Fossem elas virtuosas até ao martírio... renegariam, se lhe não fechassem as avenidas à tentação do amante... Renegariam, despojando-se das glórias do seu orgulho estéril; da sua consciência, pura sim, mas incapaz de sanar as feridas da vaidade... Sucumbem todas... Sucumbem, padre Dinis, quando a paciência do amante se aproveita das impaciências do marido... Era assim o mundo, é, e sê-lo-á sempre... Serão todas como aquela, quando uma verdadeira paixão, fértil de recursos, .as inquietar na sua tranquilidade sem-sabor, naquela sua íntima ambição de viver com um outro homem, que lhes sabia colher as flores da alma, e não as aprecie apenas pelas formas exteriores...

VI

– No fim de onze meses, o gentil-homem ordena bruscamente à condessa que parta imediatamente para a corte. Sentimos o efeito de um raio. O general devia ter sido forçosamente informado por cavalheiros, vizinhos meus, reservados em velhos ódios, e espíões solícitos da minha intimidade com a condessa. Em todas as cartas para sua mulher, o conde incluía uma para mim, ou uma qualquer recomendação, menos na última. A frase desta era selvagem, imperiosa e semelhante a uma ameaça. A partida da condessa, padre Dinis, era impossível. A desgraçada não tinha defesa nenhuma. Oculta, há três meses, aos olhos dos estranhos, como poderia apresentar-se em face de seu marido?!...

»A resposta que o conde recebeu escreveu-lha o seu mordomo. Participava-lhe o desaparecimento de sua esposa, agravando o facto com a coincidência de eu ter desaparecido, com cavalos, criados, e a maior parte da minha fortuna, que realizara em uma venda repentina.

»Assim fora. Recobrado do torpor em que me deixara a ordem do conde, pedi ao coração um conselho, um lance de coragem com que pudesse reanimar Silvina. Foi instantânea a inspiração. Não a teria nunca, se aquela mulher não fosse a minha suprema alegria, a minha paixão nobre, tudo que sobre a Terra pode impor-nos o sacrifício da fortuna, do sangue e da honra.

»Disse-lhe que a sua vontade não podia obedecer ao general: respondeu-me que, antes de obedecer-lhe, tinha o recurso do suicídio. Senti, nesse momento, a melhor sensação da minha vida. Realizara-se a esperança: um absoluto domínio sobre aquela mulher.

»Dois dias depois, da fronteira de Espanha dávamos a Portugal um adeus para sempre. Do meu património, tudo que eram bens livres vendi-os por mais de cem mil cruzados. A minha felicidade era ela; mas em qualquer ponto do mundo, com aquele dinheiro, encontraria a felicidade que se compra.

»Silvina não quinhoava do meu contentamento. Em mim era tudo expansão das íntimas alegrias de quem não tem no coração espaço para outros desejos. Nela, uma tristeza sombria, uma reconcentração muda, um cismar contínuo, que parecia distraí-la de mim, insensibilizá-la aos meus extremos de mimo e cuidado da sua felicidade.

»E, contudo, eu não podia queixar-me do seu amor. Aquela tristeza era providencial. O grito do pressentimento falava-lhe mais alto que os meus alentos.

»Chegámos a Veneza, onde imaginei que o Céu influiria na enfermidade moral da condessa. Vivíamos obscuramente, com aparências que não excitavam a curiosidade, sem estado, sem um sintoma que pudesse denunciar a qualidade dos forasteiros.

»A melancolia da pobre senhora aumentava. Por fim, vieram as lágrimas e as profecias da sua morte próxima. Abraçava-me convulsivamente, e dizia-me: ‘Cedo ficarás sem mim. Vou com a glória de ter sido verdadeiramente amada; e deixo-te na consciência uma voz eterna, a dizer-te que o mereci... Perder-me... seria pouco; não me sacrifiquei, porque indemnizaste o que fiz com muito amor. Por este amor, quero dar-te a vida... esta sim, que ta dou... não tardará...’

»Padre Dinis, vem vê que falo e choro francamente... Desculpe-me estas lágrimas... Na presença de outro, acho-as doces... sozinho, como as tenho chorado sempre... queimavam-me

»Veio o momento da profecia.

»Silvina, alvoroçada por uma dor que nunca sentira, e reconheceu ser a última que devia sentir, revelou-me um segredo que os médicos lhe revelaram a ela quando seus

pais a arrastaram ao casamento. Recebi-o cheio de terror! Comuniquei-o ao primeiro, ao segundo, a uma junta de médicos que chamei para ao pé do leito da minha voluntária vítima. Arrefeceram-me todas as esperanças, pelo gesto receoso com que me responderam. ‘Pois é impossível salvá-la?’, perguntei-lhes com as mãos erguidas. ‘Impossível, não’, me disseram eles. ‘A ciência faz milagres muitas vezes.’

»Agora, padre, compenetre-se desta agonia. Eu estava com os ouvidos colados à fechadura do quarto da minha infeliz amiga. Ouvia-lhe os gritos vibrantes, os gemidos sufocados à custa do peito que lhe estalava, as animadoras consolações de um médico, que ela não ouvia estorcendo-se no leito, que parecia desconjuntar-se

Ouvi tudo, padre Dinis... ouvi o meu nome... o nome que todos ignoravam... D. Álvaro de Albuquerque!... Julgavam-na delirante quando eu entrei... Estendeu para mim os braços, debateu-se pendente do meu pescoço em convulsões frenéticas... Mandaram-me retirar em favor à salvação daquela senhora... Sai cheio de lágrimas e esperanças... Escutei ainda... Conheci, pelo tinido de ferros, que se tentava o derradeiro esforço... Os gritos redobram mais agudos, e de súbito enfraqueceram, até se ouvirem como gemidos abafados. Abriram a porta, e um médico me disse: ‘Faça entrar a mulher a quem há-de ser entregue a criança, que felizmente está viva...’ ‘E ela?’, interrompi eu. ‘Morre’, responderam secamente. Esqueci a recomendação do médico; entrei no quarto; corri ao leito; vi Silvina com o rosto escarlate, banhado em suor frio, e os olhos fechados. Respirava, parecia mesmo que sorria... Chamei-a, respondeu em delírio, balbuciando o meu nome. Chamei-a de novo; repetiu o meu nome ainda. Bradei com aflição: ‘Silvina!’ ouvi-lhe pela terceira vez pronunciar: ‘Álvaro!’ Estremeceu... arrancou um longo gemido, o último, abriu os olhos, cobria-os uma névoa branca... estendeu o braço direito, convulso, robusto do último acesso de vida... Beije-lhe a mão... Senti nos lábios o frio de um cadáver... Estava morta.

»Padre Dinis, as minhas crenças religiosas nasceram naquele instante. Sem Deus, há punhaladas incuráveis. Não caí morto!... espantei-me da minha coragem, e conheci que não podia tê-la sem conforto do Céu. Lembrou-me o suicídio... olhei em redor de mim, como quem procura uma pistola, um abismo, e vi uma criança, que vagia ao peito de uma mulher.

»Falo com um homem de inteligência e coração. Conceba-me e condoa-se, sem que eu lhe conte os meus tormentos minuto por minuto. A desesperação abriu-me um inferno aos pés. Se me dissessem então que desafogasse o aperto da minha alma com orações... responderia com insultos à impotente piedade. Trovejavam-me dentro do coração todas as fúrias. Aquilo era a expiação mais atormentada que pode contar-se desde que a Providência prepara o abismo para os criminosos. Foi necessário convencer-me que o dedo de Deus estava ali... Foi necessário convencer-me de que lutava com Deus para retraindo no coração as blasfêmias inventadas para minha desesperação

»Silvina dormia o sono eterno... Os sinos dobravam por ela quando me retirei de Veneza. Meu filho vinha ali ao meu lado. Cheguei a Roma. O terror ia comigo. Debaixo daquele céu arrastava-me, como réptil esmagado. Não tinha coração para nada, nem inteligência que divertisse o meu espírito da sua angústia entranhada. Foi aí, na Basílica de Santa Maria dos Anjos, encostado à pia baptismal, procurando aturdir-me com a fúnebre toada dos órgãos, foi aí que me feriu de repente o pensamento de ser frade. Não era o amor à religião, não era adjudicar-me aos cilícios, e à Tebaida mortificada de jejuns e disciplinas... era a necessidade de realizar em mim a derivação da palavra *monge*... Triste e só. Isto era maior valentia que o suicídio... Esta mortalha, que vesti há cinquenta e quatro anos, tem mais heroísmo que a covarde aniquilação de um corpo, incapaz de suportar as tempestades da alma.

»Concebi de um relance todo este drama de dores escondidas aqui, não sei há que tempo, há que séculos... O tempo da minha alma não se conta... Decrépito aos vinte e quatro anos, não sei como tem sido este durar... E um prodígio de organização... um milagre, talvez...

»Dominava-me o indomável desejo de voltar a Portugal... Queria o martírio aqui no meio dos meus, mas só comigo... Parecia-me mais aflitivo este género de insulação... Lembrou-me até bater à porta de Tibães; mas aí era impossível. O dom abade era meu tio, conhecia-me, conheciam-me todos; e a alguns tiros de distância estava o palácio do conde de Viso... Vim, sem fixar o túmulo onde devia sepultar-me... Antes de sair de Roma, procurei pela primeira vez um meu primo, encarregado dos negócios de Portugal. Denunciei-lhe a minha alma. Em vez de censuras, captei-lhe a consideração. Encarreguei-o de velar pela educação de meu filho. Deixei-lhe toda a minha fortuna, excepto o património com que devia entrar no convento. Pedi-lhe inviolável segredo sobre o meu destino; parti, não direito a Portugal; fui a Veneza, recebi o cadáver meio dilacerado de Silvina, pus a meu lado aquele cinerário de chumbo, vinha ali como um *memento* implacável do meu crime... pesava-me no coração... Ei-lo ali... é o meu genuflexório... A lâmpada, que, durante a noite, alumia aquela cruz, treme sobre a cobertura desse caixão em sombras que me fazem sentir aqui dentro o frio da morte... E isto todas as noites!... Levanto-me, ajoelho, oro com muita fé, chamo-a, reproduzo-a com todos os traços, vejo-a, quando era bela, quando era virtuosa, quando se contorcia no trespasse, suspensa no meu pescoço, quando lívida e regelada, e cerrando para sempre os olhos, em que li o meu perdão... Há cinquenta e quatro anos assim!... E vive-se, padre Dinis!... Vivo desta vida... Intitulam-me santo... querem-me para tudo que é tribulação de consciência, invejam-me a santa paz da alma, pedem-me a ciência que encaminha ao Céu... A mim, padre Dais!... É este o mundo... Santificam-se assim os homens...

– Com Vossa Reverência não se engana o mundo... – interrompeu o padre.

– Engana-se. A consciência do justo não é perturbada...

– Pelo pesar de passadas culpas, e... e sempre.

– Aqui não há só o homem que foi a flagelar o que é. Sinto desesperações... e a consciência do justo espera sempre...

– Com resignação novos tormentos, que possam vir experimentar-lhe a coragem.

– Tenho-a para todos; mas não posso sofrer uma ânsia toda deste mundo... Por ela esqueço-me de Deus e do Céu... É um desejo impotente, impossível de realizar-se

– Que deseja?

– O impossível... não me adivinha?... Esqueceu a minha história... não vê que deixei em Roma...

– Um filho?...

– Sim, o meu filho, o filho de Silvina...

– Pois não o deixou entregue a um seu primo?...

– Deixei. Correspondi-me com ele durante dois anos, com grandes intervalos... Ao cabo de dois anos, meu primo morreu quase de repente, e com ele a única pessoa sobre a Terra que sabia da minha existência. Eu não podia declarar-me, não podia escrever a alguém... e a quem? Era frade... morrera para todos... Inventei um escrúpulo de consciência. Saí desta casa com o bordão de peregrino. Fui a Roma, achei-me enganado nas minhas esperanças, ninguém me conhecia. Fui a Veneza. Procurei a ama a quem fora entregue meu filho. A pobre mulher, quando me conheceu, não podia calar os soluços. ‘Morreu?’, perguntei-lhe eu, com a serenidade da resignação. ‘Não morreu enquanto o eu alimentei ao meu seio’, me respondeu ela. ‘E depois?’ ‘Não sei’, dizia a chorar a única pessoa que conhecia um coração de pai a bater debaixo deste hábito.

»‘Não sabe?’, lhe tornei eu ansiosamente. ‘Pois não estava em seu poder meu filho?’ ‘Estava, mas, momentos antes de expirar o seu amigo, fui chamada à sua presença. Estava aí um senhor, que recebeu o menino dos meus braços e saiu. Nunca mais os vi... Ainda perguntei ao seu amigo se o menino me era tirado por eu não ser uma ama digna... Já me não respondeu... Morreu com o segredo do destino que levou o meu querido menino.’

»Aqui tem o que é um mistério aflitivo, insuportável. A quem foi entregue o meu filho? Não sei! Quem me diz o que se há passado em cinquenta anos que pesam sobre este segredo? Ninguém, padre Dinis! Nem uma inspiração!... nem um vislumbre... nem a mais pequena suspeita!... Homem extraordinário, podeis levantar-me de sobre o peito esta barra de ferro, que me não deixa elevar a Deus um suspiro bem contrito dos meus crimes? Dais-me um longe de esperança, que me conforte até morrer, ainda que nunca se realize?

No semblante de Sebastião de Melo transparecia o clarão do espírito que se ilumina por força sobrenatural. Se os oráculos fossem verdadeiros, o arúspice, consultado nos grandes conflitos, deveria anunciar a resposta por aquele afogamento de rosto, como aceso pelo jorro de luz que lhe vinha do Céu.

Frei Baltasar contemplava-o e dizia na sua consciência que o homem de Deus, o profeta, o santo, ia apontar o ponto do globo em que, a essa hora, se achava o filho de Silvina.

Fixavam-se com não sei que fascinação, que os assemelhava, na penetração dos olhares, a dois adversários que se medem para arcarem em luta rancorosa.

Depois da pausa, padre Dinis, com a mão direita na testa, como se os frontais se lhe partissem, perguntou:

– Conheceu o marquês de Luso?

– Conheci.

– Sabe se esse homem, quando morreu seu primo, estarias em Roma?

– Deixai-me recordar... O marquês de Luso... estava!... Sei que estava... Foi enviado extraordinário a Sua Santidade para sanar as desinteligências da Cúria com o marquês de Pombal... Porque me fazeis essa pergunta?...

– Sabe que destino teve, depois, o marquês?

– Esperai!... Sei... Terminadas as negociações, foi mandado substituir em França o embaixador, que caíra no desagrado da rainha...

– Oh! Santo Deus!... – murmurou o padre, escondendo, como era costume seu, o rosto entre as mãos.

– Que é? – acudiu o dominicano, erguendo-se e correndo para ele. – Não me digais meias palavras

– Ainda outra pergunta...

– Dizei... depressa... oh!... falai, por piedade...

– Que capital me disse Vossa Reverendíssima que deixara para ser administrado para seu filho?

– Cem mil cruzados...

– Era só dinheiro?

– E algumas jóias...

– Só?

– Só... não me recordo de mais nada...

– Não havia aí um grilhão de ouro...

– Com um punhal...

– E na lâmina – interrompeu padre Dinis, com os cabelos eriça dos de entusiasmo –, e na lâmina não tinha uma legenda esse punhal?

– Tinha... – tomou aceleradamente o frade – tinha... de um lado... *Múcio Cévola*, do outro: *Morte a Porsena*...

– Senhor! – exclamou padre Dinis, estendendo-lhe o braço trémulo.

– Dizei... íeis fazer-me outra pergunta?!

– Basta... E tudo que podia dizer-se e saber-se

– Pois quê?!... – balbuciou o monge, tomando o padre entre os braços –, sabeis... conjecturais, que é possível encontrá-lo?... Vive?... Uma palavra vossa... uma só...

Deu-se um fenómeno, que o coração não explica. Padre Dinis não respondeu à última pergunta do frade. Olhou para a cruz, como a invocar o testemunho de Jesus Cristo. Os olhos do dominicano instintivamente seguiram os do clérigo. Sem se consultarem, ajoelharam ao pé do caixão de chumbo, que formava a peanha do crucifixo.

– Oremos! – disse o padre...

Era um êxtase, sem murmúrio... Um como quebrarem-se os vínculos do corpo para que a alma subisse a Deus... Correram minutos... De improviso, Sebastião de Melo estremece em convulsões, empalidece debaixo das vagas do suor, cai com a face sobre o túmulo, e exclama:

– Minha mãe!...

VII

O homem endurecido pelos desgostos pequenos, mas sucessivos, adquire têmpera de cora o para vencer a suprema das dores. Não cai por fraqueza de alma. Pode sentir-se morrer devagar em cada fibra; mas ai, nesse desla ar dos vínculos da matéria, não há debilidade de espírito. O que morre   o corpo, cujas condi es de vida não subsistem com a macera o incessante da alma. O homem, pois, que muito sofre, e não se furta  s dores, aniquilando-se,   a continua o do Filho de Deus sobre a Terra;   porventura o eterno Cristo expiando a primeira culpa do tronco verminoso da humanidade.

Na alegria   que o homem   para pouco. Não tem frieza nem superioridade de alma para abençoar os grandes lances de ventura, que o surpreendem. A dor naturalizou-se-lhe na vida, converteu-lhe todas as aspira es em desalento, envenenou-lhe o ar que respirava, e tornou-o invulnerável pelo veneno. De súbito, fende um raio de luz as suas trevas. O ar puro de júbilos inesperados expande-lhe o pulmão em sorvos de esperança reanimadora. O homem então   fraco. A dor, que o não vencera, enervara-lhe o cora o, não lhe deixara. o órgão do prazer, mata-o, porque o abandona, e porque a seiva que alimentava esse homem era o fel da desespera o.

Frei Baltasar foi assim. Quando o padre, inclinado sobre o cofre das cinzas de Silvina, invocava sua mãe, o dominicano ergueu-se como de um pulo, recuou com o pasmo e o terror nas imóveis pupilas, com as mãos convulsas afastava dos olhos o véu daquele sonho, e dos lábios, crispados nervosamente, apenas lhe ca ra uma exclama o, que tanto poderia exprimir o júbilo como o terror.

Sebastião de Melo, volvendo o rosto a procurar o frade, cujas como es não percebera logo, viu-o nessa postura. Foi direito a ele, oferecendo-lhe o peito para abraçá-lo. O frade recuava. Seguiu-o, pronunciando um nome que devia aquiet -lo daquele delírio, e o frade, encostado   parede da cela, com os braços estendidos, parecia afastar horrorizado o espectro que o perseguia. Padre Dinis assustou-se do resultado da impressão. Cruzou os braços diante de seu pai, esperando uma palavra que revelasse o contrário de tristes suspeitas. Essa primeira palavra confirmou os desgraçados receios. Passados minutos, o frade soltava uma estridorosa gargalhada e exclamava, entre frouxos de riso, particulares no idiotismo:

– Padre! vieste zombar do pobre velho!... Há cinquenta e quatro anos que deixei em Roma uma criancinha, e apareces-me tu, velho de cabelos brancos a dizeres que  s meu filho!... Impostor!... O meu filho   uma criança de cabelos louros, olhos negros como os de Silvina, e tinha uns lábios que vagiam como sua mãe suspirava. O meu filho... tu... o meu filho!... Por que não te lembras dizer que  s el-rei D. Sebastião, que volta do encantamento em que o tiveram as fadas do Criso?!... Aproveita-te do *si vera est fama* do túmulo do rei, em Belém!... Diz que  s ele...

Endoudecera. Padre Dinis, enquanto o monge com horríveis esgares acompanhava a zombeteira apóstrofe, fixava os olhos na cruz, suplicando-lhe, como de recurso extremo, o remédio para tal conflito.

Nos dormitórios ouvira-se a exclama o virulenta do monge. Pela primeira vez, era assim quebrado o silêncio da alta noite. O prelado, avisado do extraordinário incidente, veio   porta da cela e escutou. Dentro, era profundo o silêncio. O frade ca ra esvaído em uma cadeira, e padre Dinis contava-lhe as palpita es do pulso, como quem receia a morte depois da demência.

O prelado, não querendo recolher-se sem averiguar o estranho sucesso, murmurou pela fisga da porta:

– Frei Baltasar, sente-se incomodado?

Não lhe responderam. Repetiu, mais alto, a pergunta, e, suspeito da continuação do silêncio, abriu a porta, como lhe era permitido e entrou.

Ao mesmo tempo, o dominicano abria os olhos e fixava-os pavidamente na fisionomia do padre, e logo depois na do prelado, que parara perplexo diante do grupo.

– Que tem Vossa Reverência? – perguntou ele, tomando-lhe carinhosamente a mão, que lhe oferecia...

A resposta foi uma lágrima e um sorriso.

O prior voltou-se para o desconhecido clérigo e interrogou-o pelo acontecimento. Padre Dinis respondeu:

– Era necessário que Frei Baltasar estivesse no uso da sua inteligência para responder... Eu não posso satisfazer à pergunta de Vossa Reverendíssima.

O frade cortou as instâncias do prior com uma outra risada, mais significativa que a primeira, porque já não era o delírio de uma surpresa de felicidade; era a confirmação, da loucura.

– Frei Baltasar está doudo? – perguntou o prelado a padre Dinis.

– Doudo... eu! – exclamou o frade, saltando para o pé do caixão dos ossos de Silvina. – Doudo... eu!... por querer guardar este tesouro... – e apontava para o cinerário – o sepulcro do meu coração... este penhor que conservo há cinquenta e quatro anos para legá-lo a meu filho... Chamais doudo ao velho que vos pode dar lições na ciência do sofrimento?!... Doudo!... Chamai-me antes desgraçado... rematai os meus suplícios, cuspiendo-me nestas cãs... Cuspi... mas olhai que cada cabelo branco, que me vedes, é uma hora de vida golpeada, triturada, esmagada debaixo do pé de um demónio!... Cuspi... ímpios!, que aqueles ossos heis-de ouvi-los ranger no seio daquele esquife de chumbo... Cuspi, fariseus da virtude, que todos os dias chegais a esponja de fel e vinagre aos lábios do manso cordeiro representado pelo homem que sofre... cuspi...

– Frei Baltasar – atalhou o prelado –, olhe que fala com amigos... Não me conhece, não conhece Frei João de Deus, o seu discípulo querido, como me chamava ainda ontem?

– Esse... morreu!... – balbuciou o dominicano, soluçando e passando pelos olhos a manga do hábito.

– Não me conhece a mim? – interrogou padre Dinis, levando-lhe a mão ao coração.

– Conheço... Tu és o homem a quem eu contei a minha vida Prometeste dar-me conta de meu filho, andaste por lá tantos anos, e ao cabo vieste dizer-me que meu filho era um padre de cabelos brancos, com as rugas da velhice na face macilenta, com o lume dos olhos amortecido e com o aspecto do malvado, que se faz interessante pela hipocrisia...

– Isso é verdade?! – interrompeu o prior, dirigindo-se ao padre.

– É verdade, senhor, que o filho de Frei Baltasar é esse homem que ele descreve, mas não é o malvado que se faz interessante pela hipocrisia.

– Cada vez estou mais confuso!... – tornou o prelado. – Preciso que falemos, Sr. Padre.

O frade, extenuado dos violentos embates, não susteve a postura vertical, que sustentara minutos a par com o caixão das cinzas. Viram-lhe o sangue arrouxado do delírio escoar-se em palidez repentina, as pálpebras caírem e os braços, como alquebrados, descerem a procurar encosto. Tomaram-no nos braços, transportaram-no à cela, onde esperavam encontrar um leito, e viram uma enxerga. Deitaram-no, puseram-lhe um leigo à cabeceira, saíram, e recolheram a casa do abade, onde conversaram vinte minutos.

Voltaram depois. Frei Baltasar dormia. Tristes visões deveriam povoar-lhe o sono

convulso: de vez em quando ressoava palavras ininteligíveis e soturnas daquele som cavo que aterra, quando vem quebrar o profundo silêncio da noite. Padre Dinis, com a alma atormentada no marulho das ideias excruciantes, que lhe restavam ainda na última cena da sua vida, cruzava os braços diante do espectáculo, que se lhe afigurava um sonho. A demência de seu pai estava justificada pelo estranho abalo que ele, corajoso alvo de todas as impressões, sofria na razão. Admirava-se de si. Atribuía ao estado de Álvaro de Albuquerque a presença de espírito, que, por indemnização, lhe concedera o Altíssimo. Padre Dinis sucumbiria, a não distrair a sua força moral nos recursos inúteis para salvar seu pai.

Os médicos, chamados a curar o efeito da causa misteriosa, capitularam de congestão cerebral o acesso. Sangraram copiosamente o ancião, que vivia mais pelo espírito que pelo sangue. Ao amanhecer, a lanceta, rasgando de novo as veias exaustas do enfermo, abriu por assim dizer a sepultura ao moribundo.

Frei Baltasar não dava esperanças. Raro abriu os olhos para ver em redor de si a consternada comunidade, que lhe beijava a mão, quase gelada. As preces, no coro do templo, de hora a hora, suplicavam a Deus a vida do último homem virtuoso como o primeiro frade. O povo de Santarém aglomerava-se na portaria, perguntando pela saúde do pai, do benfeitor e apóstolo. A última prece da comunidade foi suspendida pelas badaladas da agonia. Rodearam o leito do frade moribundo, que, só na insensibilidade dos paroxismos, consentiu um leito... para morrer. Acabava de ser ungido. O ministro da extrema-unção entoava: «Senhor Deus, misericórdia!» e os circunstantes, afogados em soluços, respondiam: «Senhor Deus, misericórdia!» Foi então que o dominicano abriu os olhos. O seu semblante era sereno. Um clarão de vida, como ela é na robustez da adolescência, iluminou-lhe o rosto. Por entre os lábios, meio abertos em sorriso, saíram as palavras: «Senhor Deus, misericórdia!»

– Milagre! – exclamaram os monges. O moribundo fixou padre Dinis, acenou-lhe para a cabeceira do leito e murmurou-lhe aos ouvidos estas palavras, tardias, entrecortadas pela necessidade de repouso em cada palavra que balbuciava:

– Morro... quando devia morrer... Precisava de entregar. o meu depósito... Meu filho, herdas de mim os ossos de tua mãe... Aquele caixão deve, por fim, entrar comigo na mesma sepultura... Cumprirás... não pergunto... sei que cumprirás o legado de teu pai.

Padre Dinis ajoelhou. O frade estendeu-lhe a mão sobre a cabeça... Quando a retiraram, estava fria.

.....

Rezavam-se os responsos em volta do ataúde de Frei Baltasar da Encarnação. O abade empenhara-se com os pregadores da casa para recitarem uma oração fúnebre que solenizasse as exéquias do santo varão. Não houve um frade que tivesse ânimo para sustentar quinze minutos, em palavras, o sentimento que só as lágrimas exprimiam.

A hora em que devia surgir no púlpito o orador, que ninguém esperava, convergiram para ali todos os olhos. Viram, majestoso de incutir terror, entusiasmo e devoção, o levita de vestes negras, os raros cabelos eriçados, a maceração no rosto e tremor convulso nos lábios. Era padre Dinis.

Antes da palavra, vieram as lágrimas. Às lágrimas sucedeu a eloquência dos gemidos, o hino do anjo da dor cantado sobre o túmulo. Tremiam a sezão do fervente enlevo os que, mais corajosos, puderam ouvi-lo. Alguns retiraram-se com o lenço nos olhos e arquejantes no coração. A oração expirava, quando principiou o órgão. O padre demorou-se no púlpito com a fronte pousada no parapeito. Assustaram-se. Foram, e

conduziram-no à cela, esvaído, como se, com a última lágrima, exaurisse a derradeira gota de sangue.

VIII

Na Praça da Alegria, à porta de uma casa de três andares, decorados de persianas verdes e opulentos cortinados nas janelas, parou uma carruagem.

No mesmo quarteirão, à janela de uma casa de dois andares, com sacadas de pau, muito expressivas da debilidade financeira dos seus locatários, estavam uma mulher de meia-idade e um homem de cabe-los brancos, com a barba justamente apoiada sobre a cabeça da mulher, que fixava atentamente a pessoa que apeava da carruagem.

– É o mesmo das outras vezes... – disse a Sr^a D. Emília do Loreto, recolhendo-se, ao que parecia, contente de satisfazer a sua inocente curiosidade.

O marido seguiu-a, desceu da testa para a base do nariz os seus óculos prodigiosos de metal, e abancou, continuando silenciosamente a sua tarefa de copiar música.

– Tomara eu saber – disse ele, passados alguns minutos – que nos importa a nós quem entra ou sai de casa dos vizinhos!

Sua mulher, aparando hóstias, que acamava em um cilindro de lata, não respondeu. O Sr. Joaquim dos Reis, ao dobrar a folha do papel pautado, olhando por cima dos óculos para sua mulher, que não erguia a vista do seu trabalho, continuou:

– Sim... dizia eu que me importa a mim ou a ti que naquela casa das persianas verdes viva uma bonita rapariga, que é visitada todos os dias por um homem que não sabemos se é pai, se irmão, se marido, se amante?!

E a Sr^a D. Emília calada.

– E o caso é – prosseguiu o inexorável – que me tenho deixado ir contigo à janela, como se a cousa me desse muito que pensar! Valha-vos Deus, filhas de Eva!... Haveis eternamente de convidar os filhos de Adão a comer do pomo proibido!

D. Emília suspirou profundamente.

A leitora, ciosa das suas regalias do *dom*, custa-lhe a conceber a razão por que aquela mulher, que vive de fazer hóstias, não há-de ser simplesmente a Sr^a Emília, casada com o Sr. Joaquim dos Reis, obscuro copista de solfa.

É por motivos que vamos anunciar-lhe.

D. Teotónio de Mascarenhas, monsenhor da patriarcal e filho segundo de uma das três mais antigas famílias de Lisboa, era pai de D. Emília do Loreto, de D. Antónia dos Prazeres e (supomos que era) de D. Maria Amália. A mãe destas meninas era uma mulher de baixo nascimento, que principiara vendendo peixe na Ribeira Nova, que passara aos dezoito anos com uma barraca de fruta para a Ribeira Velha e que se estabelecera aos vinte e cinco anos com uma loja de bacalhau à Conceição Velha, na casa que faz esquina para um beco que conduz ao bairro de Alfama.

O estabelecimento de bacalhau, abundante e acreditado, revelava um rápido impulso, dado por favor estranho, ou milagre de Santo António, aos cabedais da Sr^a Anacleta, abaixo de medíocres. É que, a esse tempo, estava ela adstrita à poderosa fortuna do monsenhor, que a tomara como sua, desquitando-a, à custa de muito dinheiro, da posse de um beneficiado da Sé, que a mudara dos linguados e tainhas da Ribeira Nova para as melancias e castanhas da Ribeira Velha.

Os do seu tempo diziam que a bacalhoeira era uma desenvolta mulher, capaz de encadear em uma apóstrofe nervosa quantas obscenidades inventaram as gerações de peixeiras que lhe legaram uma barraca na Ribeira. Acrescentaram, porém, que não podia conceber-se mulher nem mais formosa, nem mais elegante.

D. Teotónio de Mascarenhas era invejado e tinha orgulho de sê-lo. Não escondia a sua paixão, nem sacrificava a vaidade da sua conquista aos brasões de seus avós, nem à dignidade eclesiástica que exercia.

Só assim se explica a imprudência, se não impudência, com que ele perfilhava as filhas, lindas crianças, que a Sr^a Anacleta lhe dava, como frutos da sua fidelidade, porque, sejamos francos, as duas primeiras eram o pai pintado na finura da organização e no belo castanho dos olhos vivos.

Mas eram três, como já dissemos, as criaturinhas. A terceira (caprichos da natureza!) não tinha nem a delicadeza de formas, nem o orgulho cintilante das outras. Fatalmente, uma desastrada coincidência veio afrouxar o favor paternal no coração do monsenhor. Fizeram-lhe indiscretos amigos acreditar que um espadaúdo capitão de cavalaria foi visto sair de madrugada pela porta traseira da casa da Sr^a Anacleta. D. Teotónio, apaixonado amante, mas filósofo reflectido, espreitou umas poucas de madrugadas, e nada viu. O áspide da suspeita, ainda assim, tinha-o mordido. A farpa ficara-lhe na alma, e só o tempo poderia desencravar-lhe. É justamente o que ele esperava, quando nasceu a terceira menina, que se não parecia com seu pai.

O prebendado curtiu silencioso a afronta, que poderia, contudo, não ser afronta. Falou aos médicos, consultou a ciência no seu gabinete, interrogou o fenómeno da geração, e, quando viu que as respostas eram equivocadas e que os mais célebres médicos lhe davam como possível a geração sem rigorosa semelhança de traços corpóreos, o importuno acomodou-se. Ora, D. Teotónio, entre as virtudes que tinha, avultava na da imbecilidade moral, virtude austera mantida sempre na longa série de seus avós.

Como quer que seja, não podia ser inteiramente superior ao dente do ciúme. Com bons olhos nunca ele olhou para Maria Amália, que a extremosa Anacleta lhe fazia dar pulinhos nos joelhos e dizer *papa, chichi* e outras muitas meiguices, que o celibatário – o pior de todos os homens (isto é, o celibatário mais celibatário que o próprio padre) não sabe compreender.

Maria tinha nove anos e não fora ainda perfilhada. A Sr^a Anacleta, como boa mãe e solícita curadora do futuro de suas filhas, falou pela primeira vez em perfilhação ao pai das suas fidalguinhas, como ela intitulava o monsenhor da Patriarcal.

A resposta não lhe quadrou. Aquele sorriso, seguido do silêncio pior ainda, irritou-a a ponto de pedir à sua memória reminiscências de uns certos discursos com que ela costumava conter em respeito as suas vizinhas e os seus impertinentes fregueses do bacalhau.

– Então que celebreira é essa? – perguntou ela, cruzando os braços e afastando uma perna da outra em postura graciosa, mas nada honesta. – Temos asneira? Fina vai ela!... Então esta é menos que as outras? Não queres ser o pai desta?

Este interrogatório vinha perfumado de um recheio de palavras escolhidas, as quais antes queremos que o leitor não as usurpe aos ouvidos exclusivos de D. Teotónio, visto que foram propriedade dele.

O fidalgo, enxovalhado pela franca Anacleta, retirou-se calado, como prudente inimigo de escândalos, na presença de suas filhas, a mais velha das quais tinha catorze anos e a outra treze.

Desde esse dia, infausto para a tranquilidade que reinara ao menos aparente, durante quinze anos, naquela casa, Anacleta retirou os seus carinhos às duas filhas perfilhadas e desvelou-se em mostrar ao monsenhor que a escolhida do seu coração era a mais nova.

Retirados os carinhos, vieram as violências. As pobres meninas, educadas em mestra fora de casa até aos onze anos, não conheciam sua mãe, nas feições mais salientes do seu carácter. Descaídas da graça materna, viram-se a lutar com a antiga regateira. Aterraram-se, não ousavam queixar-se. O pai, suposto que palerma, era pai, e compreendeu-as. Lembrou-se de as afastar da influência da mãe; receou, porém, perder o amor de Anacleta, paixão verdadeira que se enraizara naquele coração fraco, humilde

e incapaz de se revoltar contra a fascinação que o agrilhoava à vergonha. Mas – pergunta a lógica – porque não perfilhava ele a terceira filha? Porque não restabelecia a paz doméstica, se não tinha provas bastantes da deslealdade da mãe?

Pobre homem!, as provas vieram depois. Dois anos antes tinha morrido no hospital dos militares um major de cavalaria que mandara restituir pelo seu confessor a D. Teotónio de Mascarenhas cem peças que lhe foram dadas por Anacleta, dinheiro que ele conscienciosamente sabia que era dele monsenhor.

Era néscio ou não era? Tinha ou não tinha razões para enjeitar a bonitinha moçoila que se lhe apresentava como sua filha?

D. Antónia dos Prazeres, a filha segunda, exausta de paciência, queixou-se ao pai. O bem-aventurado ouviu-a e disse-lhe que se resignasse, porque a desobediência era uma tremenda culpa no juízo de Deus. A pobre menina pediu forças ao Deus dos tremendos juízos e esperou.

Qualquer das duas podia disputar a beleza de sua mãe. O que a mãe não podia disputar-lhes era a doçura suave das maneiras, o ar aristocrata, as elevadas inclinações daquelas duas almas, que se identificavam nas mesmas lágrimas, no mesmo conforto e nas mesmas esperanças.

Anacleta era uma fúria. A entrada de D. Teotónio era sempre saudada com uma estrondosa salva de epítetos sonoros, desde *pelintrão* até *patife*. O ilustre descendente dos Mascarenhas algumas vezes chorou, e muitas outras fugiu. Triste cousa era para as filhas a fuga do pai! A mãe procurava-as, cuspiam-lhes na cara o fel que lhe sobejava, e, entre as lisonjeiras ameaças que lhes fazia, a mais suave era anunciar-lhes que haviam de vender peixe na Ribeira, como ela o vendera antes de se entregar a um monstro. Em honra da Sr^a Anacleta, seja dito que não confessou às filhas que passara pelos braços de um cónego antes de se entregar a um monstro, com a bagagem do cónego, segundo diziam, e é provável.

Deu-se um facto, que apressou o desfecho desgraçado que se anunciava naquela família. D. Teotónio recolheu-se um dia ao seu quarto, abriu as suas gavetas, vazou sobre uma banca alguns sacos de cruzados novos, contou os rolos de peças que tinha melhor acondicionados em um cacifro de charão, recolheu tudo, fechou tudo, e principiou a escrever.

Anacleta espreitava-o ansiosamente. Se o espírito do clérigo não estivesse tão absorvido naquela operação, poderia ouvir as pulsações do coração da bacalhoeira. A mulher suave de aflição. Duas ideias terríveis a dilaceravam... «Virá ele, movido por alguma nova suspeita, contar o dinheiro, de que eu tirei as peças para o capitão?

Mas o capitão morreu há dois anos... É impossível!... Então que é isto? Quererá tirar-me de casa o dinheiro, e as filhas que são dele

Então a minha querida Maria fica desgraçada... Não quero... não há-de ficar desgraçada... não há-de...»

Aqui está o que fazia contorcer-se à porta do quarto a soberana do coração do monsenhor.

Passados quinze minutos, D. Teotónio dobrou o papel em que escrevera, colocou-o na gaveta do seu dinheiro, fechou-a, meditou alguns segundos e saiu. Ao passar por Anacleta, estendeu-lhe a mão e disse-lhe suavemente:

– Venho hoje ceiar contigo.

– Como quiser... a panela não se aumenta – respondeu ela, sacudindo as saias como quem se levanta da costura.

Mal o padre voltara para a Rua dos Fanqueiros, Anacleta entrou no gabinete e leu sofregamente o papel, que continha o seguinte:

Apontamentos para o meu testamento.

Tenho em dinheiro cento e oito mil cruzados, que serão assim divididos: quarenta mil cruzados para cada uma de minhas filhas Emília e Antónia, que perfilhei por mercê régia de 16 de Agosto de 1792 e 5 de Setembro de 1804. Restam vinte e oito mil cruzados, que serão empregados em uma propriedade de casas, cujo usufruto deixo à Sr^a Anacleta dos Remédios, mãe de minhas filhas, e a estas por morte dela...

Seguiam-se apontamentos sobre sufrágios, que a Sr^a Anacleta não leu.

Ai!, pobre D. Teotónio de Mascarenhas!

A górgona saiu com meia cara lívida e outra meia escarlate. O papel tremia-lhe nas mãos, e duas vezes fez uma careta horrível e ameaças de rasgá-lo. O anjo mau susteve-a e inspirou-lhe uma pouca de filosofia e reflexão.

Anacleta entrou no seu quarto. Atirou-se a chorar de raiva para cima da cama, mordeu o travesseiro, rasgou a coberta e arrancou punhados de cabelos. A filha, a chorar ao pé dela, nem essa a distraía. Depois de fúria tornou a ser filósofa. Meditou, e o que quer que foi lhe veio à cabeça, que lhe fez saltar pelos olhos faíscas de alegria feroz. Entrou cautelosamente no gabinete de monsenhor, colocou o papel onde o achara, fechou a gaveta e a porta e veio sentar-se onde o beneficiado a deixara.

As duas meninas maravilharam-se, na sua água-furtada, onde trabalhavam, quando sua mãe lhes mandou dizer que lhe viessem fazer um bocadinho de companhia.

Vieram a tremer da maldade que se mascarava e encontraram-na risonha e afável, como nos primeiros tempos da sua volta do colégio.

– Sentem-se, meninas. Vejo-as a fugirem de sua mãe, como se foge de uma madrasta sem entranhas.

– Nós não fugimos... – balbuciou Antónia.

Maria, a mais nova, ia abraçar-se em suas irmãs, quando a mãe lhe disse colericamente:

– Venha para ali... não vá onde não é chamada...

– Deixe-a vir, minha mãe!... – disse Emília. – Que mal fazemos a nossa irmã, ou que mal nos faz ela?

Anacleta conheceu a sua impetuosa indiscrição e disse à pequena:

– Vai, vai... eu estava a sondar se eram amigas de sua irmã mais nova.

– Porque o não seremos?!... – disseram ambas; e abraçaram-na com sincera ternura.

– Pois, filhas, bem mal nos tem feito a todas a desconfiança que eu tinha a esse respeito...

– Qual, minha mãe? – interrompeu meigamente Antónia.

– Pareceu-me que olhavam como de mais nesta casa esta menina...

– Santo nome de Jesus! – disse Emília. – A nossa irmã, que beijávamos com tanto amor, quando vínhamos do colégio, ansiosas por abraçá-la!... Não se lembra das guerras que eu tinha com a mana Antónia a ver qual de nós andaria com ela ao colo mais tempo?... A mãe é injusta no seu silêncio... responda-me pelo amor de Deus... não se lembra?

A consciência estava atormentando Anacleta. Aquela alma de tigre, na sua forçada atribulação, principiava a arrepender-se de ter chamado suas filhas, na véspera de um atentado horroroso. Para aqueles olhos não havia lágrimas; mas, se pudessem ver-lho, o coração estava negro. O resto de sensibilidade, da pouca com que viera a este mundo, doía-lhe de morte.

– Não falemos nisso, filhas... Contai-me as histórias dos vossos livros, que eu não

tenho tempo de aprender... Deveis saber cousas muito alegres...

– E muito tristes, também – atalhou Emília. – Ainda há pouco estávamos lendo uma novela bem triste... A mana chorou bastante, e eu nem pude ler tudo...

– Que era? Conta lá, Emília... alguns amantes infelizes... há tantos casos desses...

– Olhe, mãe... Havia um fidalgo de uma terra... como era, Antónia?...

– Não sei... é assim a modo de... não sei... é um nome de uma terra francesa, muito mau de dizer...

– Isso não importa... – tornou Emília –, era um fidalgo que encontrou uma rapariga de vinte anos muito bonita, mas muito pobre. Apaixonou-se por ela, e deu-lhe palácios, e brilhantes, e o coração, que valia mais que tudo...

– Quem te ensinou a dizer essas cousas?! – interrompeu Anacleto com azedume.

– E como elas lá vêm no livro... Se a mãe quer, não conto mais nada.

– Conta, conta... e depois?

– Depois, a ingrata esqueceu todos os favores que devia ao gentil-homem, escarnecia-o na sua ausência, e demais a mais dava o seu coração a outro homem... Vê que maldade, mãe?

– E depois? – disse a mãe, alinhavando um lenço, sem levantar a cabeça.

– A tal Paulina... era Paulina, não era, Antoninha?

– Era, era.

– A tal Paulina tirava tudo que podia ao gentil-homem, e guardava-o... aqui é que nós não entendemos as palavras da novela.

– Como eram? – perguntou a mãe.

– Eu vou buscar o livro.

Emília voltou com o livro aberto.

– Ora, escute, mãe... é assim: eu leio: «*A perjura sacrificava a fortuna do cego amante, que a arrancara do abismo da penúria, em proveito do fruto da sua desleal perversidade, que viera à luz do mundo, durante um ano de viagens do gentil-homem.*»

– Que quer isto dizer, mãe?

Anacleto estremeceu e disse:

– Também não entendo.

– Que pena! – disse inocentemente Antónia.

– E vai depois... – interrompeu a mãe.

– O fidalgo voltou e, sabendo que sua amante era ingrata, repreendeu-a e lembrou-lhe a vil condição de que a levantara na cegueira do seu amor... Ai que tristeza, mãe!... Que horror!... nessa mesma noite, estando ele a dormir, ela... cravou-lhe um punhal no coração

– Cala-te, cala-te – bradou Anacleto, e fugiu como espavorida de suas filhas. As meninas quiseram segui-la, e ela fechou a porta do corredor, por onde elas deviam passar.

Voltaram, olhando-se espantadas.

– Que seria? – perguntou Emília.

– Talvez compaixão do desgraçado fidalgo – respondeu Antónia, que era um ano mais nova.

Emília quis sorrir-se, como quem duvida, e ficou absorta no pasmo de sua irmã.

Pouco depois voltava a mãe com um castiçal. Não tinha um sintoma de lágrimas. Sentou-se tranquilamente a costurar. Emília, com timidez, perguntou-lhe se estava incomodada.

– Não vês que estou boa? – respondeu ela.

Ouviram-se passos na escada, e na Conceição o toque das ave-marias. As duas meninas beijavam a mão de sua mãe, depois da oração, quando seu pai entrou.

IX

D. Teotónio recebeu uma tão grata como inesperada impressão quando viu as filhas ao pé da mãe. Desde muito que não as vira trocar uma palavra. Se acontecia jantar ou cear o prebendado em casa de Anacleta, as meninas corriam à mesa, mas não ousavam levantar os olhos do prato, para não encontrarem os terríveis olhos de sua mãe. Na ausência do pai, nunca elas foram chamadas. Recebiam os alimentos no seu quarto, e deviam a uma velha criada não sentirem fome e sede.

O pasmo do monsenhor aumentou razoavelmente quando viu a afabilidade com que Anacleta instava com suas filhas para se servirem de um apetitoso guisado de carneiro, que estava fazendo as delícias corporais e espirituais do ilustre Mascarenhas. A doçura da Sr^a Anacleta, nesta noite, chegava a todos. O próprio rival infeliz do capitão de cavalaria quinhou dos raros afagos com que a reforçada e galharda bacalhoeira lhe fazia lembrar os saborosos dias da sua pecaminosa lua-de-mel.

Finda a ceia, retiraram-se as meninas a comentar a meiguice extraordinária de sua mãe, e ficaram à mesa os pais, conversando em frivolidades próprias de ambos.

O venturoso fidalgo, no auge de gozo íntimo em que se embalava a sua alma não menos repleta de delicias que o seu estômago do chorudo carneiro, depurou o seu coração de um resto de fezes que lá o nauseavam desde o infausto dia em que a deslealdade de Anacleta era facto consumado. Era uma boa alma, D. Teotónio. Sobejava-lhe em coração o que lhe minguava em inteligência, isso sim; mas o coração era bom, e, sem ele, o dignatário da Patriarcal seria um santo, menos equivoco que S. Domingos de Gusmão e Gregório VII. Quando as Dalilas são garbosas e bem lançadas como aquela decantada Anacleta, não há Salomões virtuosos. D. Teotónio de Mascarenhas apaixonara-se em uma idade perigosa. Amores aos quarenta e quatro anos são amores de toda a vida e ludibriam o coração, que remoça com a cabeleira postiça e dentes emprestados.

As pálpebras do monsenhor caíam voluptuosamente sobre os olhos piscos, quando Anacleta, recapitulando a ceia com o oitavo copo de vinho, o despertou da beatitude sonorífera.

– Aqui não se dorme, Teotónio... Estás como os caixeiros da loja?

– Tens razão, cruel, tens razão, vamos lá...

O bom homem levantava-se, esfregando os olhos rebeldes e espreguiçando-se com sonoros bocejos, quando a bacalhoeira lhe atalhou a pacífica resolução, mandando-o ouvir.

D. Teotónio fixou-a com um olho, e pouco depois abria o outro, e pôs os cotovelos sobre a mesa.

Anacleta falou assim:

– Meu caro Teotónio, vamos conversar a respeito das nossas queridas filhas Emília e Antónia. Não fizeste bem mandando-as vir para casa, vai em dois anos. O que elas sabem pouco é. Para coser, bordar e ler, aprendiam-no elas em casa. Quando te disse que as mandasses para o colégio, sempre pensei que as mandarias aprender a tocar, como há muitas raparigas por aí, que não chegam aos calcanhares das nossas filhas. Eu não as quero para bacalhoeriras. São tuas filhas, perfilhaste-as, e quero que a sua educação condiga com o seu nascimento... Tu dormes?

– Se durmo!... Estou a ouvir-te, minha querida... e gosto de te ouvir falar assim... Vejo que estás arrependida de as tratares asperamente, há certo tempo para cá.

– É verdade... mas... mal remediado, mal passado... A este respeito é melhor dar um ponto na boca, de parte a parte... Com águas passadas não mói o moinho...

– Pois sim, Anacleta, o que foi, foi. Eu tenho feito o que faria um bom pai de família para a paz e boa harmonia de sua casa. Tens-me tratado mal, tens sido má comigo, ingrata sem razão, e, não bastava ser infiel amante, foste má mãe... Tenho calado comigo tudo isto; mas Deus sabe o desgosto que trago comigo, e que dará cabo de mim...

A Sr^a Anacleta baixara humildemente a cabeça e parecia contar as migalhas de pão com o palito. O pacífico amante continuou:

– Calei-me, e morreria sem nada te dizer, se não te visse hoje arrependida. Anacleta, tu és a minha paixão, a minha família, e tudo... Perdoei-te uma infidelidade como perdoaria um erro a uma de nossas filhas... Bem vês como sou teu amigo... O que eu mal podia perdoar-te era a impertinência com que tratavas essas meninas, que nenhuma culpa tinham de ser minhas filhas... Hoje, ou eu me engano, ou o teu coração é outro. E por isso que te acuso para te perdoar. Sê minha amiga, não me faças amargar na velhice as imprudências de rapaz. Pouco poderei viver; mas esse pouco queria-o viver à tua sombra e com os teus carinhos. Agora diz o que quiseres, Anacleta.

A corajosa mulher ouviu impassível as queixas do reconciliado amante. Cumpria-lhe, porém, o fingimento, e soube dar-se uns ares de pungida, que lhe não ficavam bem naquele rosto de bronze. Passados os momentos de silêncio que o artifício exigia, respondeu:

– O que eu peço, Teotónio, é que as nossas filhas entrem em um colégio, onde aprendam a tocar piano e outras prendas que são muito próprias em meninas do seu nascimento.

– Pois que vão. Graças a Deus, não lhes faltarão os meios, que os há de sobra... bem o sabes... Agora, Anacleta, falemos de outra cousa. Eu quero que essa menina chamada Maria, e que eu não posso desgraçadamente chamar minha filha, entre no mesmo colégio e receba a educação das outras...

– Não vai, não quero que ela vá... – atalhou Anacleta, acusando na voz e nos olhares a cólera que lhe não cabia no coração.

– Porquê?... Não me dirás?

– Porque não. Maria, já o disseste tu, não é tua filha, não a perfilhaste, e eu não quero que ela tenha a agradecer favores ao pai de suas irmãs. O que eu tinha quando vim para a tua companhia pouco é, mas esse pouco é dela. Será bacalhoeira como sua mãe, e não saberá que tem irmãs fidalgas. Não as quero juntas; é preciso que não se vejam, para não se invejarem depois... Cada qual siga o destino que lhe dá o seu nascimento...

O monsenhor julgou o arrazoado da ilustrada peixeira como um heroísmo digno dos tempos clássicos da mãe dos Gracos, única mulher que ele conhecia da história antiga. Na grandeza daquele sacrifício viu o cândido Teotónio a expiação a que a contrita mulher se sentenciava na pessoa de sua filha, fruto amaldiçoado da deslealdade. Nunca tão fervorosa lhe fascinou a idolatria a Sr^a Anacleta dos Remédios! À vista de tal abnegação, D. Teotónio lembrou-se da progénie dos Mascarenhas, cuja tradição era abundante em repentes heróicos e lances imprevistos. D. Teotónio ergueu-se, como se o ombro de um gigante o lançasse fora da cadeira. Estendeu o braço como S. Vicente Ferrer, que ele admirava no coro da Patriarcal, e exclamou:

– Anacleta, a tua filha, depois da minha morte, terá igual quinhão de fortuna com as minhas filhas!

O dramático Mascarenhas deu no raso da comédia humana, quando a fula Anacleta, também de pé, lhe agradeceu assim a magnanimidade:

– Não aceito semelhantes esmolas. Já te disse que minha filha não aceita favores. Pobre há-de sê-lo; mas agradecida ao pai de suas irmãs, isso não... E não falemos mais de

Maria! Emília e Antónia quero que vão amanhã para o colégio. A minha há-de ir para onde a mandar sua mãe. Não é filha de fidalgo, mas... seu pai não consentiria que ela recebesse esmolas...

D. Teotónio perdeu a cabeça e interrompeu:

– Mas ele precisava delas...

– Ele!... ele!... – bradou Anacleta, estremeando na sezaõ da raiva. – Responda, seu biltre!... Quem precisava de esmolas?... O pai de minha filha?!

O monsenhor estava aterrado. Secou-se-lhe a saliva na língua, e não pôde responder. Entre as variadas sensações que experimentou, predominava a do medo. Diante dele estava uma cara transfigurada pela cólera. Saltavam uns olhos, que pareciam duas ginjas garrafais. Era a primeira vez que ele via arquejarem como dois foles as asas do nariz da Sr^a Anacleta; e não só arquejavam, fumegavam, que é mais extraordinário ainda. Pobre homem!, se se não senta, cai apoplético e desastradamente aos pés da Margarida de Borgonha da Ribeira Nova!

Anacleta retirou-se precipitadamente quando ouviu os passos das duas criadas, que acudiam aos gritos desentoados de sua ama.

Encontraram no pasmo da sua dor o infeliz quinquagenário. Perguntaram-lhe o que acontecera, e ele, arrancado ao seu torpor, pegou do chapéu e saiu com as lágrimas nos olhos.

Se a demasiada imbecilidade excita a compaixão, D. Teotónio de Mascarenhas era digno dela.

X

Em casa da Sr^a Anacleta dos Remédios, à meia-noite, duas horas depois que o beneficiado saíra, adormecera tudo, menos ela. Chorava de remorsos? Não. Vexava-se da índole rancorosa com que a educação a dotara? Longe disso: assoberbava-se.

Abrindo cautelosamente a porta do seu quarto, escutou. Certificada do silêncio, apenas alterado pela gata impaciente fora da cama de sua dona, saiu às escuras, desceu as escadas, bateu de mansinho na porta interior que se abria para a loja do bacalhau e esperou. Momentos depois, abriu-se a porta, e a pessoa que tão depressa veio ao chamamento seguiu, escada acima, a Sr^a Anacleta.

À luz do quarto, onde entraram, podemos ver a nova personagem. Era o caixeiro mais antigo da loja: um rapazola de trinta anos, cara avinagrada, queixo inferior rombo e vermelho como o bordo de uma pingadeira. No resto era estupidamente regular. A Sr^a Anacleta, fechada subtilmente a porta, sentou-se na cama, ao lado do caixeiro, e disse afavelmente:

– Joaquim, vamos falar do nosso futuro. Nunca te falei nisso, mas o que há-de fazer-se ao tarde faça-se ao cedo.

– Vamos a isso – disse o Sr. Joaquim, arregalando os olhos e botando a língua de fora, costume péssimo que já a Sr^a Anacleta quisera inutilmente corrigir-lhe.

– Se eu quisesse casar contigo...

– Era logo... – atalhou o alvar, dando uma palmada na perna da patroa.

– Olha que a perna é minha... Escuta, meu grosseirão...

– Então que é?

– Quero casar contigo...

– E o fidalgo?

– O fidalgo... – balbuciou a bacalhoeira –, o fidalgo...

– Sim... a patroa quer deixá-lo?

– Por ti, deixo...

– Essa é boa! Então, pelos modos, isto é dito e feito!

– Espera.

Anacleta pensou um momento. Levantou-se... Tirou do fundo do baú três chaves, pegou no castiçal e disse a Joaquim que a seguisse muito devagar.

Foram. Anacleta abriu a porta do gabinete do monsenhor; abriu, em seguida, a gaveta do dinheiro, chamou Joaquim, disse-lhe que tirasse o cofre de charão, abriu-o com a terceira chave, reparou no pasmo soez e brutal do caixeiro e disse-lhe quase ao ouvido:

– Sabes que dinheiro aqui está?... Cento e oito mil cruzados.

– Ui! – exclamou o caixeiro, abrindo os olhos e alongando os beijos no prolongado som daquela sílaba. – Isto é seu, patroa?

– Não. Isto é do fidalgo... mas pode ser nosso, se quiseres ser meu marido...

– Pode?! Então como?!

– Fechemos isto, que ainda não é nosso...

– Deixe-me ver mais um bocado... – dizia o idiota, fascinado sobre os cilindros das peças.

– Já viste... levanta... põe aqui... bem... agora fechemos tudo... anda... devagar... vamos para o meu quarto.

– Joaquim – disse a Sr^a Anacleta –, sabes que daqui a dias o dono daquele dinheiro abandona esta casa, levando o dinheiro para a dele?

– Oh!... isso é o diabo!...

– E, se ele o faz, acaba o meu estabelecimento, fico pobre, e o nosso casamento não se faz. Que achas tu que devemos fazer?

– Eu sei cá?... É não casarmos... Mas isto do dinheiro sair para não tornar, sempre lhe digo que é má obra, patroa! Cento e oito mil cruzados já é dinheiro... Então o homem desarranjou-se, pelo que vejo, cá em casa.

– É verdade... E foi por tua causa...

– Essa é muito boa!...

– Suspeitou das nossas relações e quis que eu te despedisse. Zanguei-me, bati-lhe o pé, berrámos a bom berrar esta noite, e ele retirou-se, dizendo que de quarta-feira em diante nada tinha a fazer nesta casa. Hoje é segunda, amanhã ou depois vem ele buscar o dinheiro, e depois, Joaquim, eu fecho a loja, porque tenho dividas, e não posso pagá-las, se me falta a protecção desse monstro.

– A falar a verdade, não sei o que se há-de fazer...

– Que miserável resposta me dás, ingrato!... Vou ficar desgraçada por tua causa, e a paga que me dás é dizer que não sabes o que se há-de fazer... Valha-te o Diabo, papalvo, nem ao menos sabes ser bom para ti!

– Então que quer, patroa? Diga lá o que se há-de fazer, que eu da minha parte não sou homem de... sim, quando é necessário ser homem vou com a cara pra diante.

Anacleta, reanimada pelos eloquentes brios do Sr. Joaquim, aventurou-se a apresentar o programa do seu plano, concebido em poucos minutos.

– Eu vou dizer-te uma cousa, Joaquim. Se estiveres pelo que te disse, muito bem; se não estiveres, mal servido estás comigo. Todo o amor que te tenho muda-se em raiva!...

– Se Deus quiser, não há-de ser assim, patroa. Fale com toda a franqueza, e conte com a minha afeição.

– Escuta. Só temos um meio de sermos ricos, casados, e felizes para toda a vida. É necessário matar este homem.

Joaquim parecia atacado subitamente de cólera! Eriçaram-se-lhe os cabelos. Secaram-se-lhe os beiços, e suava da testa um liquido semelhante a gema de ovo. Anacleta viu naquela cara a reprovação do crime premeditado. Olhou-o e sentiu-se, um momento, horrorizada também. A ideia sanguinária estava no seu desfecho; a realidade não podia escapar-se quarenta e oito horas, e a hiena, farejando o sangue, compreendeu de um relance que era tardio o arrependimento. O segredo fora revelado a um covarde. O caixeiro era indigno de figurar no plano facinoroso. Tudo isto ela viu e conheceu; mas para tudo era impossível o remédio. Que recursos, naquele aperto, lhe segredaria o Demónio? Os extremos.

Anacleta avançou para o caixeiro um passo e murmurou-lhe ao ouvido estas palavras:

– Olha... que ele há-de morrer... isso há-de. Se me não auxiliares, não importa... eu sou capaz de o esganar a ele com um braço e a ti com outro... Se disseres uma palavra a tal respeito, nem no Inferno escaparás. Com cento e oito mil cruzados sou capaz de comprar a tua última gota de sangue... entendes-me, Joaquim?

Cada vez mais brutificado pelo susto, o lívido caixeiro não tinha já esperanças de sair inteiro daquele quarto. Anacleta contorcia-se em esgares diante de um homem de gelo, que não reprovava nem aceitava as condições do homicídio. Era preciso tentar outra brecha.

– Joaquim – disse ela com menos fogo –, ouve-me. Eu não quero que tu o mates, não. Quero ser eu sozinha, eu só, a que me vingue, e te vingue a ti, homem de lama, que não tens alma para nada. O que tu hás-de fazer é muito pouco, para tudo ganhares; escuta-me...

A bacalhoeira foi interrompida por três pancadas fortes na porta da rua e três menores seguidas à última. Era o sinal de D. Teotónio de Mascarenhas. Anacleta alvoroçou-se, empurrou o caixeiro, fechou-se por dentro, recolheu-se à cama e apagou a luz.

Bateram de novo. As criadas acordaram; reconheceram o sinal e foram abrir a porta.

O monsenhor subiu até ao quarto de Anacleta. Bateu mansamente; a porta foi-lhe aberta.

– A esta hora?! – perguntou suavemente Anacleta.

– A esta hora, minha amiga. Acende-me uma luz: quero que vejas no meu rosto quanto tenho sofrido.

– Sofrido?! É boa essa!... E porquê?

– Porque te magoei, Anacleta... Venho pedir-te perdão... Eu não devia lembrar-te cousas passadas. Tiveste um erro, mas em bom pano cai uma nódoa. O teu coração é bom; e eu é que fui cruel em mortificar-te... Anacleta, perdoas-me?

O prebendado caiu de joelhos ao pé da cama da benfeitora do capitão de cavalaria e soluçava aos cinquenta e oito anos como aos dezoito a sensibilidade costuma fazer chorar aos pés de uma mulher aqueles que lhe dão um imerecido sofrimento.

A cara bronzeada da bacalhoeira viu tudo aquilo serenamente. O monsenhor, finda a apóstrofe lacrimosa, levantou-se, como perdendo-se a si próprio, e teve o inesperado desembaraço de selar o novo pacto de aliança com um beijo, que a Sr^a Anacleta recebeu imóvel e silenciosa.

– Conto com o teu perdão, minha querida? – replicou D. Teotónio.

– Faz favor de me deixar? – disse ela, virando-se para a parede.

– Isto são horas de dormir... amanhã falaremos em perdões...

– Adeus, Anacleta... é uma hora... desde as dez não tive um minuto de repouso... vou mais sossegado. Dorme em paz, minha amiga, e até amanhã... Virei almoçar contigo, sim?

– Venha quando quiser... esta casa é sua...

D. Teotónio apagou a luz e saiu. Levava outro semblante e aliviara o coração do peso do remorso.

Seguras as portas, Anacleta levantou-se. Desceu as escadas que descera há pouco, entrou no quarto do caixeiro e fechou-se por dentro.

Era necessário não abandonar a si próprio o «homem de lama». A vinda do monsenhor tolhera o relatório do programa, em que Joaquim era isento de perpetrar o homicídio directamente. Iam ser feitas novas propostas. Receosa do resultado, Anacleta desceu com um punhal no cós da saia branca.

XI

Às dez horas da manhã do dia seguinte recolhia de fora Anacleta e dizia a suas filhas que arranjassem os seus baús para entrarem em um colégio, depois de jantar. Ao mesmo tempo mandava preparar as duas criadas para acompanhá-las e ficarem com elas, visto que não queria suas filhas menos respeitadas que as dos condes e marqueses, que as mandavam entregues aos cuidados das suas aias. Esta nova foi recebida com imenso prazer pelas meninas e pelas criadas. D. Teotónio, que se achava presente, esperando Anacleta desde as oito horas, compartia do geral contentamento.

As meninas abraçaram seu pai, chorando, e fizeram valer as mesmas lágrimas para sua mãe, que não seria capaz de merecer-lhas. Habitadas a temê-la, odiavam-na, por fim, e envergonhavam-se de terem nascido de tal mulher.

O contrito Mascarenhas, nesse dia, acarinhava Anacleta como nunca. No sorriso dela, carinhoso também, traduzira o prebendado literalmente o seu perdão. Não só almoçou, mas jantou com as filhas, e, distraído com os júbilos da sua reconciliação, nem tempo teve de sentir a ausência das pequenas.

O que mais cuidado lhe dava era ver Anacleta fazendo o serviço da casa, porque as suas criadas não tinham sido logo substituídas. Ele mesmo quis procurá-las; mas não lho consentiu a enérgica bacalhoeira, que parecia rejuvenescer no seu elemento, quando na banca da cozinha escamava uma pescada.

Na ausência de D. Teotónio, que principiava a importuná-la com os seus beijos à traição, Anacleta saiu, e demorou-se uma hora. Voltando, deslacrou uma garrafa de vinho, desarrolhou-a, vazou-lhe dentro um pequeno vidro de líquido pardacento, vascolejou a garrafa por muito tempo, lacrou-a outra vez, enfileirou-a na garrafeira, contando as que ficavam antes, para evitar um engano.

O que aquela garrafa continha, além do vinho, eram duas onças de morfina.

Ao anoitecer, Anacleta desceu à loja, falou com o caixeiro alguns minutos, e subiu a fazer a ceia, cantarolando a *Maria Cachucha*, cançoneta válida, em que a garbosa moça *pimpara* na Ribeira Nova.

Ao mesmo tempo, Joaquim, industriado pela última entrevista que tivera com a patroa, chamou dois galegos da esquina próxima, aos quais disse:

– Estejam prontos às onze horas da noite para levarem ali ao Tejo uma barrica de bacalhau podre.

D. Teotónio de Mascarenhas, mais anafado que nunca, apareceu de súbito na cozinha, quando Anacleta frigia a última posta de pescada. Ria-se jubilosamente a fisionomia do monsenhor, quando a bacalhoeira assustada, ao volver o rosto, encontrou os lábios emboscados do carinhoso amante.

– Ai... que graça tão tola!... – resmungou ela, entornando a sertã no fogão e limpando a face ao avental. – Já podia ter juízo! – continuou, com esgares e arremessos, que deixaram o pobre homem como paralítico, encostado à capoeira.

– Que coração tu tens, Anacleta!... – murmurou o lastimável fidalgo. – Quem te viu e quem te vê!... Achas-me velho, sem juízo, sem graça, tolo, enfim, nada valho para ti!... Ora, pois... Deus te não castigue, assim como eu te perdoou...

– Deixemo-nos de lágrimas... Leve o Diabo paixões e quem com elas medra... Vamos cear, e estão as pazes feitas.

Dito isto, a Sr^a Anacleta conduziu para a mesa uma travessa de peixe frito e uma terrina de alface, enquanto a vergôntea do venerando tronco dos Mascarenhas ia adiante com o candeiro de quatro bicos.

O beneficiado tinha uma excelente organização e a melhor das almas para viver

neste mundo. Comia com famélico apetite e poucos segundos roubava à deglutição para responder às meigas graças de Anacleta.

– Abre uma garrafa daquele que nós sabemos – disse o monsenhor, piscando o olho profaníssimo à gentil conviva, que lhe estava tocando na perna, ao que deve coligir-se das caretas um pouco lúbricas do grande dignitário da Igreja.

Anacleta abriu a quinta garrafa, encheu o copo de D. Teotónio e também o seu.

O folgado velho virou o copo, como saboreando a última gota.

– De velho está azedo! – disse ele, franzindo o nariz.

– Já notei isso... – disse Anacleta. – Este vinho parece-me que está estragado.

– Enganas-te. O vinho é excelente; o meu paladar é que não está bom. Vamos ver se o segundo se dá melhor comigo que o primeiro.

Vazou segundo copo. Embuchou a quarta posta de pescada e preparava-se para agredir terceira vez a garrafa quando a mão lhe caiu insensivelmente sobre o copo.

– Que é? – perguntou Anacleta.

– Não sei... estou bêbedo... parece-me que vou dormir...

A criminosa sentiu o primeiro abalo de remorso quando viu sensíveis os primeiros efeitos do veneno. Fugiu do quarto e entrou no de sua filha, que dormia desde as ave-marias. Como se precisasse de um ente vivo que a protegesse do terror que a desalentava, abraçou-se à menina de onze anos, que abria para sua mãe os olhos pávidos.

Apenas separada por um repartimento de tabique, passava-se na saleta próxima uma cena horrível.

D. Teotónio ergueu-se da cadeira com os olhos anuviados, e estendeu os braços sobre a mesa, procurando Anacleta para o conduzir à cama. Chamou-a com voz rouca, arrancada violentamente ao torpor geral, que o faz cair de braços sobre a mesa. As pupilas, opiladas, saíam-lhe fora das órbitas. Um suor repentino inundou-lhe a face, contraída em todos os músculos de um amarelo cor de ocre. As ânsias eram dilacerantes, mas não vomitava. Corriam-lhe convulsões por todo o corpo, e nas orelhas, que tremiam, em titilações significativas de congestão, estavam visíveis os sintomas de morte apoplética.

Esta penosa luta, sem um grito, sem esperança de socorro, durou vinte e cinco minutos. Anacleta escutava; ouviu um como rugido sufocado na garganta por uma corda e esperou meia hora. Nem mais um gemido.

Trémula e pálida, abriu vagarosamente a porta da sala onde acabava de expiar o pai de suas filhas. Viu um cadáver estendido de braços, ao longo da mesa, com as mãos fincadas nas costas da cadeira em que Anacleta estivera sentada.

Recuou, e desceu à loja.

Eram nove horas e meia.

O caixeiro esperava-a ao fundo da escada.

– Joaquim – disse ela com a voz espavorida –, vai lá acima... Se és meu amigo, não me faças entrar mais onde ele está.

– Pois ele... já morreu? – perguntou o caixeiro maravilhado.

– Já...

– Então isso foi dito e feito!... Eu não ouvi tugir nem mugir!... Estará ele a dormir?!

– Não está, não. Vai tu lá... anda, Joaquim... Tu disseste-me que fazias tudo, depois que ele morresse...

– E faço... A minha palavra não torna atras...

– Mandaste o rapaz para fora?

– Disse-lhe que fosse ver a mãe ao Campo Grande. Estamos sós... Não há que

temer.

– Então vai, que eu vou para o quarto da pequena, que está a chamar-me.

O caixeiro entrou na casa de jantar. Tomou-o um terror estúpido quando viu a postura de D. Teotónio. Fez passar diante da sua imaginação cento e oito mil cruzados para reanimar-se. Esteve com o ouvido quase colado aos beiços do cadáver. Certo de que não respirava, sacudiu-o três vezes, e encontrou sempre uns braços hirtos e uma cara salpicada de manchas cor de violeta. Pegou no morto, atirou-o sobre o ombro direito e desceu ao seu quarto. No meio da escada, sentiu o que quer que foi, deixou cair dos ombros o cadáver, que rolou até ao patamar, abrindo com a cabeça a porta do quarto de Joaquim. Anacleta soltou um grito quando ouviu este ruído. Quis correr à escada, mas não teve coragem: «Estaria vivo?!», disse ela consigo, ferrando os dentes freneticamente no beijo inferior.

O futuro marido da bacalhoeira veio à casa de jantar buscar uma luz. Desceu até onde o cadáver continuava na sua imobilidade e acreditou facilmente que se aterrara sem motivo. E tinha razão. O que o assustara fora a derradeira contracção da matéria, que é, para assim dizer, os últimos vínculos da organização a estalarem. Animado por um novo olhar da imaginação sobre o cofre dos cento e oito mil cruzados, arrastou para dentro do seu quarto o cadáver. Estava ali uma barrica, e ao pé uma rima de bacalhau. Tomou ao alto o morto e fê-lo cair sobre a borda da barrica. Contra as suas esperanças, o cadáver ficou enalhado sobre as bordas da barrica e não se dobrava aos esforços do musculoso caixeiro. Meditou instantes, coçando a cabeça. Como felizmente inspirado, correu à loja, veio com uma grossa tranca de ferro, deixou-a cair de alto com toda a força sobre os joelhos do cadáver, e reconheceu que o seu expediente foi bom. Quebradas as pernas, o tronco resvalou no fundo da barrica, e os pés ficaram de fora. O hábil Joaquim, pela segunda vez pensador, venceu a dificuldade forçando os pés a cruzarem-se debaixo do pescoço, deixando na barrica dois palmos livres, para encher com bacalhau.

Feito isto com inesperada perfeição e rapidez, Joaquim subiu ao quarto onde Anacleta conversava com sua filha a respeito de Emília e Antónia. A pequena chorava de saudade por elas e pedia a sua mãe que a deixasse ir visitá-las no dia seguinte.

Anacleta viu o caixeiro, que lhe acenava da porta, foi a tremer, e esperava alguma nova aterradora quando ele lhe disse com a mais revoltante serenidade:

– Está pronto tudo, e ficou como se quer. Que horas são?

– Quase onze.

– Então, Tejo com ele, sim?

– Está visto... Depois, Joaquim, hás-de vir para o pé de mim, que tenho medo de estar aqui sozinha, sim?

– Medo de quê? Quem vai não torna... Tenha cá uma garrafa do choco, e até já.

Entraram os galegos no quarto do caixeiro e levantaram a barrica. O cais está defronte, a trinta passos. Joaquim acompanhava-os. O guarda do fisco, que estanceia neste cais, vira abrir a porta da rica bacalhoeira e sair a barrica. Não fez reparo; apenas disse ao caixeiro que não havia ordem para deixar despejar ali à beira do Tejo as barricas do bacalhau podre: que fretassem um barco e a levassem ao meio do rio. Um barqueiro, que ouvira do bote em que se deitava esta ordem, ofereceu-se para levar a barrica à corrente. Entrou a barrica e o caixeiro no barco. Os galegos ficaram em terra, esperando Joaquim para lhes pagar.

– É aqui – disse o barqueiro.

– Então, ajuda-me a levar a barrica.

– A barrica também vai ao fundo?

– Também... que me importa a mim a barrica? Tenho lá muitas e a patroa não dá

pela falta.

– Assim a cousa vai mais depressa – disse o barqueiro, pegando de um lado da barrica –; upa!... arriba... Vá... agora vira... bem... deixa cair...

– Espera... espera... – gritou o caixeiro.

Era tarde para esperar. Um arco da barrica estalara quando descaíra para o rio. A extremidade do arco quebrado metera-se entre o colete e a camisa do caixeiro, de modo que a barrica precipitada não lhe deu tempo a desencravar-se do arco, e levou-o consigo.

O barqueiro gritou por socorro e esperou que à tona da água aparecesse o afogado. A superfície da corrente fechara-se, e apenas em redor alguns peixes alvoroçados saltavam à flor da água.

Anacleto ouvira grande ruído na rua. Corria de quarto para quarto com os cabelos arrepiados e o delírio do terror a chamejar-lhe nos olhos.

– Estou perdida!... Joaquim não vem... Está já preso... Esta bulha na rua a tal hora quer dizer que encontraram o morto na barrica...

Aumentou o pavor quando bateram à porta com força.

– Que farei? Se não apareço, denuncio-me!... Ah!... já sei o que hei-de fazer!... Se me quiserem prender... enveneno-me... antes a morte...

Continuavam as pancadas na porta. Anacleto alentou-se de um desafogo artificial, que mais a denunciaria se viessem ali procurar o rasto do crime. Abriu a janela e perguntou...

– Quem é?

– Sr^a D. Anacleto – disse uma voz –, saberá que o Sr. Joaquim morreu afogado...

– Afogado! – bradou ela.

– É verdade. Quando atirava com a barrica à água, embelinhou-se nela e foi pra diante, sem o barqueiro lhe poder valer... Agora se faz favor de nos mandar pagar...

– Pagar o quê?

– Os carros. São quatro vinténs; nós somos os galegos que levámos a barrica; bem podia dar mais um pataquinho, que o demo da barrica parece que levava dentro o Diabo. Deus nos perdoe.

Às lamentações sucedera uma gargalhada geral nos grupos, que se ajuntavam a sindicar o acontecimento.

– Vinde amanhã – disse Anacleto mais tranquila.

– Pelas suas alminhas – tornou o galego –, mande-nos pagar agora, que não temos um chavo para pagar a cama.

A bacalhoeira embrulhou em um papel dinheiro em cobre, atirou-o à rua e fechou a janela.

Umaz vizinhas beatas, antigas inimigas de Anacleto, ficaram resmungando:

– Sempre foi peixeira...

Dizia outra:

– Olha que mulher, que amizade tinha ao caixeiro, que nem manda procurar-lhe o corpo, para lhe fazer sufrágios pela sua alminha, que Deus tenha na sua divina presença. *Padre Nosso, que estais nos Céus...*

E outra:

– *Requiescat in pace, amen...* Que berzebum de feitiço terá aquele mostrengo pra trazer em pecado aquele senhor fidalgo da Patriarcal, que traz mesmo cara de condenado por ela?... Eu te arrenego!... Sempre é mulher que tem bigode!... Pobre caixeiro... coitadinho!... mais um padre-nosso por sua alma, ó Tia Teresa!... *Padre Nosso, que estais nos Céus...*

– E outro ao Menino Jesus dos atribulados, que sempre tem a novena mais bonita, que eu comprei por um pataquinho... Nunca as mãos doam a quem te fez, minha querida

novena do meu Menino Jesus dos atribulados...

– Ora fique-se com Deus, Sr^a Rosinha... Aquele já lá está; cada qual faça por estar com as suas contas preparadas para o dia final, que cedo virá... E verdade, ó Sr^a Rosinha, e que me diz aos jacobinos?

– Eu os arrenego em nome da Santíssima Trindade e de Santo Agostinho, advogado contra os hereges...

– Dizem que estão por esses mundos de Cristo esses desalmados, que comem gatos e cães...

– E meninos, não sabia esta?

– Credo, credo, Santo Nome de Jesus, minha Mãe Maria Santíssima, e todos os santos e santas da corte celestial, que me diz, Sr^a Teresa?

– É como lhe digo... Ovi-o dizer com estes ouvidos, que a terra há-de comer, ao meu confessor, que é aquele santo franciscano que faz profecias e milagres e vê tudo quanto se passa nas Europas.

– Ó mulher, eu estou banzadinha!... Santo Breve da Marca! Até tenho arrepios no meu corpo, salvo seja! Adeus, adeus, fechemos as janelas... *Minha alma magnífica e engrandece ao Senhor...*

XII

A noite de Anacleta foi infinita. Não era a contrição, nem o pavor da justiça divina, que a atormentava. Eram os espectros de duas vítimas. Era o lampejo da luz, que pintava fantasmas nas paredes; o ruído dos ratos nos forros, que se lhe afigurava o arrastar-se de um moribundo. Era tudo que a alma da mulher, exceção amaldiçoada à mansidão com que Deus as dotou, pode sentir acordada de uma embriaguez de sangue.

Ansiava pelo dia, e o dia veio. A maldita esperava sossego quando a luz viesse, e não o tinha. Durante a noite, quando Maria fechava os olhos para dormir, Anacleta despertava-a; não podia ver-se só. Aquela criança era-lhe um refúgio: a víbora assustada escondia-se no seio da inocência.

Dia claro, a criança dormia, e sua mãe escondia os vestígios do crime e lavava o sangue que o cadáver espirrava, na queda, sobre a porta do caixeiro. Depois abria a secretária do seu amante de dezasseis anos e transportava o dinheiro para um falso desconhecido, aberto por detrás do seu leito. Queimava o testamento, fechava a gaveta e o quarto, lançando as chaves, já agora inúteis, ao mais escondido dos forros.

Principiaram os vizinhos a visitá-la, lamentando com ela o fatal sucesso. Anacleta, reanimada, porque era impossível sucumbir ao terror uma alma assim, mostrava-se vivamente pesarosa, e, pelo desfigurado das feições, de boa-fé a acreditavam, e muitos vieram, que retiraram compadecidos da sensibilidade da pobre senhora, que tão outra era do que devia esperar-se de seus princípios.

Vieram criadas novas para casa, e, como se duas não bastassem a entretê-la nos seus tremores da noite, tomou quatro, que se olhavam pasmadas, como se perguntassem umas às outras se sua ama seria douda.

De casa do marquês do Vale veio um laçao perguntar, na tarde desse dia, se o Sr. D. Teotónio estava ali. Anacleta respondeu que não; e o criado disse que havia perto de quarenta e oito horas o fidalgo não fora a casa de seu irmão. Continuaram de quatro em quatro horas as perguntas, sendo sempre as respostas confirmativas do boato que corria do desaparecimento do monsenhor da Patriarcal.

Movia-se a curiosidade e a justiça, procurando novas do fidalgo. Deu-se, por ordem do corregedor do bairro, uma vistoria à casa de Anacleta dos Remédios. Encontraram-na carpindo-se da perda do seu benfeitor, do pai de três meninas, que ficavam órfãs e pobres. Foram ao gabinete de D. Teotónio, arrombaram as gavetas, acharam papéis inúteis, e retiraram sem o mais leve indício que os esclarecesse do destino que tivera.

Por afectar pobreza, a bacalhoeira, restabelecida a plena tranquilidade do seu raciocínio, despediu três criadas, e ficou com uma. Desceu a pesar bacalhau, o que não fizera desde muitos anos; continuou a alimentar no colégio suas filhas, mas privou-as das criadas, que não podia sustentar.

Meses depois, esquecera D. Teotónio de Mascarenhas, e Anacleta, por não ser mais constante que a sociedade, esqueceu-o também, não obstante trajar, com descarada impudência, sempre luto. Como se a concorrência à sua loja aumentasse, a bacalhoeira, que não vivia já no mesmo prédio e bem sabia ela porquê, recebeu um caixeiro e tornou a viver como senhora.

Maria entrava nos treze anos. Tinha mestres de música e canto, que vinham a casa. Tinha de mais a mais uma aia, que, por alto preço viera do seio de uma família nobre, mas decadente, amestrar a menina na arte de bem falar e airoosamente apresentar-se na sociedade.

Os invejosos admiravam o muito que a bacalhoeira podia; mas a sua loja revelava

grande comércio e recebia carregações de bacalhau exclusivamente suas, e dali muitos bacalhoeiros de segunda ordem eram fornecidos. Os prudentes não se maravilharam dos lucros que a Sr^a D. Anacleta empregava na opulenta educação de suas filhas.

Antónia e Emília, nas poucas vezes que vinham a casa, retiravam-se admiradas do luxo de móveis com que sua mãe decorava as salas e das numerosas relações que contraía.

Anacleta, neste tempo, teria quarenta anos. Em certas organizações, esta idade não pode chamar-se o ocaso da beleza. Vêem-se, mais cedo ainda, cabelos brancos e rugas profundas; mas, para tanto, é necessário que o coração tenha envelhecido e que a rajada do infortúnio, aos vinte e cinco anos, tenha esfolhado as rosas todas da juventude atribulada.

Estas raras exceções não se entendiam com a opulenta bacalhoeira. Os seus cabelos lustrosos eram negros como os de sua filha. O azeviche das pupilas tinha todo o verniz das paixões, cheias de força. A pele grossa, mas alvíssima, com os toques rubros da saúde e do sangue irrequieto, não tinha um sinal que denunciasse mais de trinta anos, e outros trinta para ser bela. Juntai a isto uma haste elegante, braços musculosos, artisticamente roliços do cotovelo para cima e piramidais para baixo; um pé grande, mas desculpável como alicerce de tão grandiosa estátua, um vasto peito, branco de neve, e arfando de cheio, fareis uma ideia, remota, mas a única, da Sr^a D. Anacleta dos Remédios, qual pode dar-vo-la o espelho reflexivo da imaginação.

Sua filha mais nova era uma organização mais franzina, mais apurada, mas representando a miniatura de belos contornos de sua mãe.

Entre as famílias que frequentavam a casa da bacalhoeira, mais querida e com mais carinhos recebida era a de um judeu da Rua dos Fanqueiros, chamado Moisés Pereira.

O filho de Moisés Pereira, por quem D. Anacleta se sentia apaixonada, era um gentil moço, de vinte e cinco anos, com todos os traços, não degenerados, da formosa raça judaica. Cativo da sua índole depravada, Azarias raramente acompanhava sua família a casa de Anacleta. O que ele sentia por ela eram desejos; mas não supunha realizáveis os seus planos licenciosos; e outros, mais honestos, como o casamento, eram impossíveis.

Azarias era um dissipador. Consumia a avultada soma que seu pai lhe concedia e antecipava créditos, que o bondoso pai pagou, até ao momento em que se viu em risco de sofrer um abalo na sua fortuna. O jovem judeu perdera em poucos dias trinta contos de réis em jogo. Moisés pagou-os honradamente, como severo respeitador da lei do Sinai; mas retirou da vista de seu filho os últimos cobses da sua gaveta.

Deu-se uma ocorrência agradável para Moisés. Os seus amigos de Amsterdão mandavam-no imediatamente partir para Holanda, com a sua família, onde falecera seu irmão, e lhe legara uma fortuna de dez milhões.

Moisés aviou os seus negócios e partiu. Quando esperava encontrar seu filho Azarias no iate, não o viu. Mandou-o procurar, e ninguém o encontrou. O ancião verteu duas lágrimas, e murmurou:

– Sr. Capitão, levante ferro! Meu filho, não é meu filho!... Partamos... Seja feita a vontade de Deus.

E partiram.

A essas horas, Azarias estava em casa de Anacleta dos Remédios. Era ela que o retinha em Lisboa e fazia abjurar a obediência a seu pai? Não.

Azarias amava até ao delírio outra mulher, inacessível pela elevação do seu nascimento e quase indiferente à fogosa paixão do mancebo. Não podia abandoná-la; mas não tinha subsistência para quatro dias. Lembrou-se do último esforço, e tentou-o,

sem demorar-se a discutir-lhe a indecência. Procurou Anacleta na véspera da sua premeditada saída. Surpreendeu-a chorando, como se as lágrimas ternas fossem características naquela face de bronze.

Para ela foi encantadora a surpresa.

– Vem despedir-se de mim? – perguntou ela, soluçando.

– Venho cumprir esse desgraçado dever... Quero experimentar se tenho coragem para este lance...

– Que lance? Eu não o entendo bem.

– Assim devia responder-me... E o que eu esperava, Anacleta... é o que eu devia esperar da sua alma fria.

– Sr. Azarias!... – disse a civilizada bacalhoeira, com um trémulo de voz, semelhante ao das organizações delicadas –, ou se engana comigo, ou eu estou muito enganada consigo... Seja franco: porque me diz que a minha alma é fria?

– Porque, em dois anos de convivência, não fui capaz de a fazer compreender que a amava.

– Eu!... Que provas me tem dado desse amor?

– Que provas?...

– Sim... pois admira-se que eu lho pergunte? Quantas vezes acompanhava aqui a sua família, e apenas me cumprimentava, fugia, se não tinha um pretexto para se retirar com delicadeza!

– Como foi leviana em julgar-me, Anacleta!, a que distância não estava o seu coração do meu! E pede-me provas!... As provas, senhora, são esse meu procedimento, que injustamente calunia. Reputei-a sempre uma mulher perigosa. Tremia de mim quando pensava nos lances a que me conduzia uma paixão à qual eu não podia ser superior. Fugia-lhe, sim... empregou a frase própria, Anacleta, fugia-lhe, porque não podia encará-la sem me sentir apertado na alma e delirante no coração...

Azarias principiava a recordar-se de todas as palavras de estalo, e frases fulminantes, quando Anacleta, mulher que pecava mais por obras que por palavras e pensamentos, levantou-se do canapé e foi sentar-se na cadeira próxima a Azarias. Tinha os olhos aguados e as pálpebras descaíam languescidas, como o pescoço, em uma postura inequívoca para o adestrado hebreu.

– Que quer de mim? – perguntou ela a meia voz, com requebrada morbidez. – Uma confissão de amor, como nunca o senti por alguém nesta vida? Eu amo-o, amei-o desde que o vi, tenho sofrido, Azarias, sem esperança até este momento.

O mancebo, apelando para os inexaustos recursos do teatro, ajoelhou-lhe de improviso aos pés e levou aos lábios sôfregos a mão volumosa da consternada bacalhoeira.

– Minha adorada! – disse ele, comprimindo ao seio a mão nada equivocada –, agora partirei menos desgraçado...

– Partir!... para onde?

– Pois não sabe que a minha família partirá amanhã? – disse ele a custo, sentando-se, porque estava incomodado de joelhos, e deixando pender a cabeça para o seio. – Partirei, Anacleta, já que os ímpios fados assim o decretam... Meu pai o quer!... Bárbaro pai, cruenta guerra eu protesto fazer-te!... (*Eram reminiscências da tragédia de Baptista Gomes, que vira dias antes representar na Rua dos Condes.*) Deixar-te, Anacleta!... deixar-te no momento afortunado em que teus lábios me vaticinavam uma ditosa sina!... Oh, mil vezes desgraçado!, que melhor te fora a morte, se tão negra te é a vida!...

– Azarias!... – interrompeu Anacleta, levantando-lhe a cabeça, do mergulho sentimental em que o judeu algumas vezes escondia o riso de si próprio –, Azarias, se eu fosse verdadeiramente amada...

– Se fosses verdadeiramente amada!, perdão... *se fosses*, disse eu!... excedi-me... perdoe-me, Sr^a D. Anacleta... este *tu* foi o muito amor... a muita alucinação...

– Trate-me como quiser... Esse *tu* chegou-me ao coração... Gosto que assim me trates, Azarias... Vês como eu te recompenso?

– És uma divindade! – exclamou ele, beijando-lhe a testa, sem que o resto da face perdesse a sua cor natural...

– Vou exigir de ti uma prova do teu amor – disse ela com intimativa.

– Exige, minha encantadora!

– Dás-ma?

– Não mo perguntes... A minha honra? O meu sangue? A minha vida? Pede...

– Não é tanto... e o teu coração...

– Arrancado do peito? – disse ele, dando-se à postura ridícula de Catão, arrancando as entranhas.

– Não!, quero-te com o peito, com todo o vigor, com todos os dotes com que a natureza liberalmente te dotou, meu Azarias... Sabes o que eu quero? Não vás com tua família...

Nos olhos do israelita brilhou um raio de alegria, mas o artifício pesou-lhe na cabeça e deu-lhe a curva beatífica do penitente de procissão.

– Vês? – disse ela, comovida. – Ai está como tu me amas... Davas-me honra, sangue e vida, e não és capaz de trocar por mim a tua família...

– Não sou?... Como és cruel!... Anacleta... Há franquezas terríveis, que fazem corar as faces de vergonha... Mas há momentos críticos em que a reserva seria um crime entre duas pessoas que se adoram... Queres que eu seja franco?

– Sim, sim.

– Perdoas-me a dolorosa expansão em que vou rasgar-te as entranhas da minha consciência, para revelar-te uma verdade fatal?

– Diz, Azarias, depressa, que me tens em uma aflição...

– Olha... meu pai... aquele bárbaro... privou-me... da... minha mesada... Oh!... que vergonha.

Azarias levava comicamente as mãos à cara e escondia o impudente sorriso, enquanto a bacalhoeira soltava uma gargalhada.

– O que teu pai quis, meu Azarias. Pois tu não sabes que o amor vence todas as dificuldades? E consumes-te!... Muito pequena tens a alma!... É só isso que te faz partir?

– Todos os deveres de filho esqueço por ti... sacrifiquei-tos; mas sem meios não ficarei em uma terra onde das minhas mãos correram ondas de ouro.

– Pois não irás... ou então desde já te digo que me não amas...

– Não irei?

– Não... digo-te que não... Sou rica... quero dar a minha riqueza a quem der o meu coração... Nada te faltará em Lisboa, meu querido Azarias...

– Anacleta!, pede-me a vida, mas não me obrigues a viver à sombra da tua riqueza... Nas minhas veias gira o sangue hebreu... Meus avós morreram nesta terra maldita para não abjurarem a sua crença; eu morrerei para não abjurar a honra.

Azarias, se lhe não faltasse o fôlego, tinha muito que dizer acerca da sua honra. Felizmente, Anacleta cortou-lhe o discurso, lançando-lhe o braço de fino alabastro e bem fornecidos músculos, um pouco melhores que o alabastro, em redor do pescoço. Como envergonhada desta liberdade, retirou-o rapidamente, e foi cómica por sua vez, levando as mãos à face para velar o pudor, rebelde em vir à luz do dia.

Tudo aquilo era bonito e delicioso de ridículo; mas, se é necessário adoptar uma aberração, um quase absurdo na índole desta mulher, é certo que Anacleta amava sofregamente o judeu e sentia pela primeira vez, em alguma fibra intacta da lepra

daquele coração, os assomos juvenis de um amor capaz de sacrifícios.

O mancebo, encartado no exercício de todas as torpezas sociais e farto de estudar mulheres, sabia que tinha mulher e dinheiro e que pouco mais ficaria valendo fazendo-se melindroso em aceitar a suspirada oferta.

– Azarias!, não me amas! – dizia ela, amuada, quando retirou o braço.

– Que queres de mim?

Esta exclamação fez efeito pela postura de vítima voluntária que o devasso se deu.

– Que fiques em Lisboa.

– Ficarei.

Que consideres tua esta casa.

– Que te considere minha... minha adorada Anacleta!

Estas palavras foram a vanguarda de um beijo menos pudibundo que o primeiro.

Da testa descera aos lábios.

– Sim, tua, tua... toda a vida – disse ela, arquejando e pagando-lhe com usura o atrevido ósculo.

Neste momento entrava na sala o mestre de piano, acompanhando a menina, que vinha dar a sua lição. Anacleta, involuntariamente, franziu a sobrancelha. No fundo do seu coração detestou a música. A inocente Julieta, nesses momentos, querer-se-ia sozinha com o seu Romeu, em uma alcatifa de folhagem, bem escondida dos olhos do mundo, em um bosque impenetrável. Os singelos amores são sempre assim... Quem os deturpa são os homens que fazem romances, estes ímpios que arregaçam as cortinas do sagrado asilo das vestais, rasgam-lhes a elas as túnicas alvas, como a cândida pombinha, e ousam atirá-las nuas à sociedade, que quase sempre tem o impudor de apontá-las, e dizer: «Conhecemos assim umas poucas».

XIII

O iate partira.

Azarias estabelecera a sua residência aparente na Rua Nova da Palma; mas a sua morada habitual em todas as noites do primeiro mês, e durante a maior parte dos dias, era em casa da bacalhoeira. Nem ele nem ela faltaram aos seus compromissos. Azarias dava sensíveis provas de um exuberante amor. Anacleta não consentia que ele saísse de sua casa sem muito dinheiro para casos imprevistos. O israelita vovvera à sua antiga opulência. Naqueles tempos, uma sege e uma parelha de machos era privilégio de poucos. Azarias, muito a contento da bacalhoeira, cegava os seus inimigos com esse luxo miraculoso. Era geralmente sabido, na classe comercial, que o hebreu não tinha de casa de seu pai algum subsídio.

Entretanto, o homem não estava inteiramente gasto. Já sabemos que amava, como doudo, uma menina de alto nascimento e pouco acessível. Sem ela, Azarias não tivera desenvolvido tanta habilidade na cena que presenciámos. Por ela é que se venderia, não a uma mulher ainda bela como Anacleta, mas à primeira serpe calva e desdentada de Lisboa que lhe custeasse as despesas da conquista.

No fim de quatro meses, a bacalhoeira deu balanço à sua fortuna, e viu, sem pesar, que a sua paixão lhe tinha custado dez mil cruzados. Restavam-lhe oitenta, porque oito e os lucros do seu acreditado estabelecimento tinha ele consumido em regalias próprias. Era, e julgava-se verdadeiramente feliz. Recordações de Teotónio de Mascarenhas, se, alta noite, lhe alvoroçavam o sangue, o calmante era Azarias, e o sangue entrava plácido no giro regular das suas funções.

A este tempo, o hebreu tinha feito grandes progressos na difícil empresa da esquiva dama. Fascinada pela gentileza do opulento moço, deixou-se abordar tanto quanto era preciso para dizer-lhe que o amava; que se animava a ser sua esposa, ainda que seus pais lho proibissem. Azarias, cõnscio do resultado que teve, pediu-a e negaram-lha. Aproveitou a resolução da alucinada donzela e marcou-lhe uma noite para a fuga. Estavam em terra todos os estorvos: faltava um, e porventura o mais respeitável: dinheiro.

Anacleta, em uma das muitas horas de intimidade com Azarias, chamou-o ao seu quarto e mostrou-lhe o seu tesouro. O mancebo affectou uma displicência, quase desprezo, àquela revelação. Não perguntou a soma do capital, nem desperdiçou, a tal respeito, duas palavras. Anacleta poderia ressentir-se na sua vaidade, se Azarias não a indemnizasse com alguns beijos, sem entusiasmo, mas valiosos pela quantidade, o que na qualidade não podiam valer.

A noite da fuga era justamente aquela em que Anacleta estava ceando com Azarias e sua filha. Finda a ceia, Maria recolheu-se ao seu quarto, e a bacalhoeira, encostada ao ombro do amante, entrava no seu.

– Estou mal do estômago – disse ele.

– Que queres, meu filho?

– Café.

Pouco depois, entrava a cafeteira e duas chávenas. Anacleta encheu-as e ofereceu uma a Azarias.

– Dás-me o meu cachimbo? – disse ele.

– Onde está?

– Na sala do jantar, sobre a mesa.

– Vou buscá-lo.

Anacleta voltava as costas quanto o israelita lhe lançava na chávena um pó

esbranquiçado, que diluiu com a colher.

– Aqui tens, meu anjo.

A carinhosa amante bebia o seu café, enquanto o impassível hebreu saboreava os sorvos do tabaco opiado. Aproximava-se a hora da partida. Trocando-se brandas ternuras, Anacleta deitou-se, enquanto o judeu contemplava os rolos azulados do fumo do seu, cachimbo. Apenas ela pousou a cabeça na almofada do travesseiro,

disse que tinha um sono extraordinário, quando o café lho despertava de costume. Passou-lhe de relance pela memória uma cena horrível. Não se demorou a afugentá-la. Adormeceu contra sua vontade. Quis chamar Azarias, e não pôde. Quis tocar-lhe, e não tinha braços que obedecessem à sua vontade. Era a imobilidade do cadáver; mas vivia. O judeu operava tranquilamente. Abriu uma gavetinha do toucador, tirou uma chave com que abriu a quarta gaveta de uma cómoda, despejou sobre os vestidos de Anacleta, amassados em forma de trouxa, o dinheiro em ouro, buscou em roda de si alguma coisa que tivesse um fundo, pegou das meias da estremecida amante, improvisou duas saquinhas de peças, distribuiu grande porção pelas algibeiras e tomou debaixo de cada braço um grande saco de cruzados novos.

Atravessou às escuras as salas, que conhecia a palmos, desceu as escadas subtilmente, abriu a porta da rua com desembaraço, como quem sai de sua casa, para não causar suspeitas às patrulhas, e foi direito ao cais das Colunas, onde o esperava uma lancha. Entrou no iate ancorado a pouca distância, entrou em um beliche, abriu e fechou um baú e tornou para terra.

Quando passava entre a maruja, todos se descobriram. O capitão, acurvando a cabeça, onde alvejavam as cãs, perguntou:

– A que horas nos fazemos ao mar?

– Daqui a meia hora.

E, meia hora depois, a mesma lancha conduzia o israelita e uma dama, que chorava com a face apoiada no coração do mancebo.

Içaram-se as velas, o vento era de servir, e o iate, ao dar a meia-noite no Convento dos Jerónimos, avistava, lá em baixo, o farol na Torre de S. Julião.

Segue o teu roteiro, instrumento de Deus!

XIV

Às onze horas do dia seguinte, com grande espanto dos domésticos, não havia rumor de vida no quarto de D. Anacleta.

As criadas não ousavam chamá-la, porque lhes era defeso não só pela ama, mas pelo seu próprio pudor, bater a uma porta de um quarto onde existia um homem que não era marido da senhora.

A filha, menos respeitadora dessas considerações, ou mais inocente, bateu à porta, mais de uma vez, e, não ouvindo sequer um ai, animou-se do amor de filha e abriu a porta. Assustada, correu ao leito de sua mãe, chamou-a, agitou-a, e deitou-se a par com ela, chorando a altos gritos. Anacleta abriu os olhos espantadiços. Sentou-se na cama, e não podia sustentar a cabeça atordoada. Perguntou que horas eram, responderam-lhe que não tardava o meio-dia. Olhou em redor, como quem procura alguém...

– Meio-dia! – exclamou ela.

Saltou abaixo da cama, e não podia sustentar-se de pé, olhou para os vestidos entrouxados, e viu duas peças a luzirem em uma dobra; levantou os olhos aterrados para a gaveta, vê, duvida, afirma-se... era a chave que nunca ali deixara... vai, cambaleando, e encostada à filha, vê o cofre vazio!... Sustém-se um momento, como fulminada, leva as mãos à cabeça, que se lhe parte com dolorosos latejos, solta um grito pávido como o guincho de uma ave nocturna, e cai como morta, exclamando:

– Roubada!...

Quando tornou a si, achou-se rodeada de caixeiros, de facultativos, de criadas e de vizinhos.

– Quem a roubou? – era a pergunta de todos; mas Anacleta não respondia a ninguém. A sua dor não se diferenciava do idiotismo. Tudo aquilo parecia-lhe um sonho. Roubada por Azarias!... isto era incrível, impossível! Seria uma cruel brincadeira? Também não...

Era quase noite, e ninguém vinha decifrar o enigma do roubo. A justiça interveio imediatamente nos dissabores domésticos da bacalhoeira. Pediam-se-lhe esclarecimentos sobre pessoas nas quais pudessem cair suspeitas. Perguntavam-lhe a quantia roubada; nem a isso respondia. Por mais que a surpresa aflitiva a embrutecesse, Anacleta ainda tinha a finura necessária para conhecer a inconveniência de confessar o dinheiro que tinha... Não podia ninguém lembrar-se do capital que atribuíam ao monsenhor da Patriarcal.

Anacleta estava febril; mas fingia-se mais doente, para evitar perguntas. As onze horas da noite retiraram as numerosas amigas da enferma, e ficou o cirurgião assistente com Maria Amália, que era inseparável do leito de sua mãe.

O facultativo ignorava as intimidades de Anacleta com o filho de Moisés Pereira, suposto não ignorasse que se visitavam as famílias. A doente Parecia? sopitada nos pasmos que sucedem à febre, quando o cirurgião perguntou a meia voz a Maria:

– Então já sabe o que se diz a respeito do Sr. Azarias, que aqui vi algumas vezes?

Anacleta estremeceu, e Maria, corando, respondeu:

– Não sei.

– Pois eu conto a V. Sr^a. O tal judeu, para não desmentir a raça especuladora à qual pertence, namorava uma rica herdeira, filha única do morgado de Alpedrinha. Ninguém supunha que ele fosse capaz de a fascinar; mas o caso é que a tal menina gostou do judeu e fugiu com ele esta manhã.

Anacleta sentou-se na cama, vociferando um grito, que aterrou o próprio cirurgião.

– Minha mãe... que é? – exclamou ansiada a pobre menina.
 – É verdade o que acabo de ouvir? – perguntou Anacleta, lançando um olhar que afectava cruelmente os nervos do facultativo. – Isso é verdade?
 – O quê, minha senhora?
 – A fuga desse homem com uma mulher?
 – E sim, minha senhora.
 – Quando?
 – A noite passada.
 – É impossível... querem que eu endoudeça!... É mentira!
 – Se eu soubesse que a molestava, Sr^a D. Anacleta, não daria tal notícia... mas não minto por cousa nenhuma. Azarias fugiu com a filha do morgado de Alpedrinha, disso é que ninguém duvida em Lisboa.

Anacleta, que fizera mais do que devera esperar-se da sua índole, não pôde por mais tempo sustentar os bridões à sua natureza.

– Esse homem roubou-me! – exclamou ela, desgrenhando-se como possessa. – Esse homem é um ladrão, que me levou todo o meu dinheiro... Prendam-no, enforcuem-no... Aqui, de el-rei, contra Azarias, que me roubou!

A antiga regateira estava no uso pleníssimo das suas funções intelectuais. A mulher natural era aquela! A máscara caiu, na presença dos que vieram da vizinhança aos gritos da enferma e à choradeira da filha e da criada.

A medicina era impotente diante do desespero de Anacleta. Temiam-na, e não houve braços nem consolações que a aquietassem até às nove horas de manhã, em que a justiça veio aproveitar a maré cheia dos esclarecimentos. Era o juiz que interrogava Anacleta, fechado com ela no seu quarto:

– Quem a roubou?
 – Azarias Pereira, judeu, filho de Moisés Pereira e de Raquel Pereira.
 – Quando a roubou?
 – Na noite de quarta-feira.
 – Violentou-a?
 – Deu-me ópio para eu dormir.
 – Como sabe que lhe deu ópio?
 – Porque se deitou comigo às dez horas, adormeci logo, e acordei ontem ao meio-dia.

– Então esse homem...
 – Era meu amante.
 – Quanto lhe roubou?
 – Oitenta mil cruzados.
 – Em que espécie?
 – Ouro e prata.
 – Onde os tinha?
 – Naquele cofre – apontando para o que estava sobre uma cómoda.

O juiz entregou o cofre ao meirinho-geral, que o esperava na antecâmara, e os apontamentos ao escrivão.

O boato correu em Lisboa com a rapidez de todos os boatos que desacreditam, e foi bem recebido, como todas as infâmias que dão margem aos comentários. Admiravam o cabedal que a bacalhoeira acumulara, e vieram logo as suspeitas de dente envenenado morder a reputação da amante do monsenhor da Patriarcal, cujo fim e cujo dinheiro ninguém farejara.

O marquês do Vale, irmão do beneficiado, quis ver o cofre em que se achavam os oitenta mil cruzados. Reconheceu-o. Era uma preciosidade que trouxera da Índia seu

bisavó, governador. Instaurou imediatamente um processo contra Anacleta dos Remédios.

A desgraçada, conduzida aos tribunais para novas revelações, ouviu com estranha coragem a imputação que se lhe fazia de ter ficado com o dinheiro de D. Teotónio de Mascarenhas. Respondeu que a caluniavam: que aquele cofre lhe fora dado por ele, para ela guardar as jóias de suas filhas. As probabilidades depunham contra a bacalhoeira; mas não houve uma só testemunha que a condenasse, e não chegou a ser pronunciada.

Continuou o processo-crime contra o israelita. Pediram-se revelações para os remos vizinhos acerca da sua paragem. Não se alcançaram. Ao cabo de alguns meses, dormia o processo, e a maledicência também. Anacleta pagou as custas e esperou novos esclarecimentos.

O estabelecimento da bacalhoeira poucos dias depois estava desmantelado. Quando ela tratava de dar balanço ao comércio, que, nos últimos três anos, deixara a cargo de caixeiros, viu que tinha sido roubada pelo guarda-livros, que, dois meses antes, embarcara para o Brasil. Havia créditos; mas as dívidas a pagar, suposto que aparecessem riscadas nos livros do caixeiro ausente, eram superiores aos créditos. Anacleta reconheceu que estava absolutamente pobre; antes, porém, que o ela soubesse, já as suas numerosas visitas o sabiam. Abandonaram-na.

A baixela e móveis com que adornava faustosamente a sua casa foram arrematados em leilão para pagamento de dívidas. Despedida do prédio que ocupava, achou-se em uma pequena casa da Rua da Rosa das Partilhas, com sua filha Maria Amália, e uma velha criada, que a acompanhou, porque não teria quem naquela idade a tomasse pelo sustento.

Anacleta calculou as suas posses e achou-se com três cordões de ouro, alguns pares de brincos, anéis, fivelas e insignificâncias que lhe dera o cónego, seu primeiro possuidor.

Suas filhas, Emília e Antónia, terminavam nesse mês o ano de colégio, cujo pagamento fora adiantado. Mandadas recolher a casa por sua mãe, não vieram. Queridas no colégio pelas suas prendas e virtudes, foram recebidas como mestras. Antónia ensinava todas as prendas de costura, Emília auxiliava as educandas, na ausência do mestre, a compreenderem as suas lições de música.

Eram felizes.

XV

Sigamos, embora com repugnância, os vestígios da desgraçada, que se arrasta sobre os espinhos da expiação a que a Providência da eterna Justiça a condenou.

Anacleto dos Remédios, seis meses depois que mostrara a Azarias o cofre, em que não via o sangue de Teotônio de Mascarenhas, teve fome. Os medíocres valores que o atraído cónego lhe dera não existiam. Os abundantes bragais que pudera salvar do sequestro vendera-os. As pessoas que lhe tomavam o seu chá e comiam os seus jantares responderam com uma esmola à sua primeira carta, com uma desculpa à segunda, e devolveram-lhe fechada a terceira. Tinha fome!

O suicídio ocupou-lhe a imaginação algumas horas. Comunicou a ideia a sua filha, e a infeliz menina abraçou sua mãe, soluçando:

– Pois sim, morramos juntas, antes que a fome nos mate!... Anacleto não tinha coragem para tanto. A alucinação foi passageira. Subira de peixeira para senhora de sala; descera de senhora de sala para uma baixa condição, que já conhecera... enfim, a fome não lhe era estranha e a vergonha não a atormentava. De sua filha não pode julgar-se o mesmo. A sensação da fome sentiu-a pela primeira vez; a vergonha da indignação queimava-lhe a face virgem dos calores do opróbrio.

Nesse dia em que o suicídio fora adiado, Anacleto viu-se a um espelho, e murmurou:

– Ainda não estou velha!

No dia, seguinte penteou-se e vestiu-se o melhor que pôde. Encostou-se ao parapeito da janela, sorriu ao primeiro homem que passava, respondeu com um aceno a uma pergunta, e, recolhendo-se para dentro, mandou retirar a filha para a cozinha.

Maria Amália perguntava, depois, a sua mãe que homem era aquele.

– É o procurador que trata da minha causa contra Azarias.

Dali em diante a menina foi mandada recolher à cozinha muitas vezes, porque o procurador era certo todos os dias, e em todos eles deixava por conta do que havia de receber-se de Azarias alguns cruzados novos. A explicação satisfez Maria Amália; mas, como lhe acontecesse encontrar algumas vezes, de relance, variadas caras, sua mãe dizia que eram variadas pessoas encarregadas de averiguarem a residência de Azarias para o capturarem. Como quer que fosse, o lume acendia-se todas as manhãs, e o jantar, se não abundante de iguarias, era frugal e abençoado pela menina.

E os procuradores continuavam.

Aconteceu entrar um dos elegantes do tempo em casa de Anacleto. Como ignorante dos precedentes desta mulher, inquiriu-lhe a sua vida passada. Ouviu um contexto de mentiras, que o fizeram sorrir de paixão. Anacleto, desmemoriada pela devassidão, ou entretida com outras emoções na época da sua gloriosa opulência, não se lembrou que esse homem fora apresentado em uma das suas assembleias, que então se não chamavam bailes. O desconhecido falou-lhe em virtude, em honra e temor de Deus. A meretriz soltou impudentes gargalhadas. O austero mancebo retirou-se triste: mas, desde esse dia, Anacleto recebeu misteriosamente uma mesada, que nunca tratou de averiguar donde lhe vinha. Lembrou-se de alguma restituição, e não achou mérito na generosidade. Lembrava-se, porém, do moralista, que nunca mais aparecera.

Entre os concorrentes, destacava-se pelas exterioridades um que ninguém diria ser procurador de causas... perdidas, como a da Sr^a Anacleto dos Remédios. Quem quer que era, apeava da sua carruagem no Largo do Calhariz e subia a pé a Rua da Rosa das Partilhas, cosendo-se com as paredes, até se coar na humilde casa da falida bacalhoeira.

Naquele tempo (1800), certos homens, mais hipócritas que os de hoje, e mais

devassos talvez, envergonhavam-se de serem surpreendidos em flagrante entrada ou saída por portas de casas onde a virtude tinha fugido pelas janelas.

O cavaleiro que visitava com mais frequência a Sr^a Anacleta era um desses beneméritos da opinião pública.

Recapitulando os diálogos que falaram, aproveitaremos o último, que deixa ver o dedo do gigante que nos aponta todos os outros.

– Então, Anacleta, falaste com a Maricas?

– Não, meu senhor... nem me atrevo a falar-lhe...

– Forte tola!... Porquê?

– Não sei como hei-de principiar... Pega-se-me a língua ao céu da boca quando vou a dizer-lhe o seu recado...

– O meu recado? Não lhe digas isso como recado meu... diz-lho como cousa tua; do contrário nada feito...

– Não sei que lhe faça, Sr. Duque...

– Cala-te... não me chames duque... já to disse...

– É verdade... tinha-me esquecido... perdoará...

– O que tu hás-de fazer é aconselhá-la...

– Não sei como, palavra de honra...

– Isso é fácil... Ora olha; aprende este recado... «Maria, nós somos desgraçadas, e podemos ser felizes... Há uma pessoa das primeiras pessoas de Portugal que te quer muito e que daria tudo para que tu fosses dele. Na infeliz situação em que estamos, tu não podes esperar um casamento que te tire da miséria. Mais hoje ou mais amanhã, hás-de ser de algum homem que não tenha um vestido que te dê, nem te assegure um futuro melhor do que o que tens. Parecia-me que era uma fortuna para nós ambas tu querereres tomar amizade a este senhor, que muito em segredo te digo que é um duque.» Se vires que a pequena principia a fazer caretas de beata, diz-lhe logo isto: «Olha, Maria, tu já sabes o que é o mundo e o pouco que vale sacrificar-se a gente a uma palavra vã que diz *virtude*. Logo que empobrecemos, fomos desamparadas por toda essa canalha que admirava o teu génio de pomba e o teu coração de anjo. Deixa-te de honradez, porque a honra, se fosse uma oferta muito bem recebida por Deus, Deus não permitiria que as virgens, forçadas pela fome, se perdessem.» Ora repete lá isto que eu te disse.

Anacleta, convencida das razões filosóficas do duque, repetiu o recado a seu modo, engasgou-se muitas vezes; mas o generoso fidalgo teve a amabilidade de repetir-lhe quatro ou cinco discursos, que por fim a bacalhoeira aposentada repetiu excelentemente.

Na ausência do duque, Anacleta, com as ideias frescas, cobrou forças da filosofia e da miséria, fechou-se com sua filha e repetiu, com poucas variantes, o texto do eloquente fidalgo. Maria Amália ouviu pasmada o revoltante convite. Não pestanejava, não respirava, sentia rasgar-se-lhe o coração a cada palavra nova que lhe feria os ouvidos, arfava como quem dificilmente reprime o choro que vai rebentar dos olhos... Que sublime lance! Que grandiosa luta a do anjo com o Demónio! Como seria expressivo da vontade de Deus o raio que naquele instante descesse do céu a fulminar a serpente que se enroscava na pomba!

Maria, terminado o discurso, balbuciou:

– Não entendi, minha mãe... É impossível que seja verdade o que eu supus!...

– Que supuseste, Maria?

– Não me atrevo a dizê-lo...

– Diz...

– Não posso... desengane-me... Que é o que me quer, minha querida mãe?

– O que te quero, Maria?... Fazer-te feliz...

– Quem me dera sê-lo, meu Deus!... Mas de que maneira?
 – Escolhendo-te um homem que te dê tudo que precisares...
 – Um homem!... Que homem?... Não temos parentes nenhuns...
 – Parentes!... quais parentes!... Um homem rico, capaz de te estimar, de te trazer no galarim, com bons vestidos, bem servida e invejada das outras...
 – Onde está esse homem, que me estima, sem me conhecer, sem eu o conhecer a ele, que, sem mais nem menos, me queira tirar desta infeliz situação que a desgraça nos deu? Que tenho eu para merecer tanto?

– A tua formosura...

– Ah!... – exclamou Maria, erguendo-se com as mãos apertadas na cabeça –, compreendi tudo, santo Deus! Tenho dezasseis anos, e a minha mãe manda-me ser má mulher! Oh!, que vergonha...

Com a face cheia de lágrimas e as mãos erguidas, Maria Amália fugiu de ao pé de sua mãe e debruçou-se em soluços na janela do saguão, onde aquela dor não tinha testemunhas.

Anacleto vacilava entre a compaixão e a raiva. Os instintos perversos da peixeira regeneraram-se, como se bastantes anos de outra vida lhe não tivessem modificado a vocação. Abafados pela felicidade, à custa de infâmias, ressurgiram robustos no momento em que a penúria corroe os vínculos que prendiam aquela mulher à sociedade.

Na alternativa, venceu a raiva. Anacleto bateu o pé no chão. Aquela reminiscência da Ribeira Nova era significativa. Maria Amália tinha de ceder.

A pobre menina, quando chorava, com meio corpo pendido sobre o saguão,, sentiu a atracção do abismo e quis precipitar-se. Conteve-a a memória da sua amiga e mestra, a filha de nobres decadentes, que lhe dera lições de virtude e religião, apresentando-se, como exemplo, na sua posição de criada, nascendo senhora. «Se me não mato hoje», dizia ela na sua alma, «tere de fazê-lo amanhã... pois amanhã será...»

Quando anoiteceu, os procuradores da causa de Anacleto revezavam-se. Maria, por amarga intuição, relâmpago de luz sinistra que lhe alumiu ignoradas torpezas, compreendeu, nessa noite, a vida de sua mãe. Lançou-se nos braços da velha criada, e choraram ambas.

O duque, depois que ouviu devotamente com a sua família a missa do capelão, veio, por travessas e becos, procurar à Rua da Rosa o ultimato das suas negociações. Anacleto, antes que ele lhe perguntasse o efeito do discurso, ergueu os ombros, como quem diz:

«Nada feito.»

– Resiste? -- perguntou o fidalgo.

– Eu não lho disse a V. Ex^a?!

– Ora, deixemo-nos disso, Anacleto... Eu não engulo araras... O que tu queres é que eu suba o preço... pois bem, subirei... Até aqui eram cinquenta... agora são cem moedas... serve-te?

– Quer V. Ex^a uma cousa? – disse Anacleto, com os olhos abrasados de cupidez e a ânsia das cem moedas no coração.

– Diz lá.

– O que não se faz por jeito...

– Pode fazê-lo a força... é o que queres dizer?

– Bem visto.

– Também pode ser... Que te parece?... Gritará?...

– Que importa?... A criada saiu... e eu... serei surda e cega...

– Mas se a resistência for invencível... já se sabe que as cem moedas... é um

contrato nulo... percebes?

- Percebo...
- Então, quando?
- Ela está no quarto da criada, ao pé da cozinha, à esquerda.
- Que faz ela?
- Eu sei cá?... Parece-me que está a rezar as contas...
- Ah!, ela reza?!
- Sempre... como não tem que fazer...
- Então parece-me que não ganharás as cem moedas, Anacleta!
- Quem se não aventurou, nem perdeu nem ganhou...
- Achas? Então... viva o anexam... Cá vou...

Anacleta teve um momento de terror. Perguntou a si mesma se aquela menina, que vendia, era aquela filha querida que a fizera perpetrar um homicídio... se era aquela que entregara aos desvelos de uma piedosa mestra e aos extremos de uma apurada educação. Devia ser bem amargurada aquela intuspecção do passado! Quem poderá conceber a perdição de uma mulher que pode assim recordar-se um instante, e em outro aplicar o ouvido para escutar o motim da revoltante cena que devia passar-se tão perto dela!

O duque, pé ante pé, entrou no pobre quarto em que Maria Amália, sentada sobre a cama, com a barba apoiada nas mãos entrelaçadas e os olhos fixos em um registo de Maria Santíssima, parecia pedir como quem pede a morte...

Ao ranger da porta, estremeceu. Quando viu um homem estranho, soltou um grito e saltou abaixo da cama.

- Que é isso, menina? – disse o duque, recuando para a porta.
- Eu não a ofendo...

Maria encostou-se a uma cómoda com as mãos erguidas.

– Não tema, Mariquinhas... Eu não sou nenhum jacobino que me divirta a devorar meninas galantes... Quis vê-la de perto, já que de longe tão linda me parecia, e tenho a satisfação de lhe dizer que me não enganei... tanto melhor para a minha querida ingrata... Ora venha cá... conversemos aqui como o rolo saudoso conversa no bosque ameno com a rola saudosa...

Maria Amália sem descer as mãos da postura aflitiva de quem implora compaixão, recuava para o fundo do quarto.

- Entendamo-nos – disse ele, sem avançar um passo para ela –; sabe quem sou?
- Não, senhor.

– Eu lhe digo... em primeiro lugar sou um homem bem-criado e atencioso, como vê. Em segundo lugar, tenho um coração que já não é meu, porque, desde o momento em que a vi, tive o desgosto de me achar sem ele. Em terceiro lugar, sou um dos mais ricos de Portugal. Em quarto lugar, sou duque. E em quinto lugar, finalmente, faço tudo quanto quero.

Amália sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos e susteve-se dificilmente em pé.

– Ofereço-lhe o meu coração, a minha riqueza, os meus carinhos... Se mos não aceita... estamos mal... penso eu... Ora chegue-se aqui, Maricas... Uma menina bonita não deve chorar, que se faz feia... Venha cá... sente-se no meu colo, que lhe quero enxugar essas lágrimas...

Maria teve um pensamento, que lhe fez dizer no fundo do seu coração: «Estou salva!»

Caminhou para o duque, sem hesitação, e quando ele, com os olhos abrasados, lhe estendia os braços, a desgraçada corre à porta, que apenas estava cerrada, atravessa a cozinha, chega à janela do saguão e precipita-se, exclamando:

– Meu Deus, perdoai-me!

Anacleto, que ouvira o brado, vem à cozinha e encontra o duque pálido e firme, no batente da porta do quarto, como assombrado de um raio.

– Minha filha? – perguntou ela.

O duque apontou a janela. A mãe correu, debruçou-se, e viu-a alvejando sobre as lajes negras, com a face voltada para cima e os regos de sangue a cruzarem-se.

Que foi o que ela sentiu? Não o saberão decifrar os profundos conhecedores do coração humano. A ciência da dor é quase uma arte que estabelece regras nos seus juízos; mas Anacleto era uma exceção monstruosa.

É certo, porém, que a malfadada, ao levantar os olhos do cadáver de sua filha, fixou-os no céu, perdeu a luz e caiu aos pés do duque.

Tornando a si, Anacleto encontrou a seu lado a velha criada, que lhe perguntou:

– Fugiu a menina?

– Pergunta-me se fugiu!... Sonharia eu?

– Como vim encontrá-la neste estado, cuidei que dera pela falta dela e desmaiara.

Anacleto olhava, como ébria, para a criada. Depois apertou a cabeça, como quem precisa segurar uma ideia salvadora que quer fugir-lhe. Pegou do braço da criada, chegou à janela, mostrou-lhe a filha e murmurou em som de indefinível terror:

– Está ali... morta... matei-a eu... Não me acuse... deixe-me fugir... depois diga que foi sua mãe que a matou... Venda o pouco que tem nesta casa para que lhe dêem uma sepultura... Adeus.

Anacleto desapareceu. Na noite desse dia, a tumba da Misericórdia levantava de sobre duas cadeiras um cadáver fracturado.

XVI

Nove anos depois, Sebastião de Melo, em uma das suas excursões por países estranhos, entrava em Portugal pela fronteira do Norte. Por esse tempo, um estranho, na província de Trás-os-Montes, corria perigo de ser arcabuzado, apenas a voz «jacobino» fosse proferida e um dedo apontasse a vítima.

Sebastião de Melo, por desvios tortuosos, procurava ganhar as alturas do Alvão, para descer à ponte de Cavês, onde as tropas portuguesas lhe garantiam segurança.

Perdido por serras agras e intransitáveis, anoiteceu-lhe no descampado de um vasto ermo, e fragas negras, de tojos e sargaços, entre os quais se levantava uma pinha de cabanas, colmadas, quase imperceptíveis, se as colunas de fumo, açoutadas pelo vento da noite, não denunciassem que debaixo daquele céu era possível a existência.

À entrada da aldeia estava uma capela meio derrocada com as sete cruzes da Via Sacra em redor. Na ocasião em que o perdido caminheiro por ai passava, às ave-marias, chegou um vulto à porta da capela e por três vezes tocou três badaladas, tiradas por uma corda. Sebastião de Melo descobriu-se e orou. Naquela situação, a piedade falava-lhe mais naqueles sons, perdidos na amplidão da cordilheira de montanhas, que toda a filosofia cristã dos doutores da Igreja.

O passageiro parou para saber do ermitão da capelinha que terra era aquela e quem lhe daria ali um bocado de pão e umas palhas para o cavalo.

Viu caminhar na sua direcção um vulto e conheceu uma mulher coberta de farrapos, que lhe perguntou:

– Quer alguma cousa, senhor, ou espera alguém? Deus lhe dê boa noite.

– Deus lhe dê a mesma. Não espero ninguém... Queria saber como se chama este povo...

– Viduedo. É uma terra muito desgraçada, não é?

– Pelo que parece... Mas não será tão desgraçada que não dê gasalhado a um passageiro que se perdeu?

– Deus permitirá que o senhor não fique na rua. Eu vou ensinar-lhe a melhor casa do povo, onde ninguém bateu que não achasse agasalho.

Sebastião de Melo, que conhecia a pronúncia das províncias, fizera reparo na correcção com que a sua andrajosa guia se exprimia.

– O senhor vai para longe? – perguntou ela, arrancando da face um espinho de silva que lhe abrira um rego de sangue.

– Feriu-se? – disse o passageiro, curvando-se para vê-la.

– Não é nada... A gente está afeita a isto...

– Perguntou-me se ia para longe?

– É verdade, mas arrependi-me... não faça caso da minha curiosidade... defeito de mulher velha...

– Vou para Lisboa...

– Sim! – disse a velha, escondendo o sobressalto. – Ainda tem que andar!... É muito longe, segundo dizem...

– Setenta e tantas léguas...

– Ora pois, Deus o leve a salvamento... A casa é esta... procure pelo Sr. Capitão, e terá uma noite de boa companhia... Passe muito bem, senhor.

– Espere... aceite esta lembrança da minha gratidão.

Sebastião de Melo dava-lhe algum dinheiro em prata. A mulher recusou-o com delicadeza:

– Muito agradecida... não lhe faltará ocasião de o empregar melhor... Eu não

preciso...

Sebastião de Melo batia à porta do caritativo capitão de Viduedo quando a sua célebre condutora se sentara em uma pedra, soluçando sufocada em gemidos.

O capitão de Viduedo era realmente o homem que se pintara ao cavaleiro. A sua larga porta de carro foi aberta pelo próprio capitão, que vestia um avental de saragoça atado no pescoço e umas polainas da mesma fazenda assertoadas até à cintura. A primeira entrada do hóspede foi na corte das cavalgadas, onde o Sr. Capitão tinha uma égua, segundo ele, o primor das éguas, que comprara por seis moedas e um quartinho na feira do S. Miguel. Acondicionado o cavalo com abundante milho e feno, o passageiro subiu para a cozinha, onde encontrou, sentada em escabelos, a numerosa família do Sr. Capitão, que tinha o prazer de ver assentados ao seu lar quatro avós, dois paternos e dois maternos, o mais novo dos quais tinha oitenta e cinco anos.

Sebastião de Melo foi acolhido com uma salva de estouros de castanhas, que saltavam na ampla assadeira, pendente do caniço sobre a labareda dos grossos toros de carvalho.

O hóspede sentou-se no melhor lugar, que era ao pé do avó paterno do Sr. Capitão. Este velho, realmente, tinha no rosto sulcado o que naquelas terras se chama *musgo*.

– Que anos tem este seu avô? – perguntou Sebastião de Melo.

– Noventa e dois, feitos pelas bessadas, para o servir.

– Como aqui são longas as vidas! – disse o passageiro, fixando atentamente as cãs venerandas daquele século.

– Pois ai onde o vê – disse o capitão –, é rijo como as armas... Ele que lhe conte a vossemecê...

– A vossemecê?! – atalhou o velho. – Dobra a língua... tu não sabes com quem falas... Se fosses à capital do reino como eu, terias aprendido a ser cortês...

– Sr. Capitão, trate-me como amigo e deixe falar seu avô... Então já foi a Lisboa?

– Já, sim senhor... Há setenta e oito anos, feitos pelo S. Miguel.

– Conte lá essa história cá ao senhor, que há-de gostar.

– Pois lá vai... O fidalgo não viu ai na porta do carro uma pedra de armas, com quatro cabras por escudo, e um tambor por timbre?

– Como entrei de noite...

– Pois eu lhe conto ¹... Tinha eu treze anos... era assim um cachopo como aquele meu bisneto que ali está a assar as castanhas. Andavam as guerras do senhor rei D. Pedro II com o rei de Espanha. Os perros dos espanhóis tinham entrado por Chaves e estavam aí acampados no vale de Aguiar, daqui légua e meia. Eu, quando o soube, estava-me cozendo cá por dentro e disse a meu pai, Deus lhe perdoe: «Vou fazer fugir aqueles diabos.» Puseram-se a rir de mim, e vai eu que faço? Vou pelo *povo* e por outro que ai está ao fundo da serra, que se chama Póvoa, e pedi as lanternas de andar de noite à rega. Ao lusco-fusco, acendi-as e botei fora a rês ². Pus-lhe, com sua licença, nos galhos as lanternas e disse ao pegureiro: «Anda lá pra diante co esse gado.» Havia cá em casa um tambor de andar cós entremezes do Entrudo, botei-o pró cachoço e fui, fui, até avistar o acampamento dos perros. Apenas cheguei ao alto, comecei a tocar o tambor, e as cabras a descer com as lanternas, com sua licença, nos galhos. Neste comenos, ouvimos tocar tambores e cometas, que parecia um inferno. E eu a descer pela montanha com a rês... Não lhe digo nada... Os espanhóis não pararam senão em Chaves e levaram taponas de criar bicho, porque foram encurralados na praça pelas tropas que vinham lá de por aí abaixo de Guimarães. Ora ai está. Depois veio aqui um governo de

¹ É verdadeiro e notório este facto.

² Rebanho de gado lanígero.

chapéu de bicos e disse-me que o senhor rei me mandava ir a Lisboa. Atirei-me pra riba da minha égua e preguei comigo no palácio real. Veio o senhor rei falar comigo a uma cousa assim a modo de andor, onde estavam muitos figurões, que me diziam muitas cousas e tal *et caetera*. E vai depois, veio um governo, que ajoelhou ao senhor rei, e eu ajoelhei também; e ele pôs-se a rir, e os outros riram-se todos. Lembrou-me se era de obrigação rir-se a gente quando o rei se ria, e eu pus-me a rir também, e assim me Deus salve se eu sei do que era! E vai depois, meu amiguinho, o rei meteu-me um papel nas unhas e mandou-me ao erário, onde me deram duzentas amarelas e me disseram que eu era fidalgo da casa real e cavaleiro da Ordem de Cristo, para mim e prós meus descendentes, e que mandasse fazer o meu brasão pelo que vinha no diploma, que tenho lá em cima na arca. Ora ai está a história... agora vamos à ceia que está na mesa.

Sebastião de Melo, maravilhado da obscura grandeza daquele homem, nem por isso deixou de prestar homenagem a uma gorda galinha, escoltada de nacos de presunto, que lhe puseram diante. Comeu e viu comer admiravelmente. Deu graças a Deus, que eram entoadas pelo fidalgo da casa real, e ouviu falar, por essa ocasião, de santos e santas que não eram do seu conhecimento. Dadas as boas-noites, beijadas as mãos de tios, mães, pais, avós e bisavós, sentaram-se à lareira, onde as raparigas do povo, com as rocas à cinta e as estrigas no avental, vinham fazer serão.

Sebastião de Melo estava pensando na velha que tocava às ave-marias, quando ouviu uma badalada, que fez largar o trabalho, e erguer as mãos àquela gente. Logo depois, como de um outeiro eminente, veio este pregão³:

– Rezai um padre-nosso e uma ave-maria por todos aqueles que pedem à misericórdia infinita o perdão dos seus crimes.

Rezaram.

– Rezai um padre-nosso pelos que morreram sem poder pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Momentos depois:

– Rezai um padre-nosso pela desgraçada penitente, que não ousa pedir a Deus o perdão dos seus crimes.

Deu-se um profundo silêncio; e, rezada a oração, disseram todos:

– Coitadinha... és uma santa!

– Isto é costume cá da terra? – perguntou o hóspede.

– Há oito anos é todas as noites – respondeu a Sr^a Ana, digna esposa do capitão, limpando as lágrimas ao seu avental de serguilha.

– É alguma devota cá da aldeia? – disse Sebastião de Melo.

– Não, senhor. É uma penitente, que ninguém sabe de onde veio, há oito anos.

– Eu, quando entrei no povo, encontrei uma mulher esfarrapada tocando a sineta da capela...

– É a mesma... é a santa... – disseram umas poucas de vozes.

– Pois, durante uns poucos de anos – disse o hóspede –, não tem sido possível saber de onde veio esta mulher?

– Não, senhor – disse a Sr^a Ana, fazendo zumbir o fuso e salivando o fiado. – Esta criaturinha de Deus apareceu aqui toda esfarrapada, a tremer de frio, descalça, com as pernas enterradas na neve até ao joelho, que fazia mesmo doer o coração. Bateu à nossa porta e pediu um bocadinho de broa e uma tigela de água. Mandámo-la entrar, disse que não entrava; quisemos dar-lhe uma aguinha de unto, não quis bebê-la. Comeu o pãozinho, bebeu a água, disse-nos muitas palavras de agradecimento, e foi-se embora. Mandei o meu João atrás dela, que não fosse a criaturinha morrer estatelada em algum

³ Em algumas aldeias do Norte são usuais estes pregoeiros nocturnos, que *encomendam as almas*: é a frase popular.

barranco de neve, e ele foi topá-la ajoelhada no coberto da capela, a chorar e a gemer, que o meu João veio a chorar para casa, e fez-nos chorar a todos. Fui eu lá onde a ela, e mais aquele avô do meu João, que sabe dizer as cousas com mais aquela, pedimos e tornámos a pedir, mas não houve trazê-la prá fogueira. À noite fomos lá outra vez, e ela pediu-nos uma mantinha velha, e mais nada. Dormiu no coberto da capela, que é assim a modo de um alpendre. Pela manhã fomos a ver se ela estaria morta, e topámo-la a vir com a mantinha para no-la dar. Dissemos-lhe que viesse comer um caldinho, não quis. Demos-lhe o bocado de broa, não a aceitou, e disse que ia bater a outra parte.

»Foi a casa de uma pobre, que mora aqui nas costas da nossa casa, e achou-a na cama a tremer maleitas, que andavam nesse ano muito atreitas por cá. Sentou-se ao pé da mulherzinha, agasalhou-a tanto, tratou dela nas tremuras, e no fim comeu um migalho de broa e bebeu água. Começou a gente a tê-la por santa, e ela dizia que era a maior pecadora que Deus botara ao mundo. Onde houvesse um doente, ela lá estava de dia a tratá-lo, mas de noite vinha dormir ao alpendre da capela. Quando, ao domingo, o Sr. Padre Januário da Póvoa vinha dizer missa, a pobrezinha não entrava na capela, ficava sempre cá fora no alpendre, sempre com a cara na pedra estreme. Assim que tinha o fatinho roto, que se lhe visse a carne, aceitava um, mas havia de ser de serguilha, que trazia mesmo sobre a pele de Verão e de Inverno. Dizia o Sr. Padre Januário que era uma penitente, e um frade varatojano, que veio às missões, disse que era uma santa.

– Mas agora, Sr. Fidalgo – disse o capitão –, sempre lhe vou fazer uma pergunta, que me tem dado que congeminar cá com a família. Porque será que ela se não confessa, nem quer dizer o seu nome?

– Deus o sabe! – respondeu o passageiro, profundamente reconcentrado naquele grandioso segredo.

– Ora aí está – disse triunfantemente o cavaleiro da Ordem de Cristo –, é o que eu tenho dito a estes lapuzes, que querem saber tudo que nem os homens que têm andado terras, como nós, se atrevem a dizer... Deus o sabe... é o que é.

Finda a história, as raparigas principiaram a entoar a ladainha de Nossa Senhora, com admirável acorde de vozes, que entristeciam, e, ao mesmo tempo, suavizavam as mágoas ocultas de Sebastião de Melo. A meia-noite, cada qual dos que vieram ao serão pegou no seu tanchão aceso e despediu-se com a frase usual: «Com bem passem a noite.»

O capitão foi guiar ao quarto o hóspede, e tratava de meter o gancho da candeia em uma fiska de parede, quando Sebastião de Melo, sentado em uma caixa, com o coração preocupado por tudo que era misterioso e extraordinário, disse ao capitão:

– Meu amigo, há-de fazer-me um importante favor.

– Não tem mais que pedir, Sr. Fidalgo.

– Há-de mostrar-me a capela em cujo alpendre dorme a santa, porque me parece que, se eu for sozinho, não atinarei.

– Vamos lá, meu senhor... é já.

– Tem de me fazer outro favor... Logo que me mostrar a capela, há-de me deixar sozinho com essa mulher.

– O que o fidalgo quiser.

Saíram. Eram profundas as trevas. O vento, arrastando-se sobre a vegetação daquele ingrato solo, soava um rugido abafado. Os morros de fragas, negreando na escuridade, pareciam as entranhas da terra, que rebentavam em um eterno caos. A sineta da capela, sacudida pelos furacões, vibrava uns sons amortecidos, como as últimas badaladas de um dobre de finados.

O capitão, afeito àquela cena, não reparava no êxtase, misto de terror e admiração, em que Sebastião de Melo se ficava esquecido na presença do quadro pavoroso.

O lavrador mostrou a capela ao seu hóspede e retirou-se dizendo que acharia o portão de casa aberto quando quisesse entrar.

XVII

Sebastião de Melo parou no limiar do coberto e viu um vulto imóvel, embrulho indecifrável, chegado à fachada da capela. Caminhou para ele. Ouviam-se apenas as areias estalarem-lhe debaixo dos pés. A penitente dormia, com a face encostada no degrau da ermida. Melo cruzou os braços e mergulhou os olhos em um quadro de sofrimento, novo para ele.

Daí a pouco, rajadas de chuva fria, fustigadas pelo norte, entravam no alpendre e batiam na face do filho de Frei Baltasar da Encarnação. Oculto por detrás de um pilar, que sustentava um coberto, esperou, gelando-se de frio, compenetrar-se do que seria aquela pobre mulher, sofrendo assim oito anos.

Pensava e pedia à fantasia a revelação daquele mistério, quando a penitente soltou um gemido trémulo e prolongado. A infeliz tiritava e limpava com a manta a face borrifada pela chuva.

– Que frio, meu Deus! – exclamou ela. Houve um quarto de hora de silêncio.

«Adormeceria outra vez?», perguntava-se Sebastião de Melo. «Como será possível? A dor petrificará o corpo como a alma?»

Uma segunda exclamação da mulher sem nome quebrou as reflexões do passageiro:

– Maria Santíssima!, quando os meus dias estiverem contados, dai-me uma agonia menos atormentada que este viver!

Esta linguagem aumentou as suspeitas de Melo, que, desde as primeiras palavras proferidas por esta mulher, imaginara que debaixo daqueles farrapos não estava um sofrimento ordinário e uma mulher comum.

– Senhor Deus!... – continuou, com intervalos, a penitente. –Eu não me queixo. A minha alma acolhe com prazer os sofrimentos; mas o corpo é fraco... Não vos peço, Deus de misericórdia, um dia menos no meu prazo de expiação! Senhor, o que vos pede a pecadora é, à hora da morte, um sinal do vosso perdão.

A penitente, quando proferiu esta última oração, estava de joelhos, com os olhos cravados na lâmpada do altar, através do ventilador, lateral à porta. O som convulso da sua voz soava no pequeno âmbito da capelinha.

– Jesus crucificado, não me deixeis morrer sem que eu ouça o perdão de minha filha, do meu anjo, da minha vítima, da minha desgraçada filha...

Sufocaram-na os soluços, que pareciam os gritos surdos de uma garganta comprimida pela violência da asfixia. Sebastião de Melo, com toda a sua valentia moral, sentia medo, este medo supersticioso que as almas pequenas nunca sentiram e que nos povoa a escuridão de fantasmas.

A penitente continuou:

– Se eu fiz vítimas, Senhor... se não pesam sobre a minha alma três cadáveres somente... se as minhas duas filhas, que deixei no mundo, ganham o pão com a desonra, fazei que eu reconheça o seu infortúnio, porque é preciso que sobre a minha cabeça caia mais sangue!... Mandai, meu Deus, mandai uma voz que me diga o número de vítimas que amaldiçoaram o seu algoz...

– Não sou a voz enviada de Deus; mas posso dizer-lhe, senhora, que a minha voz nunca blasfemou contra a misericórdia divina! –disse Sebastião de Melo, caminhando um passo para ela.

A penitente levantou-se de um salto, como acordando de um sonho. Fitava no homem que tinha diante de si o olhar espavorido da demência; recuava, com os braços em postura de quem afasta um espectro; parecia querer fugir-lhe, quando o passageiro,

apressando-se em impedir-lhe a saída do alpendre, lhe tomou a mão:

– Repare que sou um homem, senhora. Não se aterre, que eu não venho perturbar o segredo das suas tribulações, para amargurar-lhas mais do que elas são. Não conhece o cavalheiro que há poucas horas conduziu a casa do capitão? Já vê que sou um homem...

– Conhece-me? – perguntou ela, retirando a mão de Sebastião de Melo.

– Não a conheço melhor que esta pobre gente, que a vê sofrer... Não poderei dar-lhe mais doces consolações do que esta gente lhe dá... Mas eu tenho o que eles não têm... um coração experimentado de amarguras próprias e uma inteligência apurada pela dor, capaz de conceber as alheias.

– Diga-me, senhor... – disse ela, lançando-se-lhe aos pés –, diga-me... foi Deus que o mandou aqui?... Foi um acaso que o trouxe a esta terra ignorada de todo o mundo, ou foi um toque divino que o encaminhou para estes sítios?

– Os desígnios de Deus operam-se por meios ocultos. Não tive nunca tenção de aqui vir; e, contudo, acho-me aqui, no momento em que uma desgraçada pedia a Deus uma voz que lhe revelasse...

– Pois sabe?... Sabe o que eu pedia a Deus? Pode responder-me, senhor?!

– Não posso, mas quem sabe se poderei em breves dias?... Quem sabe se poderei já neste momento? Como poderei eu, sem a inspiração do Céu, conhecer a infeliz que me oculta a sua vida?

– A minha vida! – exclamou ela. – A minha vida!... Pode ela contar-se?... Não, ninguém ma ouviria sem sacudir os vestidos manchados do sangue que escorre gota a gota dos meus... Oh!, senhor!... vá... vá... fuja desta mulher... Se alguém me ouvir... se essa gente, que me dá um bocadinho de pão, soubesse quem eu sou... apedrejava-me... Contar a minha vida!... Para quê?... A Deus, sim... Só a Ele... E conto-lha todos os dias, porque é preciso que eu me vá despedaçando com as recordações sempre vivas dos meus crimes.

– Senhora! Em nome de Deus, que nos ouve, em nome de Deus, que a escuta todas as horas, abra o seu coração a um homem que pode fazer-lhe algum serviço neste mundo... Ajoelhe outra vez naquele degrau... É impossível que Deus não a ouça... eu orarei também... peça-lhe que lhe dê um toque no coração, se eu devo ouvi-la; eu pedirei que me gele na alma o fervor com que vou pedir-lhe, se não sou digno da sua confiança, pobre senhora...

– Eu!, ouvida de Deus!... eu, que não me atrevo a passar deste degrau com medo de atrair o raio da vingança sobre os inocentes que me chamam santa!

Enquanto ela caía de joelhos, exclamando surdamente estas palavras, Sebastião de Melo, tocado pela faísca do entusiasmo religioso, tinha ajoelhado. Ao ajoelhar-se, viu atrás de si a penitente com as mãos erguidas, em um êxtase que aumentou o terror religioso do futuro ministro do altar,

– Sois um homem bom, senhor!... – disse ela, levantando-se e tomando-lhe a mão. – Não tive, não devia esperá-lo, nenhum toque no coração; mas de repente vejo-me atraída para um homem cujas feições mal vi ainda... É impossível que não sejais um justo...

– Não sou; se o fosse, teria adivinhado que nestes ermos existia uma infeliz ignorada de todos os que vivem, como eu, no tumulto das paixões mundanas... Sinto-a tremer... cubra esta capa.

– Não aceito, senhor. Tenha cuidado da minha alma, que o corpo não me dói.

– Fale... Que é o que a prende ao mundo?

– A punição...

– Tem crimes?...

- Imensos.
 - Perseguem-na?...
 - Os espectros das minhas vítimas... São muitos...
 - Matou?...
 - Matei...
 - Com desgostos, talvez, involuntariamente?...
 - Com veneno, com a cumplicidade, com a desonra...
 - Basta... Eu não sou confessor... Os que morreram estão na presença do Juiz; mas, se o sangue cai sobre os que ficaram, procuremos salvá-los. Ouvi-lhe dizer que deixara no mundo...
 - Duas filhas...
 - Onde?
 - Em Lisboa...
 - Lisboa!?!...
 - Sim... conhece-me... já sabe a amaldiçoada que tem diante dos seus olhos?
 - Não posso responder-lhe já... – disse Sebastião de Melo, limpando da testa gelada um suor cálido. – O seu nome?
 - Que importa o meu nome?... Sou a condenada!
 - O seu nome, senhora!...
 - Se me conhece, não precisa que eu lho diga... criminosa como eu, sou eu só... Se me não conhece, não importa que o não saiba...
 - Ouça... eu vivo há anos em Lisboa...
 - Há nove anos?
 - Há doze...
 - Conhece-me, não é assim?
 - Não sei... Ouvi falar de uma fatalidade...
 - Qual?
 - Conheci um homem chamado Teotónio de Mascarenhas.
- A penitente soltou um grito, correu para Sebastião de Melo, com impetuosa veemência, e levou-lhe a mão à boca.
- Não pronuncie esse nome, que me mata, por piedade... Oh!, senhor! Se me conhece, tenha compaixão de mim...
 - Conheço-a, senhora... Sei a sua vida... foi estrondosa de mais para que o ruído dos seus infortúnios não chegasse aos ouvidos de um homem que estuda a sociedade no mais asqueroso das suas pústulas... Conheço-a... Anacleto...
- A infeliz deixou cair os braços e a cabeça. Não havia naquela máquina de dores, já combalida, forças para a exaltação. O instante mais atormentado da sua penitência foi decerto aquele. Depois de nove anos, era a primeira voz humana que lhe dizia: «As tuas infâmias não as esqueceu a sociedade.»
- Anacleto – continuou Sebastião de Melo, tocando-lhe as mãos –, seria Deus que me enviou aqui?... Pronunciei-lhe um nome que a encheu de medo... Olhe... se eu tivesse uma vida imaculada, se pudesse julgar-me iluminado no que se passa sobre os juízos humanos, dir-lhe-ia que Teotónio de Mascarenhas já lhe perdoou...
 - E minha filha? – gritou ela, caindo de joelhos aos pés do desconhecido, que lhe apontava os crimes.
 - Sua filha foi um anjo na vida... é um anjo na presença de Deus, e ao pé de Deus não há ódios nem vinganças.
 - Mas eu matei-a...
 - Vendeu-a...
 - Que infâmia, meu Deus!

– Há três anos que morreu um duque, que, à hora da morte, pedia que lhe afastassem de entre os damascos do seu leito a face ensanguentada de uma infeliz menina que ele fizera precipitar de uma janela, fugindo à desonra.

– Tudo se soube, justo Deus!

– Tudo... A mãe dessa infeliz foi procurada nas margens do Tejo... A população de Lisboa queria conhecer a mãe que lançara sua filha a um saguão...

– E fui eu, misericórdia divina, fui eu que a matei!... E amaldiçoavam-me todos, não é assim?

– Todos, não. Alguém escreveu as páginas da vida dessa *desgraçada*, e não lhe dava senão este nome...

– Poupe-me, senhor, por compaixão... Sem que eu lho pergunte, diga-me tudo o que sabe da minha vida...

– Anacleta tinha duas filhas...

– Sim... sim... duas filhas... em um colégio.

– Emília casou com um pobre mestre de música, cujas lições ela ajudava no colégio. Vivia com muita honra e muita pobreza. Lamentava sua irmã; mas não ousava poluir-se com nódoas que sua irmã, involuntariamente, recebera na sua reputação...

– Pobre Emília!... coitadinha! A minha filha, pobre... e tão rica tinha nascido... Outra vítima. Deus inexorável!

– Não blasfeme, Anacleta...

– Perdão, perdão, Senhor!...

E caiu com as faces sobre a laje, murmurando:

– E Antónia?...

– Antónia, quatro anos depois que sua mãe desaparecera, forçada por uma paixão invencível, entregou-se a um homem que mudou de nome e desfigurou a sua posição social, para, a título de casamento, a arrebatou dos braços da honra e do trabalho... Esse homem era um general, chamava-se Gervásio Faria; foi fuzilado há um ano, não sei o que é feito dela...

– Desgraçada filha... Outra vítima, meu Deus... não há perdão para mim!...

– Levante-se, Anacleta... Quer seguir os passos que, neste mundo, caminha o anjo invisível da punição? Duas meninas pobres, a mãe prostituída aos que passavam, uma virgem com a face partida em uma pedra... tudo isto foi feito por um homem que roubava a uma amante o dinheiro que ela roubara ao pai de suas filhas, matando-o. Mas Deus serviu-se do instrumento e quebrou-o depois. Azarias saíra de Lisboa, com o ouro da fraca mulher, que devia ser punida. Vagou três dias com feliz jornada para um remoto clima. Ao quarto, uma tempestade atirou com o iate para mares desconhecidos. Ao quinto dia, o ouro roubado estava no fundo do abismo, e trinta vidas assoldadas a esse ouro. Ao sexto, brincavam as ondas com uma pequena lancha em que se viram primeiro três vultos e, ao sétimo dia, dois. Ao oitavo dia de viagem, essa lancha partira-se entre uns rochedos. Saíram dois homens com um cadáver. Um dos homens caiu desfalecido em terra, e nunca mais se levantou. Azarias encontraram-no nas praias de Tânger, cavando com as unhas um fosso para sepultar uma menina que roubara de casa de seu pai, que morreu dois meses depois.

– Oh!, justiça de Deus!... E ele?

– Não sei... Quando ia a ferir-se com um punhal, caiu-lhe o ferro das mãos, ajoelhou, e pediu ao Deus de Moisés, que é o Deus de todo o mundo, que o punisse. Se o visse, Anacleta, perdoava-lhe?

– Oh!, sim, sim, perdoava!...

– Essa resposta exprime o estado da sua alma! Mulher... e impossível que Deus lhe não tenha perdoado... Diga-me... Qual é o seu futuro?

– Isto que vê... estou ajoelhada sobre a minha sepultura...
 – Em toda a parte está Deus para abençoar a morte, que lava as iniquidades da vida... Venha para Lisboa... dar-lhe-ei um quarto e um leito onde morra...
 – Nunca, sem que a voz de Deus me mande.
 – Não posso fazer nada em seu benefício?
 – Fez tudo o que podia...
 – Nada, absolutamente nada?
 – Muito ainda... Venha comigo... Ajoelhe aqui... Faça um juramento... Diga...
 «Nunca direi a pessoa alguma do mundo, enquanto Anacleta for viva, que vi esta mulher. Depois de morta, di-lo-ei, para que o mundo perdoe à sua memória.»

Sebastião de Melo jurou.

– Agora... deixe-me... preciso chorar... Vá... diga a todo o mundo que peça a Deus pela maior das pecadoras... Vai para Lisboa?

– Vou.

– É rico?

– Tenho para valer a pobres...

– Se encontrar minhas filhas com fome, dê-lhes um bocado de pão... o bocado que me daria a mim se lho pedisse... Adeus.

A última palavra disse-a com os olhos já cravados na imagem do Cristo, cuja lâmpada ia apagar-se.

Sebastião de Melo, como alheado de si, febricitante e extenuado, retirou maquinalmente.

Dali, a um tiro de bala, viu um vulto. Era o capitão de Viduedo.

– Homem – disse ele –, eu estive à espera duas horas, e, quando vi que não vinha, lembrou-me se lhe aconteceria alguma desgraça. Os lobos ainda ontem foram à corte da Tia Teresa de Quinchoso e comeram-lhe, salvo seja, três cabras. Estava a ver se os lobos teriam dado co fidalgo. Tirei-me dos meus cuidados, peguei na caçadeira, e vim por aí fora. Quando aqui cheguei, ouvi um zunzum, e logo me pareceu que o fidalgo estava a falar com a santa...

– Ouviu o que dissemos?

– Nem uma palavra... eu cá não sou desses homens... Então é santa ou não é?

– Deus o sabe.

– É o que diz o meu avó... Quem tem andado terras, é uma cousa bem ao invés da gente do mato.

– Que horas são, Sr. Capitão?

– O Sete-Estrela vai alto... Isto, por mais que me digam, vai lá prás quatro horas. Agora toca a dormir... e com bem passe a noite, fidalgo. O cavalo está a comer até dizer *basta*.

Sebastião de Melo não cerrou os olhos.

Tomara chá em casa de Anacleta na época da sua opulência, falara-lhe em virtude em casa da meretriz na Rua da Rosa das Partilhas, dera-lhe misteriosamente uma mesada com que mataria a fome a duas famílias numerosas, encontrara a penitente, finalmente, debaixo do alpendre da ermida de Viduedo. Que três reflexos da mesma imagem! Que tumulto de sensações para uma imaginação apaixonada!

.....

Devia ter nascido o Sol quando o hóspede se despediu do fidalgo de Viduedo, que tão solícito gasalhado lhe dera; mas o céu estava negro, as fragas coroavam-se de castelos de nuvens, que pareciam, impelidas pelo vento, rodarem na esplanada e

despenharem-se nos abismos.

Sebastião de Melo levava consigo um práctico, com quem se entretinha falando na santa e nos milagres que já lhe eram atribuídos. A um quarto de légua de Viduedo, na descida dos precipícios que prendem as pitorescas várzeas da ribeira aos alcantis daqueles cerros amaldiçoados, o práctico parou e exclamou com grande pasmo e devoção:

– Ela lá está!

– Quem?

– A santa.

– Onde?

– Olhe aqui neste direito, por entre estes dois cabeços de fragas; não vê no alto de um choupele assim a modo de uma touça e um calhau mais alto?

– Não vejo.

– É porque a névoa se prantou diante... Deixe-a passar... Olhe, lá está, não a vê acenar-lhe com o avental?

– Vejo...

Sebastião de Melo, com os olhos cheios de lágrimas, parado em um angustioso êxtase, dizia-lhe adeus com a mão. Os cabelos da infeliz voavam, sacudidos pelo vento. O passageiro acenou-lhe que viesse ao caminho; e ela, imóvel como a fraga que tinha diante dos pés, parecia petrificada. Melo, concebendo a vontade de Anacleta seguiu o seu caminho. Ao voltar de uma encosta, em que a perdia de vista, olhou, pela derradeira vez, e lá a viu agitando o seu avental. Era o último adeus.

O práctico não ouviu uma palavra mais do cavaleiro.

LIVRO TERCEIRO

I

Sebastião de Melo, com as súplicas da penitente nos ouvidos e no coração, aligeirou quanto pôde a sua chegada a Lisboa.

Três anos antes, abandonara Portugal. Nessa época, as filhas de D. Anacleta, geralmente reconhecidas como filhas de D. Teotónio de Mascarenhas, viviam, como ele o dissera à lastimável mãe, uma casada e pobre, a outra com desonra, mas opulenta. Assim o acreditavam aqueles que não duvidam receber todos os escândalos como factos consumados, mas não prescindem de se fazer escutar nas suas observações moralizadoras acerca de cada escândalo.

Melo sabia a morada de uma e outra. Procurou Emília, a título de encomendar a seu marido cópias de música para flauta. Encontrou-a sozinha e converteu facilmente a conversação no verdadeiro motivo que o levara ali.

– É lucrativa a arte de seu marido?

– Não, senhor; mas a felicidade não a dá o dinheiro. Vivemos remediadamente. Se não tivéssemos outros motivos de apoquentação, éramos felizes na nossa pobreza. Meu marido tem algumas discípulas de piano, eu ensino em casa algumas prendas que me ensinaram em um colégio onde fui educada e, nas horas livres, para entreter, fabrico hóstias, que vendo para os Paulistas.

– E contudo, não é feliz...

– Quem o será, meu senhor?!... Há cousas de família, que são mais aflitivas que a miséria e a fome...

– Não se arrependa dessas pequenas revelações, se receia que eu as tome no sentido diverso do que elas são... Eu sei os seus desgostos.

– Bem pode ser... mas eu não conheço V. S^a, ou estarei esquecida...

– Decerto me não conhece... suposto que alguma vez nos encontramos...

– Onde?

– Em casa de sua mãe...

– Oh!, meu Deus!... cuidei que ninguém se lembrava já da desgraçada mulher...

– Tantos anos já que isto foi!... A Sr^a D. Emília teria então quinze anos... Foi há dez... Sua mana Antónia era uma menina que parecia ter pouca vida para este mundo...

– Infeliz!... Oxalá tivesse então morrido!... Viu-nos depois desse tempo?

– Raras vezes... Sua mana conheci-a bem perto desta casa... quase vizinha...

– E verdade... Não sei que fatalidade a trouxe para ao pé de nós... Era naquela casa de três andares... Viveu ali três anos; mas nem ela nos viu, nem nós a vimos a ela...

– Já lá não vive?

– Não, senhor. Há um ano que começou a punição da desgraçada...

– Sei o que quer dizer... O homem que a tirou do colégio foi fuzilado...

– Deus se compadeça da sua alma...

– E a mana?

– No dia seguinte à morte desse homem, o senhorio da casa recebeu as chaves e ordem de vender todos os objectos que se achassem dentro e aplicar a importância em missas por alma do infeliz.

– E ela que destino tomou?

– Não sei, senhor. Meu marido cansou-se em procurar, mas, em uma terra destas, vão lá saber onde se escondeu uma mulher obscura, por cuja falta ninguém dá!...

– Tem razão... Já vejo que não há meio nenhum de saber...
 – Onde ela está? Decerto, nenhum... Deus sabe se ela teve o fim da desgraçada mãe...

– Que fim teve a mãe?

– Dizem que se afogara...

– Deus permitiria que sua mana não cometesse o ímpio crime do suicídio... Quem vende o que possui para remir as penas eternas do seu amante decerto se não mata. A religião tem consolações para todas as amarguras. Ora diga-me, não conhece criado ou criada que servisse sua mana, ou pessoa que a visitasse, enfim... alguém que vivesse em mais contacto com ela?...

– Ninguém... Já disse a V. S^a que entre mim e minha irmã, desde o momento em que ela deixou o colégio, nunca mais existiu o menor parentesco, nem a mais ligeira relação.

– Parece-me que a Sr^a D. Emília foi demasiado severa com sua irmã...

– Fui, e desta soberba tenho pedido perdão a Deus. Mas, senhor, a mulher casada é escrava de seu marido. Meu marido proibiu-me, e eu pensei que seria maior pecado a desobediência a meu marido...

– Deus é que nos julga... Desculpe-me estas impertinentes perguntas. Aqui ficam as músicas que quero copiadas e a paga... Suponho eu que será pouco mais ou menos isto.

E deixara um rolo de papéis com um cartucho de dinheiro, que D. Emília abriu. Eram cinquenta peças, que a deixaram trôpega, física e moralmente, até que seu marido, por não ter mais hipóteses a estabelecer, concluiu que se tratava de alguma restituição. Nas suas mil conjecturas, o honrado mestre de solfa imaginou que aquele desconhecido era o judeu Azarias Pereira.

Sebastião de Melo, apesar da sua vontade de ferro e dos seus vastos recursos, descoroçoara, vendo inúteis quantas diligências empregou para encontrar Antónia. Vivia mortificado. A comissão da penitente de Viduedo não podia ser cumprida. Certa manhã, levantava-se com um novo plano de sindicância e via cair a noite como um véu, cada vez mais espesso, sobre o segredo impenetrável.

Um dia, apresentou-se Sebastião de Melo em casa do intendente-geral da polícia, perguntando-lhe se seria possível, por meio de indagações, alcançar esclarecimentos sobre a existência de uma mulher que, um ano antes, desaparecera, sem deixar vestígios do seu des tino.

– Morreria – disse o intendente, metendo na boca, desenfadadamente, um rebuçado.

– É possível; mas deve existir em alguma paróquia o assento do óbito.

– Pois bem, nesse caso dirija-se ao vigário-geral, ou quem que quer é.

– Mas se não existir o assento?

– Então não morreu.

– Pode ter morrido...

– Não sei como...

– Suicidando-se.

– Ah!, é verdade! – disse o imbecil magistrado, com o regozijo de quem assistiu à resolução de um difícil problema. – Nesse caso, se se suicidou, quem tiver devoção reze-lhe por alma.

– É justo; mas se pudéssemos obter a certeza do suicídio, o pelo menos a probabilidade...

– Essa mulher era pessoa de bem?

– Não compreendo bem a pergunta...

- Se era senhora de nascimento...
- Quer dizer... fidalga?
- Sim, pessoa ilustre...
- Era filha de um dos Mascarenhas...
- Dos Mascarenhas? De D. Teotónio, que morreu há cousa doze anos?
- Justamente.
- Essa pessoa posso-lhe eu dizer que não morreu.
- Deveras, senhor?!
- Deveras; pois eu estava agora aqui a zombar de V. S^a?!
– Onde vive?

– Não sei... Eu lhe conto a razão por que lhe posso afiançar que essa senhora é viva, ou pelo menos era-o há dois meses, quando muito... Um dia apareceu-me aqui uma mulher gritando como uma endiabrada contra os malvados que lhe tinham roubado a sua menina. Mandeí-a calar, com pena de prisão; e a mulher, mais sossegada, explicou do seguinte modo a gritaria com que me atordoou. Disse que era a ama de leite que criara unia menina filha do general Gervásio Faria e de uma senhora amante deste desventurado jacobino. Que o pai tinha perfilhado esta menina na véspera de ser arcabuzado e que uns homens encapotados, naturalmente para obstem a que a criança sucedesse na herança do pai, lha tinham roubado para a matarem. Com estes esclarecimentos assim vagos, eu nada podia fazer. Tomei o nome da mulher e a morada...

- Conserva esse apontamento?
- Conservo... ei-lo aqui no livro: *Rosa de Jesus, Praça das Flores, nº 10*.
- Queira V. Ex^a continuar.

– Tomei o nome da mãe. Quis saber a morada; mas a mulher não ma disse. Eu, como não podia obrigá-la, deixei-a. Inquiri testemunhas. Todas disseram que tinham visto entrar, ao escurecer, uns encapotados em casa da tal Rosa, que ouviram uma menina gritar, que a ouviram a ela pedir socorro. Mas tudo isto, suposto fizesse prova, não era prova contra ninguém. Eis aqui o que posso dizer-lhe a tal respeito, e desculpe-me se o despeço, que estou aqui ocupadíssimo com estas denúncias a respeito de um tal Roberto Fajardo, *Malasartes* por alcunha, que dizem ter escrito uma sátira em verso contra a viscondessa de Jerumina, personagem muito querida de S. Ex^a o general Beresford.

Sebastião de Melo, grato à despedida, correu com o coração em saltos de alegria a casa de Rosa de Jesus. Felizmente, era tudo verdade. A consternada ama contou minuciosamente a história do roubo. Acabou por implorar o valimento do desconhecido a favor dela e da inconsolável mãe.

- Deve viver muito amargurada essa infeliz menina!... – disse Melo.
- Ai, senhor! Conheceu-a?
- Conheci.

– Pois se a vir não a conhece. É mesmo uma cousa de fazer chorar as pedras. Tem a pela pegada aos ossos e começam-lhe as brancas a aparecer. Caiu-lhe quase todo o cabelo e sumiram-se-lhe as maçãs do rosto. Que pena ela faz, a minha querida senhora!

- De que vive?

– Trabalha; pouco lhe basta para viver. Faz camisas de homem e engoma. Sou eu que lhe arranjo as encomendas, porque ninguém deste mundo, a não ser eu, sobe as suas escadas para cima.

- Ninguém?

– Esta luz me falte se eu minto, senhor. Oxalá que ela se não matasse assim, sem querer remédio, nem consolações. Acho-a a chorar e a chorar a deixo. Desde que me

roubaram a menina, que eu lhe levava todos os dias, desde que o malvado inglês lhe mandou matar o pai, desde então a pobrezinha está a encher dias. Qualquer dia vou encontrá-la morta.

– Se vossemecê lhe dissesse que há um homem que lhe promete procurar a filha viva ou morta, parece-lhe que ela se deixaria visitar por esse homem?

– Eu sei, senhor! Ela já não tem esperanças nenhuma, nem eu, a falar-lhe a verdade. E essa pessoa que me diz tem alguma certeza de encontrar a nossa menina?

– Certeza, não; tem vontade, e força, e dinheiro. Vencerá todas as dificuldades. Será capaz de arrancá-la dos braços de um gigante, se ela estiver viva; e, se estiver morta, punirá os assassinos.

– Pois então deixe-me falar com ela primeiro.

– Quando?

– Hoje mesmo; daqui vou lá direita; à noite venha V. S^a aqui, e achará a resposta.

– Até à noite.

Rosa de Jesus, quando tomava de sobre o toucador uma chave, viu dinheiro em ouro. A surpresa foi agradável e maravilhosa. Era mais um argumento que levava para reforçar a sua eloquência.

Sebastião de Melo, enquanto Rosa saboreava a impressão, chamava um gaiato que corria atrás de um cavaleiro e entrava com ele, em uma porta.

– Espera... Vês aquela mulher de capote cor de pinhão e lenço branco?

– Sim, meu fidalgo.

– Segue-a... e vê onde ela entra... Sabes ler?

– Os letreiros das ruas e o número das portas, sei, fidalgo.

– Toma de cor a casa onde a vires entrar e vem em um pulo dizer-mo à Hospedaria Peninsular, Rua do Arsenal, nº40.

– Bem sei, meu senhor.

Meia hora depois, chegava o gaiato.

– Viste?

– Entrou na Rua do Carvalho, no Bairro Alto, nº87. Abriu a porta...

– Abriu a porta?!... Tu enganas-te, ou me enganas.

– Raios me partam, cego eu seja dos olhos ambos, e nada me corra direito, se isto não é verdade. Eu pus-me à socapa dentro do portal do conde de Ficalho. A mulher chegou e abriu a porta da rua, fechou-a logo que se engazofilou, e eu fui ver o número e pus-me na pizeza...

– Estás bem certo que era na Rua do Carvalho, nº87?

– Mesmo defronte do quintal do conde de Ficalho, à sua mão direita, indo para cima.

O gaiato saiu contentíssimo da comissão.

Sebastião de Melo entrou em uma sege e parou a pequena distância da Rua das Flores. Foi à porta nº10 e estava fechada. Com pouca espera, chegou a Sr^a Rosa de Jesus, entrou, e após ela, o generoso remunerador do seu trabalho.

– Venho triste, meu senhor! Nada fiz...

– Porquê?

– Diz que em sua casa só entrará o padre que lhe levar a extrema-unção.

– Pois não há nada que a mova? Nem a esperança de encontrar sua filha?

– Chorou muito quando lhe disse isso e respondeu-me: «Os meus inimigos mataram a filha... e querem matar a mãe...» Teimei, disse-lhe que V. Ex^a me deixara uma peça sobre a cómoda, e, quando lho disse, então é que ela ficou de pedra e cal a dizer que não: «Os meus inimigos são ricos... Eu, se tivesse algum amigo, seria pobre como eu.» Foi o que ela, por fim de eu baralhar quanto pude, me respondeu.

– E vossemecê não está resolvida a descobrir-me o segredo da residência dessa senhora?

– Sou pobre; quando V. Ex^a me deixou, há bocadinho, este dinheiro, eu não tinha um tostão para a ceia; mas pode dar-me a riqueza do Quintela, que eu não sou capaz de lhe dizer onde mora a mãe da minha querida menina. Se quer o seu dinheiro, tome-o lá outra vez.

– Não quero, mulher. Folgo de a ver assim honrada. E, para que vossemecê conheça o valor que eu dou ao seu procedimento, receba esta pequena lembrança de um homem que quis tentar a sua fidelidade, mas com a intenção de ser útil à sua desgraçada ama.

Rosa via-se senhora de um capital que nunca reunira em suas mãos. Durante a noite, em que não pôde serenar o sangue e cerrar os olhos, fantasiou tudo que podia fazer-se com vinte moedas, e acabou por planizar uma lojinha de capela com estanco, da qual, sem Antónia saber, tiraria meios para suavizar-lhe o trabalho de costureira obscura, sempre mal pago.

Sebastião de Melo entrava na Rua do Carvalho, alta noite, e batia a uma porta fronteira ao muro do quintal do conde de Ficalho.

– Quem é? – perguntou uma voz de um terceiro andar.

– Aqui é que mora o Sr. André Teixeira?

– Nada, não é.

– Pois o número desta casa não é 87?

– Não. O número desta casa é 89.

Astuciosa maneira de decifrar números de portas, em plenas trevas.

– Muito obrigado.

– Mas no n^o87 – disse a mesma voz – não mora nenhum André.

– Penso que mora – disse Melo, ansioso por terminar o diálogo. – Veio esta noite para cá... Boas noites.

– Só se for isso... Até aqui vinha uma mulher de capote e lenço, abria, fechava a porta e saía logo.

– Boas noites, muito obrigado.

A maldita curiosidade, apesar do frio, conteve na janela a informadora importuna do improvisado André. Sebastião de Melo, receoso que a sua paragem silenciosa àquela porta fosse suspeita, retirou-se, e voltou, quando a janela do n^o89 se fechou, com grande pesar e desconfiança da dona da casa.

Bem cingido com a porta, Melo demorou-se alguns minutos, insculpindo em pasta de cera o orifício da fechadura. Passou depois para defronte e fixou os olhos no único andar daquela casa.

Deu meia-noite. Há meia hora que o encapotado, preso nem ele sabia a que pensamentos vagos, se achava aí, esperando nem ele sabia o quê.

Minutos depois viu uma como cintila de luz por entre a juntura das portadas interiores da janela do peitoril. O seu coração estremeceu. É que todas as comoções que então lhe agitavam a alma com um excesso de vida estavam presas, eram a continuação daquela noite da ermida de Viduedo. Naquela casa estava a filha da penitente, cheia de poesia fúnebre, poesia que sua irmã não tinha, porque vivia uma vida trivial, um misto de misérias e gozos, como o resto do género humano. Naquela pobre casa estava uma mulher de vinte e cinco anos, símbolo de desgraças recônditas, e a setenta léguas, com as faces em uma pedra, e os membros açoutados pela neve, àquelas horas, a mãe dessa mulher pedia a Deus que não a deixasse expirar sem beber, convertidas em fel, as lágrimas de desonra que uma de suas vítimas derramava.

Soara uma hora. A faísca de luz desaparecera; e pouco depois aquela janela foi

aberta. No canto escuro em que se escondera, Sebastião de Melo não podia ser visto, e divisava um vulto em pé, e ouviu uns sons de quem aspira um sorvo de ar. Pareciam suspiros mal reprimidos, ou soluços de quem procura deli-los em lágrimas.

Melo sentia-se febrilmente excitado. As mais fortes organizações têm debilidades infantis. O confidente de Anacleto não podia sustentar os ímpetus que o animavam a dirigir àquela mulher uma palavra. A Lua brilhou em todo o seu fulgor, um momento, por uma fenda aberta nas nuvens. Melo viu a face daquela mulher como à luz de um relâmpago. Era um alabastro dos túmulos, a cabeça de um anjo procurando no Céu uma alma. O coração e o génio afoutaram-lhe o temor. Um novo clarão da Lua mostrou Antónia com as mãos erguidas. Melo, sem mover-se, murmurou em voz que denunciava comoção e lágrimas:

– Antónia!, essas orações são duvidas no Céu.

– Oh!, meu Deus – balbuciou a filha de D. Teotónio, recuando, como para fechar a janela.

Melo pressentiu pelo coração, este movimento e disse:

– Não fuja, senhora! A desgraça é tímida, mas Deus não quer que desprezemos a voz amiga, que nos manda orar, Antónia!

– Não conheço a voz que me chama – disse ela a tremer, sentindo-se presa por forças superiores àquela janela.

– Se não a conhece, escute-a, que é a voz de um amigo... Falava com sua filha?

– Sim, sim, com minha filha... Morreu?

– Há um homem que pede a Deus a força, a energia e o poder do milagre para entregar viva ou morta essa filha a sua mãe.

– Senhor, quem quer que seja, eu regarei os seus pés com lágrimas de gratidão.

– Mas esse homem tem mais deveres a cumprir, Antónia.

– É meu parente, ou amigo, senhor?

– Amigo...

– Conheço-o?

– Poderia conhecer-me. Já uma vez lhe disse, no salão de sua mãe: «A sua vida é triste como o pressentimento de morte próxima.»

– Ah!... nunca me esqueceram essas palavras... Lembra-me quem mas disse... Era um cavalheiro muito pálido, que nunca mais tornei a ver... E essa pessoa... e...

– Sou eu, Antónia. Se me vir à luz do dia, talvez me não conheça; mas sou eu.

– Mas esse sujeito nessa mesma noite deu-me...

– Uma rosa branca... e disse-lhe... «É como o coração da mulher triste, quando a rodeiam as alegrias das almas superficiais. Esta flor vivia a mais no seu pobre jardim. A mulher de coração, fechada entre as quatro paredes do seu quarto, sentiria prazeres, que não são como estes que se mascaram nos salões.»

– Sim, sim, foram essas palavras! Oh!, senhor, que espírito o conduz aqui, depois de dez anos?

– O espírito de sua mãe.

– De minha mãe!... Por Deus, que me faz tremer de medo!... Senhor, eu sou fraca e estou sozinha... Não me diga que minha mãe veio a este mundo falar na desgraçada filha de Teotónio de Mascarenhas...

– Compreendo a ideia que prendeu ao nome de seu pai, Antónia... Se quis ferir a memória de sua mãe, peça-lhe perdão.

– Não quis... não... pela minha salvação... não quis... Eu tremo... Não poderei ouvi-lo... muito tempo.

– Recolha-se, Antónia. Às dez horas da manhã hei-de encontrar aberta para mim esta porta fechada para todos. Se a encontrar fechada, abri-la-ei. Um homem,

encarregado de uma comissão que prende os mortos aos vivos, vence todas as resistências... Antónia, ouviu-me?

– Ouvi... mas é impossível... Só ao meio-dia é que a minha porta se abre... eu não tenho a chave...

– Até às dez horas.

Foram as últimas palavras. Fascinada pela soberania do homem, pelas reminiscências daquele tipo que se lhe gravara no espírito e pelo terror imperioso com que a mandava obedecer, Antónia não sabia, nem podia resistir. A noite passou-a em um trémulo de susto. A cada ruído escondia a cabeça, para não ver, ou para não ver mais pronunciado o fantasma de sua mãe. Orou muito, porque o medo seca as lágrimas. Ansiou a luz da manhã, e sentiu-se tanto mais apertada da alma quanto as dez horas se aproximavam.

Ao romper do dia, Sebastião de Melo entrava na fábrica de um serralheiro e esperava que se lhe fizesse uma chave pelo molde aberto em cera.

Às dez horas em ponto, abria a porta nº87, subia e encontrava uma senhora, que tremia, abrindo a porta da única saleta.

– Conhece nestas feições algum traço do antigo homem? – perguntou Melo, sorrindo.

– Quase... todas... – disse Antónia, violentando as palavras, que lhe não passavam do seio arquejante.

– Então... enganei-me... ainda bem que não pode duvidar da pessoa. Passou uma triste noite, não é assim?

– Devia passá-la...

– Será a última das mais tristes da sua vida.

– A última, se Deus o permitisse...

– Crê em Deus?

– Oh!, que muito mais desgraçada eu seria, se não acreditasse!...

– Crê na virtude?

– Meu Deus!...

– Porque chora, Antónia?!

– Se eu fosse virtuosa, não...

– Não chorava assim? Chorava... Essas lágrimas o que são, senão a virtude? Filha, a tranquilidade que por ai vê nas existências que o mundo chama virtuosas é tabuleta de uma barata virtude, sem sacrifícios, sem desalentos, sem peijas, nem triunfos. A virtude é flor regada com lágrimas e colhida entre os espinhos, com dedos a escorrerem sangue. Outra pergunta, Antónia... Quer ser senhora das suas acções, ou obedece a quem lhe disser: «Em nome de Deus e da virtude, quero dominar-te?»

– Obedeço...

– Sem vontade própria...

– Sim, sem vontade própria, porque, em nome de Deus e da virtude, ninguém quererá aumentar os meus infortúnios.

– Bem. Hoje às quatro horas da tarde deixará esta casa.

– Oh!, senhor!, por piedade!... diga-me se devo abandonar-me assim a uma pessoa quase estranha... Jesus!... Tenho a cabeça tão confusa, nem sei o que devo pedir-lhe.

– Peça-me que a venha buscar às quatro horas da tarde...

– Obedeço, senhor, obedeco...

– Bem. Depois da obediência segue-se a consulta. Até aqui mandou o pai, agora consulta o amigo. Quer entrar em um convento como secular?

– Oh! meu Deus! em um convento!... Já vejo que é o meu anjo salvador... Oh!, sim, sim!, seja neste momento – disse ela, ajoelhando.

– Não pode ser já. Às quatro horas da tarde. Levante-se, filha... Antes disso é preciso fazermos uma convenção... Antónia, desde este instante, será conhecida como minha irmã. Se lhe perguntarem o seu passado, diga que não tem nenhum; se lhe perguntarem o meu, diga que sou um homem que tem o coração fechado para todo o mundo. Compreende, minha irmã?

– Sim... eu farei que ninguém me pergunte nada da minha vida... O silêncio e a oração...

– O silêncio e a oração... é o alimento do espírito; mas a matéria precisa respirar. Nos conventos não se procuram grutas de Tebaida. Está-se mais perto do altar, mas não se voltam as costas ao mundo. Já lhe disse... sem sacrifícios todas as virtudes são fáceis... É necessário que saiba as misérias da Terra para elevar com mais fervor as suas súplicas a Deus. Os bons pedem pelos maus; e os maus, com os seus crimes e as suas expiações, são a melhor escola dos bons. Antónia, até às quatro horas...

Melo fez voar o seu cavalo a S. Vicente de Fora. À custa de algum ouro, com que as resistências eclesiásticas se vencem desde Roma até ao presbitério rural mais obscuro, o generoso fidalgo fez passar uma licença de entrada de D. Antónia de Mascarenhas no Mosteiro da Encarnação.

Dali partiu ao convento, onde lançou nos avultados cofres da casa o preço de uma cela e as mesadas de um ano, que deviam ser entregues pela prelada à secular.

Pouco depois, entravam os móveis da cela de D. Antónia e Rosa de Jesus, que devia surpreendê-la como criada.

E, às quatro horas, parava uma carruagem na casa da Rua do Carvalho, nº87, donde, com grande espanto, as vizinhas viram sair aquela senhora, que muitas jocosas disseram ser uma defunta em pé. A do terceiro andar, nº89, essa gastou duas horas de animada tagarelice, contando, com grandes flores de mentirosa retórica, a história de André Teixeira, no que deu muito que pensar desde a Rua do Carvalho até ao Cunhal das Bolas.

As que diziam que D. Antónia parecia uma defunta em pé não iam mal na comparação. Aos vinte e cinco anos pareciam incríveis semelhantes estragos em um rosto em que a arte não encontrava uma linha de juventude.

Na sua linguagem desflorida, mas rudemente expressiva, Rosa de Jesus dera de sua ama um fiel retrato a Sebastião de Melo. Raros cabelos, e alguns já brancos, se lhe enrolavam em dois pequenos anéis nas fontes, como para deixarem bem visíveis as rugas profundas que se cruzavam na testa. A vista era baça e o colorido da pupila pálida como a luz embaciada pelos raios de sol. O lenço preto, aconchegado ao pescoço, não disfarçava os relevos da magreza. O vestido negro era como a mortalha, em que alvejavam as mãos afiladas e amarelas. Sebastião de Melo sentiu, ao dar-lhe a mão para a carruagem, o contacto de um morto. Aquela mão era de gelo... Se não fosse a convulsão, dir-se-ia que o sangue se tomara naquelas veias, ou que aquela mulher se levantava de um túmulo como a filha da viúva de Naim, ressuscitada por Cristo.

Antónia entrou no convento. Achou-se rodeada de carinhosas senhoras, que perguntavam umas às outras se aquele mosteiro seria cemitério.

Recolhida à sua cela, encontrou a sua amiga, confidente única das suas lágrimas, a ama de sua filha, que devia morrer, um ano depois, com o segredo de sua ama. Achou, se não opulência, tudo que era grato ao coração de uma mulher que ambicionava morrer esperando sempre sua filha e receava que a fome a surpreendesse, sem poder granjear com a agulha um bocado de pão reparador.

Ei-la, pois, a irmã de padre Dinis, a íntima confidente dos segredos de Ângela de Lima, a segunda mãe do filho da condessa de Santa Bárbara.

Agora, se a leitora não repara no tratamento que se deu a D. Emília, moradora na

Praça da Alegria, voltemos ao capítulo em que a deixámos resignada com as austeridades do copista de música, acerca de uma carruagem que parou defronte de uma casa próxima, quinze, anos depois que Sebastião de Melo lhe deixara cinquenta peças, que seu marido contava todos os meses, e reservava como garantia de uma sossegada velhice.

II

Suposto que a esposa resignada do Sr. Joaquim dos Reis não desse a seu marido uma razão justificativa da sua curiosidade, a razão era de certo modo plausível. A casa à cuja porta parara a carruagem era justamente a mesma em que, dezasseis anos antes, vivera sua irmã Antónia. Como ela, havia ali uma mulher misteriosa; como aquela carruagem, parara ali muitas vezes a do general Gervásio Faria. Eram coincidências, em que a razão nada vê maravilhoso, impressionavam o espírito de D. Emília, que fora toda a sua vida supersticiosa; e, dos quarenta anos em diante, enfadonha em ver cousas sobrenaturais naquilo que para seu marido era positivo como um tempo quaternário e o valor de dezasseis semifusas.

Quem saltou da carruagem foi Alberto de Magalhães, filho de D. João VI, espião de D. Pedro, cavalheiro de indústria, contrabandista, negreiro, corsário, enfim, tudo o que a boa sociedade de Lisboa queria que ele fosse.

Alberto era esperado no último degrau da escada do primeiro andar por uma mulher de rara beleza, com um sorriso de enlouquecer e um beijo à flor do sorriso, que acenderia o calor da vida nos lábios de um morto.

Cingindo o braço com a cintura de Alberto, a jovem feiticeira deixava-se ir languidamente quebrada sobre o ombro do cavalheiro, como quem se deixa ir abandonada à mercê de uma estranha vontade.

Alberto sentou-se em uma preguiçeira de almofadas de damasco carmesim. As espirais inquietas dos curtos cabelos da viçosa moça tocavam-lhe como plumas na face, enquanto nos seus olhos, abrasados de não sei que lume, sentia o contacto suavíssimo de acetinadas pestanas.

– Amas-me muito, Eugénia?

– Se te amo, Alberto! Nem eu sei se isto é amor... O que eu queria era morrer por ti!... Olha como é isto que eu sinto!... Será uma extravagância?

– Eu quero que vivas, e vivas sem saudade...

– Saudades de quê, ou de quem?

– Pois deveras estás esquecida, inteiramente esquecida, daquele homem?

– Alberto, é impossível que me faças tal pergunta para me experimentares... Tu bem sabes o que eu podia sentir por ele... O amor de uma escrava... nunca é amor...

– Escrava não o foste, Eugénia... Esse homem amava-te, queria-te a seu lado; e, se a morte não o surpreendesse, serias sempre a rainha daquele coração, e escrava nunca.

– Escrava, sim. Pois não vês que me deixava uma esmola como preço da minha servidão?

– Não era esmola; era o preço do que ele julgava que faria a tua felicidade...

– Um convento?! Deixa-me rir sem vontade, Alberto... Um convento para mim, que tenho dezassete anos e o coração com todo este amor, que só tu... só a ti... por ti, meu querido, eu devia sentir... E... não te ris, Alberto? O conde, tanto me supunha sua escrava que, depois de dar as suas ordens a respeito do meu corpo, estabelecia as missas que se diriam por minha alma... Forte pieguice teve aquele pobre homem, que fanatizaram em Santarém!...

– Tu nunca tiveste por ele interesse do coração?

– Nenhum. Eu tinha dez anos quando vim para aquela casa, como criada grave da condessa. Esta senhora, a quem não desejo mal nenhum, tratava-me bem e achava prazer em me ter consigo no quarto, donde nunca saía, a não ser para o coro da capela, em dias santificados. Quando cheguei à idade de agradar, encontrei muitas afabilidades no conde, que era pouco propenso a carinhos. La me admirou tanta meiguice; mas só no

momento de ser violentada, sem eu saber que género de violência se me fazia, é que eu conheci que era uma criança de treze anos, obrigada a ceder às paixões, sem alma, do dono da casa. O conde, para me galardoar a escravidão, que eu, deixa-me assim dizer, estupidamente aceitei, não se escondia da condessa. Pelo contrário, fazia gala da imoralidade e mandava-me olhar com soberania a pobre senhora. Eu não o fazia nunca, se a condessa me não lançasse com um empurrão fora do seu quarto, uma vez que eu principiava a contar-lhe a história da violência, para pedir-lhe perdão, e fugir daquela casa. Eu tinha mau génio, e orgulho, não sei porquê... Desde esse dia tratei-a mal, mas nem por isso senti o que era amor!... Amor! ai, Alberto!... Amor é isto que eu sinto por ti!... O que eu tinha por ele nem sombras era do que se passa no meu coração... Se a ternura e a paixão é isto que me deves, querido, o que eu sentia por ele era ódio...

E colava os lábios sofregamente aos dele, fazendo-lhe sentir os saltos do coração e os estremecimentos nervosos do braço nu em redor do pescoço.

– Mas, olha, Eugénia, não me disseste ainda como foi a tua retirada de Santarém...

– Ai, não? Eu to digo... É uma cousa muito natural... Eu estava à cabeceira do conde, porque só eu lhe fazia beber os remédios... Nisto entrou um padre e um escrivão... O padre lançou-me uns olhos que pareciam cegar-me os meus... Não sei o que vi naquela cara, que me não causava aborrecimento, mas terror sim. Nunca me há-de esquecer aquele homem!... Além disto, o escrivão começou a falar em citações, e tribunais, e trapalhadas, que me fizeram pensar que se tratava de prender o conde, e a mim também, à ordem da condessa de Santa Bárbara. Retirei-me para o meu quarto, e estava conjecturando o que devia fazer, quando a dona da hospedaria, que me pareceu uma boa mulher, veio ter comigo e me disse que o melhor era eu retirar-me, porque desconfiava que se me estavam preparando alguns trabalhos. Já te disse que não sentia apego nenhum àquele homem... Acompanhava-o, não sei porquê... porque ele era meu amo e me disse: «Vem»! Ora aí está... E então que fiz eu? O que fazia qualquer mulher na minha situação. Mandeí preparar duas cavalgaduras. Em uma fiz pôr os meus baús; na outra umas andilhas; saltei para cima com o melhor sangue-frio, e disse adeus cá de longe ao Sr. Conde de Santa Bárbara, que finalmente era tão boa pessoa que me deixou uns cruzados novos com a condição de eu me meter como criada de freira na água-furtada de uma cela!... Deus nos livre de beatos à última hora! Seria o tal padre que lhe meteu esta na cabeça? O homem, por mais que me digam, estava a delirar com febre. Sabes o que eu disse ao tal padre, quando há tempos o encontrei?

– Não.

– Que viesse a minha casa.

– Para quê?

– Quero mostrar-lhe os meus rosários de contas, a minha touca de criada de freira, os meus relicários e bentinhos... enfim quero-me rir, se não tiver medo dos olhos dele.

– Não fizeste bem...

– Porquê?

– Aquele homem não é um homem como eu e como os outros.

– Isso é que eu não sabia!... Então que tem de mais ou de menos?

– Tem de menos as fraquezas dos outros homens e tem de mais o poder subjugar debaixo de um pé as suas paixões e as alheias. Sonda o insondável, derruba o que é inabalável, e não sabe o que são impossíveis.

– Estás a brincar comigo? Não tenhas ciúmes... Ele é velho...

– Então sempre queres recebê-lo?

– Como tu quiseres...

– Recebe; mas em mm não lhe fales...

– Pois sim. Mas ele sabe que eu sou tua?

- Deve saber, porque ele sabe tudo.
- Tudo?
- Creio que tudo.
- Hei-de fazer-lhe uma pergunta, que te vai deixar mentiroso, meu Albertinho.
- O quê?
- Hei-de perguntar-lhe de quem sou filha.
- I?ois tu não sabes?
- Eu não. Disse-me o conde que eu era enjeitada... Se ele me dissesse quem eram meus pais, então sim!... se me mandasse atirar dos Arcos das Aguas Livres, atirava-me...
- Isso poderá ele não o saber, porque o crime tem segredos que a virtude não sabe descortinar...
- Ah!, fala-me assim. O tal padre sabe o que todo o mundo pode saber com trabalho e com finura. Aposto que ele não sabe que eu te dou agora dois, três, quatro, cinco, seis beijos? Aposto outros seis, queres?
- Falemos de outra cousa, Eugénia. Então que me querias pedir ontem?
- Quando?
- Não me disseste que tinhas uma cousa a pedir-me?
- Disse; mas por ora não tenho a precisa segurança no teu amor para me atrever...
- Se é um atrevimento, nesse caso dispensas-me de ouvi-lo, não é verdade?
- Não é atrevimento... é ciúme...
- Ciúme!... Cedo principias, minha gentil egoísta...
- Achas cedo? E eu parece-me, pelo muito que te quero, que nos conhecemos em outro mundo antes deste...
- Leste as novelas de Arlincourt?
- Não sei se li.
- Parece-me que é de lá esse galanteio...
- Zombas de mim? – disse Eugénia com duas lágrimas buliçosas nas longas pestanas.
- Não, filha... era um gracejo de mau gosto... Não sabes? Comprei-te uma sege, e dois cavalos negros, da cor dos teus cabelos. Vais ter uma sege às tuas ordens... e dois lacaios ingleses com polaina de anta cor de flor de alecrim... Não gostas?
- Não; o que eu queria era o teu amor.
- E que mais?
- A tua presença sempre aqui... Desejava viver contigo no campo, sozinhos, e um jardim, um bosque, e uma fontinha, e muitas árvores, e um lago com um barquinho. Queria viver no teu quiosque, onde te vi, pela primeira vez, e me perdi de amores por ti.
- De amores!... Foi uma impressão mortal, pelo que vejo!
- Não crês?
- Custa-me.
- Então... deixa-me!
- E Eugénia levantou-se, amuada, e foi sentar-se ao piano, onde corria a escala que aprendera em três lições.
- Alberto, que não era todo espírito, nem todo matéria, reconciliou-se com um beijo furtado. A galante criatura voltou o colo de águia, como a pomba ao arrolar do companheiro, e esqueceu o momentâneo pesar.
- Amava-o ela? Sim, desse amor capaz de todas as virtudes e de todos os crimes.
- E então... Alberto... ouves o meu pedido?
- Ouço... que queres?
- Não vás a Odivelas.

– Porquê?

– Tu amas ali uma mulher.

– Quem é?

– Não sei, nem quero saber... parece-me que lhe dava um tiro... Mas não a ames, Alberto! Será mais bela, mais carinhosa, será fidalga, mas não sente como eu... Se me abandonasses... Alberto, tu meditas? Sempre é verdade que amas outra, ingrato?

– Não.

– Então vai... eu acredito-te... vai... mas, repara bem, quando me chegar ao coração a punhalada da certeza, achas-me morta, se me procurares...

– Eugénia! Tu serás um anjo?

– Faz que eu o pareça para todo o mundo... O meu coração principia hoje a amar e a sofrer... Se vês que, pelo passado, não valho tanto aos teus olhos... desculpa-me e regenera-me...

– Espantas-me, Eugénia!

– Que é que te espanta em mim?

– Aos dezassete anos, parece que aprendeste no mundo toda a eloquência das paixões práticas, ou das teorias do cálculo... Não descores, Eugénia! Eu preciso de ter contigo estes desabafos... A suspeita é um demónio que entra no coração, e abafa o anjo da boa-fé... Estes estudos na tua alma, são-me necessários. Perto dos quarenta anos, venho achar em ti um tipo novo! Tens um grande coração e uma grande inteligência, Eugénia! Na tua idade não se finge assim!... Eu supunha-te uma bonita mulher, e mais nada. Agora, olho para a tua frente e vejo aí a profecia de um destino superior! Ouvi-te primeiro com indiferença, depois com admiração, e, por fim... fazes-me supersticioso! Se fosses soberba de opulências, podias subjugar os corações como um anjo e esmagá-los como um demónio. Que ideia fazes tu de ti, Eugénia?

– Não sei!... Essa maneira de me falares é nova para mim, Alberto... Desconheço-te... Queria mais carinhos nessas palavras... Acho-as frias e fortes de mais para uma mulher que não sabe senão amar...

– Quero habituar-te a esta linguagem. O teu génio conspira contra tudo que é trivial... Não podes ser uma mulher vulgar, Eugénia... Vou educar-te...

– Educar-me? Tens essa paciência?

– Tudo que fores hás-de devê-lo a ti. Quero que sejas uma mulher como conheci algumas em França e não conheço duas em Portugal. O teu coração alimenta-se de amor; mas o teu espírito precisa de um manjar que o amor não dá. Quero-te instruída, ilustrada, enriquecida de tudo que pode saber-se e compreender-se... Aceitas?

– Se aceito! Não vês que sou uma rapariga que apenas sei ler, e nem tudo que leio entendo! E serás meu mestre?

– Teu guia na ciência das pessoas. A ciência das cousas hás-de aprendê-la nos livros.

– Pois sim... tudo que quiseses, contanto que tudo que eu possa saber há-de converter-se em felicidade nossa; quando não, quero tudo ignorar... Basta-me saber que devo viver e morrer, amando-te...

Soara a campainha.

– É o mestre de música – disse Eugénia –, não vás sem veres os meus progressos... Esta vaidade é uma ironia, Alberto! Eu creio que tenho a cabeça fechada para a percepção da música, como as cabeças destas desengraçadas colcheias.

III

Quem aproximou Alberto de Magalhães da favorita do conde de Santa Bárbara?
Foi o acaso.

Quando Eugénia voltara de Santarém, debruçava-se negligentemente Alberto de Magalhães no peitoril do seu quiosque, sobranceiro à estrada, no Beato António. A foragida rival de Ângela de Lima vinha triste. A simpatia prendia os olhos naquele rosto angélico, em que o viço desbotado era a morbidez de flor colhida em hora de calor e desbotada pelos ardores da sesta. Alberto, desde que o vulto se desenhara, sem que as feições se destacassem, pressentiu uma mulher bela. De longe a vinha chamando com os olhos, ávidos de um raio daqueles que se pasciam indiferentes pelas agrestes margens do Tejo. A poucos passos do quiosque, a passageira, fixando um homem estranho, corou surpreendida; mas não pôde, se muito quis, deixar sem recompensa a vista fascinadora que a mandava imperiosamente olhar.

Alberto era um belo homem, se é belo um homem que não tem na cara o rosado feminino e o olhar sonolento das mulheres que se reclinam sobre estofos, como enfastiadas de um baile e de um amante de quatro meses importunos... Se a beleza é isto, o amigo do antigo cigano era um homem belo. O nariz nem grego nem romano, era um nariz cosmopolita, majestoso em toda a parte, e quase sempre o preferido nas fisionomias fantásticas dos inventores de tipos extraordinários. O bigode negro e desalinhado pouco se destacava da cútis pálida, se a cor de chumbo também pode, sem agravo à arte, chamar-se palidez.

Gostariam de um homem assim? Eugénia sentiu, ao vê-lo, uma opressão, um temor, uma ânsia, uma... como lhe chamam os fisiologistas do sentimento?... uma paixão. É isto possível? É. Estas emoções recebem-se. Alimentadas por minutos, decidem de toda a vida de certas organizações; desprezadas, ou não correspondidas, como felizmente sucede quase sempre, poucos dias bastam, se não são horas, para o completo esquecimento.

Eugénia olhou e seguiu o seu caminho, mas o coração ficava-lhe ali. Alberto desapareceu e em um instante esporeava o cavalo quase a par com ela. Eugénia já não era a mesma. Tremia e não ousava olhar. O cavaleiro não descoroçoava como qualquer noviço em semelhantes profissões.

– Dá-me a honra de acompanhá-la? – disse ele com o chapéu descido até ao joelho.

– Terei muito prazer com tão boa companhia – disse Eugénia, com uma espécie de forçado desembaraço, capaz de fazer benzer uma senhora de província que há vinte anos viajasse por aqueles sítios.

– Vai para Lisboa?

– Para Lisboa.

– É de cá?

– Sim, senhor.

– Vem dos ares do campo?

– Venho... – disse ela, sorrindo –, mas não venho de fazer o que é costume dizer-se *ir a ares*. Venho de Santarém.

– Dá-me licença que lhe faça algumas perguntas?... Se forem indiscretas, não me responda... É solteira?

– Solteira.

– Absolutamente livre?

– O mais que posso ser.

- Não tem família?
- Nenhuma.
- Mas deve ter uma qualquer posição...
- Tenho sido criada em uma casa.
- Criada!... e é feliz?
- Menos do que é costume ser-se na minha condição.
- Trocaria de boa vontade essa condição?
- Por qual?
- Se amasse... se achasse uma imprevista felicidade.
- Se fosse uma felicidade, abraçava-a.
- Queria encontrar um homem que a prendesse à felicidade pelo coração?
- Queria: mas eu não posso ser amada.
- Porquê?

Eugénia não respondeu.

- Onde se recolhe em Lisboa?
 - Por alguns momentos em casa do conde de Santa Bárbara...
 - Do conde de Santa Bárbara?! Esse homem não está em Santarém?
 - Ficou lá.
 - Eu conheço-a... A menina não é uma simples criada do conde de Santa Bárbara.
- Eugénia corou e desceu os olhos de repente.
- Desculpe-me... uma outra pergunta: é Eugénia?
 - Sou Eugénia.
 - Não tenho pergunta nenhuma a fazer-lhe... Já vê que sei o segredo da sua vida.

Ama esse homem?

- É impossível... não há forçado nenhum que ame as galés.

Alberto maravilhou-se. Era necessário encontrar destas respostas, em lábios de dezassete anos, para sair da apatia moral em que o paralisara o cansaço.

- Eugénia... Olhe para mim... Acha-me um homem repulsivo?
- Não é possível...

– Se me tivesse encontrado em uma situação em que eu lhe dissesse que a adorava e que me seguisse... que faria?

- Pedia-lhe que me não fizesse mais infeliz do que sou...
- E com o pressentimento de que encontrara um homem digno tia sua alma?
- Tinha orgulho de ser desgraçada.
- Eugénia! A nossa conversação tem sido extraordinária... Seja-o até ao fim...

Quer seguir-me?

- Sigo... e sigo-o, sem pensar... Há-de proteger-me?
- Como se protege uma filha. Tem que fazer em casa do conde de Santa Bárbara?
- Tirar uns baús que me pertencem.
- São cousas que estime pelo coração?
- Não é nada... são vestidos.
- Deixe-os... Siga-me como seguiria um seu irmão...

Pouco depois, Eugénia entrava em casa de Alberto de Magalhães. Quando se viu sozinha em um vasto salão, apertou as mãos na cabeça e murmurou:

– Ou isto é um sonho, ou eu estou douda!... Que é o que se tem passado, há uma hora, na minha vida?...

Alberto entrava. Sentou-se em um sofá e conversou duas horas com Eugénia como conversaria com uma filha.

Dois meses depois, na Praça da Alegria, parece que era outro o parentesco; mas o coração de ambos, contra as leis químicas destas reacções, aumentara no calórico o que,

naturalmente, diminuirá na pureza.

IV

Recuemos, que é necessário.

Desde o momento em que D. Antónia de Mascarenhas entrara no Convento da Encarnação, Sebastião de Melo empregara quantos esforços o coração lhe sugerira para encontrar a criança, aos três anos arrancada dos braços de Rosa de Jesus. Baldadas diligências. Os parentes de Gervásio Faria pareciam estranhos a esse atentado e procuraram iludir as suspeitas de Melo, auxiliando-o astuciosamente nas suas averiguações.

Perdidas as esperanças para Antónia, o carácter enérgico do apaixonado amante de Francisca Valadares não as perdera. A tremenda crise por que sua alma estava passando, numa paixão infeliz, apurava-lhe a sensibilidade e inspirava-lhe todos os desvelos em suavizar o infortúnio alheio.

Da vida deste homem, largamente decifrada no *Livro Negro*, apenas trasladamos as páginas que são o núcleo, o enredo deste longo drama de infortúnios. E fora do nosso plano historiar vagamente a paixão fatal que o fez padre, que Adelaide, a freira de Santa Apolónia, contou por alto à sua amiga Ângela, em Odivelas.

É certo, porém, que Sebastião de Melo, na sua volta a Portugal, em fins de 1817, fortaleceu esses vínculos de amor, que o prenderam a um túmulo. No ano seguinte morreu Francisca Valadares e alguns meses depois Sebastião de Melo era padre Dinis Ramalho e Sousa. Nesse mesmo ano entrou na Encarnação a filha do marquês de Montezelos. Passados três meses, o padre entra na Quinta das Alcáçovas com o traje de cigano, para salvar o filho de Ângela de Lima; e contudo, em alguma parte padre Dinis apareceu como Sebastião de Melo, a profetizar um desgraçado futuro ao conde de Santa Bárbara.

Estas prodigiosas metamorfoses, que, a não serem explicadas, perturbariam a cronologia dos factos, são cabalmente deduzidas e rigorosamente certificadas no *Livro Negro*, que se acha já publicado na sua maior extensão.

.....

Antes, porém, de acompanharmos o desenvolvimento das cenas que se representam em 1832, sigamos padre Dinis na sua jornada à província de Trás-os-Montes em Março de 1819.

Onde vai este homem, que se despediu por alguns dias do túmulo da religiosa de Santa Apolónia? Vai a Viduedo. Vai dar conta da sua missão à penitente, que talvez já durma, cansada, ao fim de nove anos de martírio, o sono eterno, debaixo da pedra que ela lhe apontara.

.....

– Estamos perto de Viduedo? – perguntou o padre ao guia que levava de Cabeceiras de Basto.

– Meia légua, senhor. Do picoto daquela serra já se vê o povo.

– Já aqui vieste alguma vez, amigo?

– Vim, sim, senhor, com minha mãe, consultar a santa. É a troco dela que vossemecê cá vem, não é?

– Ora diz-me, a respeito de que doença vieste com tua mãe consultar a santa?

– Por causa da minha companheira, que tinha o mafarrico no corpo, Deus me perdoe.

– E que vos disse a santa?

– A santa mandou-nos falar com o cirurgião, que era o mestre da saúde do corpo; e, se o cirurgião lhe não desse cura, disse-nos que falássemos com um padre, que é o mestre da saúde da alma.

– E depois?

– Mandou-nos embora, e não quis pegar em nada que lhe dávamos.

– Então porque é que lhe chamam santa?

– Isso agora é que eu não posso dizer a vossemecê. Ela não cura o *espírito* ruim, ela não é benzedeira, ela não cita as almas, ela não desmancha feitiços, nem corta a bicha, nem levanta a espinhela; a falar-lhe a verdade, não sei porque lhe chamam santa. Quem nos cá mandou foi a fidalga do Arco. Pelos modos, a fidalga teve os seus desgostos, e veio ter com a santa de Viduedo, e contou-lhe lá não sei quê, que a trazia muito mal do coração por causa do fidalgo do Outeiro, que lhe devia... Enfim, cala-te boca... O caso e, meu amiguinho, saberá vossemecê que a fidalga veio cá, e quando tornou para a terra pouco tardou que o fidalgo não casasse com ela. Todos disseram que foi feitiço, e minha mãe foi onde a ela, que é nossa senhoria de uns bens que lhe arrendámos, e contou-lhe a história da minha Maria. A fidalga ouviu, ouviu, e afinal de contas disse a minha mãe: «Sr^a Ana, vá você a Viduedo, e procure uma mulher que está quase sempre no coberto da capela; conte-lhe os padecimentos de sua nora, e faça o que ela disser.» Ora vossemecê já sabe o que se passou. O cirurgião disse que não curava borracheiras e o padre disse-me que lhe desse com um fueiro pela rabada até lhe pôr o diabo fora do corpo, salvo tal lugar. Minha mãe foi-se ter com a fidalga e contou-lhe o passado, dizendo que a santa de Viduedo não era benzedeira, nem sabia desmanchar feitiços. A fidalga riu-se e respondeu que a santa de Viduedo, quando a procurava alguém com paixão de alma, costumava pedir a Nosso Senhor que livrasse a criatura da sua aflição. Foi o que foi. Minha mãe não tornou cá pelo viso; enquanto a mim, a mulher sabe tanto de *inzorcismos* como eu de latim.

A conversa prolongou-se neste tom, até que padre Dinis, ao transpor a lombada de um cerro, deu de face com Viduedo. Alargou-se-lhe o coração. Meia face do Sol, mergulhando-se no mar, tingia de púrpura a vegetação meio florida de giestas e codessos que formavam a cintura da desabrigada povoação. A capelinha lá estava no mais elevado morro daquele monte de fragas. A cruz de pedra tosca era como a solitária vigia daquela augusta dor que há dez anos, a seus pés, se purificava em lágrimas incessantes. O padre queria-se só. Despediu-se do guia e encurtou o passo da mula, como quem deseja demorar uma impressão que abrangia as mil sensações diversas.

Para certas almas, o êxtase de sacerdote, em frente da pinha de nobres cabanas, com os olhos fixos no reflexo do Sol espelhando-se nas lousas polidas que guarneciam o coimado da capela; para certas almas, repetimos, o arroubamento de Sebastião de Melo será estímulo à meditação do que este homem seria naqueles instantes de solidão.

O passado de Anacleto, cheio de crimes, de fausto e degradação; a filha de Anacleto, àquelas horas suplicando a Deus a vida do seu benfeitor e o segredo do destino de sua filha; Ângela de Lima, a mãe de um menino comprado ao punhal de um infanticida; a condessa de Santa Bárbara, amarrada a um poste de dor e infâmia, que seu marido lhe lançaria em rosto; Pedro da Silva, agonizando os últimos arrancos de uma paixão desditosa; Francisca Valadares há um ano no túmulo, e esse túmulo fechado para sempre... e depois... como desmentido a tudo que é da vida, como desengano a todas as ilusões... aquela desgraçada, além, segregada do mundo, cortada lentamente em cada fibra, vivendo, esperando a morte redentora...

Padre Dinis levantava maquinalmente as mãos e os olhos para o céu, quando as badaladas a ave-marias foram um toque suave que lhe acordou o coração.

«Aquele sino será ainda ela que o toca? Abençoada dor que me abres o Céu neste momento! Mulher predestinada, a quem o Senhor confiou a missão de me salvar das últimas ilusões da minha arrastada existência! Bendita sejas tu, santa, que vais deste mundo, deixando um homem que o mundo admirou na publicidade e que não vaie em todos os actos da sua vida como um só dos teus desconhecidos instantes de arrependimento!...» Choravam os olhos e os lábios gemiam esta expansiva evocação. Escurecera quando o padre entrou no povoado.

Parou defronte da capela e viu, como um ano antes, Anacleta, dirigindo-se para ele:

– Senhor, quer que lhe ensine a pousada dos passageiros?

– Eu sei-a já. Aproximai-vos... Dai-me a vossa mão, Anacleta... Vós já me conheceste.

– Já!... pela voz!... – balbuciou ela, regando de lágrimas a mão do padre e querendo ajoelhar.

– Vedes o meu rosto?

– Vejo... não é da pessoa que pensei... Enganei-me... perdoe-me... – disse ela, recuando.

Não vos enganastes... O rosto do homem do mundo não é como este do padre... Olhai... Tenho cabelos brancos... Envelheci... Até logo, irmã! Virei dar-vos conta da minha comissão. Ficai pedindo a Deus por mim e pela alma de uma mártir que deixei a dormir na sepultura, enquanto venho aqui para não confiar a ninguém as vossas confidências.

Padre Dinis bateu à porta do capitão de Viduedo. Sentou-se no escabelo onde se sentara da outra vez; ninguém o conhecia.

– O Sr. Reverendo Padre vai de caminho para pregar a Semana Santa em Ribeira de Pena, ou Vila Pouca, ou Ermelo, não é verdade?

– Não, meus amigos. Vim aqui à vossa aldeia procurar as orações...

– Da santinha?... De bom proveito lhe sejam... E o nosso anjo custódio... Desde que ela veio, até parece que as novidades suprem mais na tulha. Tem aqui vindo muita gente de longe. Vai quase há um ano que aqui veio um fidalgo de Lisboa, e desde então a santinha, quando encomenda as almas, pede mais um padre-nosso e uma ave-maria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom que procura as vítimas da maior pecadora.

– Coitadinha! – murmurou o sacerdote, escondendo a comoção

– Dizei-me... – tornou ele, por divertir o assunto. – Já pernoitei em vossa casa, Sr. Capitão... e vi aqui uma gente que não vejo. Falta-me um velho, que estava ali sentado e contava a história da sua pedra de armas.

– Morreu... era meu avô, e poucas horas depois morreu minha avó... Tinham vivido juntos setenta e um anos; juntos morreram, e morreram nos braços da santa da capela: é de fé que estão no Céu.

– E ela... a pobre mulher, continua no mesmo rigor de vida?

– Sempre o mesmo, só com a diferença de costumar subir muitas vezes a um picoto do outeiro, lá em baixo, donde se vê para a estrada. De vez em quando vemo-la lá, como quem espera alguém. No mais, o seu alimento é pão e água, e a sua cama tem sido sempre debaixo do alpendre, na pedra estreme. Aqui há meses veio ai uma fidalga de Basto, com criado de farda, em um cavalo grande, e fanchonaça de uma vez. Entrou no nosso quinteiro e pediu que mandassem chamar a santa. Fui eu procurá-la a casa de um doente, disse-lhe que estava aí uma fidalga, e ela fez-se da cor desta camisa e veio depois que tirou os cáusticos ao doente. Quando viu a fidalga, parece que lhe estava com medo. A tal mocetona tratou-a muito bem e foi com ela para a minha casa nova,

que é de sobrado, e lá falaram por muito tempo. Depois saíram ambas, e eu disse cá comigo: «Eu sempre hei-de saber o que isto é... Aqui parece-me que há sarilho de feitiçeira, ou benzedela.» Cossi-me com a parede da bouça, que está à ilharga da capela, a lobrigar o que elas faziam... Vai então quando, reverendo Sr. Clérigo, a santinha ajoelhou, a fidalga ajoelhou a par dela, estiveram assim muito tempo, e por fim ouvi dizer à fidalga: «Não tem mais nada a fazer-me?!» «Mais nada», respondeu a santa, «o que aqui fiz pudera-o V. Ex^a fazer em sua casa. Tenha fé no remédio, que lhe pode vir de Deus; de mim, miserável pecadora, não tem nenhum a esperar.» Ficaram-me cá na memória estas palavras. O caso é que, passados dois meses, tornou aqui a fidalga, procurou-a na capela, e disse-me o Tio António da Poça que a viu abraçada à santa. O que isto foi, não sei; mas que a cousa tinha engenhoca de bruxedo, isso lá é como o senhor Sol.

Padre Dinis combinou, e compreendeu a história do capitão, que era a mesma do incrédulo marido da mulher possessa.

Terminada a ceia, e dadas graças a Deus pelo sacerdote, que, segundo o uso, tinha a primazia, sentaram-se no escabelo, quando a voz da penitente pediu as orações do costume. O salvador de Antónia Mascarenhas estremeceu quando ouviu o último pregão:

– Mais um padre-nosso e uma ave-maria para que Deus Nosso Senhor encaminhe os passos de um homem bom, que procura as vítimas da maior pecadora!

– Agora – disse o hóspede – permitireis que eu vá procurar esta mulher ao alpendre...

– Eu vou ensinar-lhe o caminho, Sr. Padre.

– Sei-o, meu amigo; ficai; e, ao ser dia, fazei-me o favor de me ajudar à missa na capelinha...

– Então, Sr. Padre, deixai-me dar parte aos vizinhos, que amanhã é Quinta-Feira Santa.

.....

A Lua prateava as montanhas. O sopro do vento, sempre forte naqueles altos, ramalhando as urzes, dava ao vasto matagal o aspecto do mar tempestuoso em noite de luar.

O clarão alumiaava tudo em redor do padre. Um ano antes era outra a noite para Sebastião de Melo. As feições de Anacleto, tão junto dele, mal pudera vê-las então, porque os olhos eram cegos ao abrirem-se na cerração escura daquela noite de Dezembro.

Em Março não sucedia assim. Padre Diais ia ver a mulher que conhecera dez anos antes, se não viçosa, gentil ainda, exuberante de vida, com fogo nos olhos, com desenvolta e lasciva ária, de maneiras, que a faziam, se é possível, mais fascinadora que formosa.

Perto da capelinha viu-a, sentada, fora do pardieiro. Pulsava-lhe o coração como o do homem não habituado ao crime que vai tentar o primeiro abismo. É que os sentimentos da alma, contrários e repugnantes, excitam na matéria sensações idênticas.

Anacleto levantou-se e veio esperá-lo ao caminho. O padre, por dominar as comoções, recebeu-a com um gracejo.

– Não perdeu ainda o uso da boa sociedade... Vem receber-me à entrada do seu palácio...

– Assim é... O meu palácio é este; mas não tem senão uma pedra, que lhe ofereço, como canapé...

– Pois sim, Anacleta, dai-me essa pedra, e vós sentai-vos ao pé do vosso amigo de doze anos... Olhai... falemos tranquilamente... Nada de lágrimas, nem desmaios... Deixai-me ver-vos de perto, minha penitente... Vejo que não tendes um cabelo que não seja branco... Ora ai estamos nós bem velhos, minha irmã! Não vos vejo aí nada que se pareça com o que fostes...

– Penso que não... Há dez anos que me vi... morrerei ignorando o que sou...

– Melhor assim... Tenho quarenta anos... que vedes?

– Quarenta anos!...

– Sim, Anacleta... Compreendo o vosso silêncio... Parece-vos incrível... Pois é verdade... a dor faz isto!... Não me achais uma grande diferença?...

– Não posso compará-la... Não me lembro de o ter visto...

– Vistes, Anacleta...

– Quando... onde?!

– Há doze anos em vossa casa... há dez... em vossa casa também...

– Há dez!... oh!, meu Deus!...

– Que vos pedi eu, senhora?! Não quero comoções... É um desejo imenso que eu tinha de vos mostrar em mim o homem do passado... Já que chorais, não direi mais nada... a tal respeito.

– Diga, diga... tudo o que me disser há-de ser-me bom...

– Pois bem... lembrais-vos de Sebastião de Melo?

Anacleta ergueu-se impetuosamente... tomou o braço do sacerdote e foi com ele onde uma réstia de luz vinha sem sombras.

– Sebastião de Melo!... Mãe Santíssima!... Isto é incrível... deixe-me reunir a minhas ideias... Quando eu era rica... foi algumas noites a minha casa um mancebo, levado... não sei por quem...

– Por Azarias...

– Sim... sim... e chamava-se...

– Sebastião de Melo...

– Espere... condoa-se de mim, que vou fazer-lhe uma pergunta que parece trazer-me o ar e o coração... mas é preciso... Quando eu era uma mulher pública... deixe-me assim dizer, que é um merecimento perante Deus este despedaçar-me... quando eu era uma mulher pública, na Rua da Rosa das Partilhas, foi a minha casa... um mancebo, que me quis arrancar do abismo, que me quis convencer de que eu podia ser uma mulher honrada e virtuosa, que me deu, enquanto eu vivi aí, uma mesada... que não quis dizer o seu nome... que vinha sempre desfigurado... e de noite, a horas mortas...

– Era Sebastião de Melo... Aquietai-vos, Anacleta... Magoais-me... Agora o esquecimento desse homem... Já vejo que não há no que vedes nada que vos lembre o outro; mas acreditai que é o mesmo. Ora pois, irmã pelo sofrimento, já vedes que há muitas agonias ao mesmo tempo, veladas pelo mesmo Deus, e esperançosas na mesma eternidade... Somos dignos um do outro pela força atractiva do padecimento. Sejamos egoístas com os nossos cabelos brancos, não é assim? Diante de nós está o infinito... A vida é lá... aqui é um longo paroxismo em um dia curto... Mudemos de conversa, Anacleta... Falemos de vossas filhas e de vós, sim?

– Delas... De mim, que serve? Eu já não vivo...

– Assim o julgam... reputam-vos morta...

– Eu vos agradeço, meu Deus!

– Vossas filhas encontrei-as. Uma é Emília, vive... já vo-lo disse... casada, e crê-se feliz. A outra ia fechar a curta carreira dos seus sofrimentos quando a encontrei. Dei-lhe o título de minha irmã... Levei-a a um convento... não é feliz; mas tem uma ceia para as lágrimas, um altar para a oração e uma sepultura, ao pé das sepulturas onde dormem o

sono eterno muitas mulheres virtuosas... Já vos disse, Anacleta... Não vos quero assim de joelhos...

– Mas, senhor!, deixe-me satisfazer esta ansiedade do meu coração...

– Isso não é aqui... é ali aos pés daquela cruz, ide lá, ajoelhai, que eu quero orar convosco...

E ajoelharam ambos.

– Anacleta!... dizei comigo: «Deus de justiça e de misericórdia! Há dez anos que as minhas lágrimas não têm sido em vão choradas aos pés da cruz do Vosso Filho! Os meus crimes eram grandes; a minha penitência foi pequena; mas eu sou um verme, e vós sois Deus. Perdoai-me, pela gota de sangue que Jesus Cristo verteu sobre as manchas de Madalena! Perdoai-me, para que eu possa inclinar nesta pedra a cabeça moribunda, abençoando a dor... Perdoai-me...»

Os soluços embargaram a voz de Anacleta. Padre Dinis levantou-se, inclinou-se para a penitente e disse em um tom entrecortado pelo fervor das últimas palavras:

– Ajoelhai aos pés do ministro de Deus, irmã!

Anacleta voltou-se, com os olhos febricitantes, fixos na face do padre.

– Na vossa vida há crimes que eu ignore?

– Nenhum... penso que nenhum!

– Perdoais a quem vos fez desgraçada?

– De todo o meu coração...

– Eu vos absolvo, em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo... Orai... É meia-noite... As quatro horas serei convosco.

.....

Ao alvorecer, quem foi tocar a sineta da capela chamando à missa encontrou a penitente (caso extraordinário!) mergulhada em um profundo sono. Palpou-lhe as mãos e achou-as ardentes. Chegava padre Dinis. Tomou nos braços Anacleta, que abriu os olhos, sorrindo, e lhe beijou a mão. Aberta a porta da ermida, o padre paramentou-se, veio à porta e estendeu a mão à penitente:

– Entrai, filha!

Anacleta entrou. Chorava e ria simultaneamente; mas as pernas não a sustentavam. O padre segurou-a e conduziu-a ao pé do altar.

Principiou o sacrifício incruento. Cada vez que o padre voltou o rosto, o povo chorava, sem compreender as lágrimas que inundavam a face do sacerdote.

A comunhão, o ajudante tomou uma toalha, que lançou ao pescoço de Anacleta.

– *Ecce agnus Dei...* – disse o padre, com os olhos fixos na penitente, e estremeceu.

Ao pronunciar as palavras: *Corpus Domini nostri Jesu Christi...* os lábios de Anacleta estavam roxos, as faces da cor da toalha, apenas os olhos, vidrados de lágrimas e cravados no sacerdote, exprimiam... o último lampejo da vida...

O padre voltou-se para o altar e disse no seu coração:

– Senhor!, levai a desgraçada, se lhe perdoastes!

A súplica foi cortada por um grito do povo.

– Que é? – perguntou serenamente o padre ao ajudante.

– Morreu a santa...

O sacerdote voltava-se, pronunciando *Dominas vobiscum*, e recebeu o derradeiro olhar de Anacleta.

Consumado o sacrifício, tomou o cadáver nos braços e colocou-o sobre a cómoda dos paramentos. Chamou o capitão e pediu-lhe que o ajudasse a cavar uma sepultura no

alpendre da capela, Todos quiseram tirar terra da sepultura da santa. Duas horas depois algumas mulheres oravam em redor da pedra que a cobrira e pediam ao espírito bem-aventurado da predestinada que não as desamparasse.

Padre Dinis transpunha daí a pouco o outeiro, donde dissera, um ano antes, o adeus à penitente, que lhe acenava da agulha dos rochedos. Olhou para lá...

– Era ali!... – disse ele, e chorou.

V

Treze anos depois, encontramos Frei Baltasar da Encarnação recobrando o sentimento da vida e a consciência da morte para pedir a seu filho que juntasse as cinzas de Silvina ao seu cadáver. Vimos padre Dinis, superior ao homem, tentar o último heroísmo, recitando uma oração fúnebre sobre o esquife do pai e cair, pela primeira vez na sua vida, aos abalos da comoção.

Este homem devia estar no fim da sua carreira. A natureza humana, sem protecção divina, não pode tanto. Naquele último lance, deviam exaurir-se-lhe os alentos afrouxados longos anos em dramas cujo desenvolvimento deveria ser-lhe a morte repetida muitas vezes. O desenlace não podia tardar.

O filho do dominicano recolheu à sua casa na Junqueira e, desde esse dia, o entranhar-se em melancolias, sem voz de amigo que lhas perturbasse, a solidão, um quase esquecimento de si e dos outros, tornara o homem de ferro em um ente que parecia temer a fala de homens. Muitas vezes passou a mão pela fronte e achou-a abrasada: outras muitas sondou o estado da sua consciência e julgou-se criminoso; mas a consciência, passados os momentos da febre, reagia, e o infeliz supunha-se demente.

As súplicas da condessa de Santa Bárbara instavam a sua presença. O túmulo de Francisca Valadares pedia-lhe uma lágrima. As últimas palavras de seu pai falavam-lhe de Silvina... e, depois, a memória, a recordação de um longo passado, em que a menor das suas tribulações seria, para um homem débil, uma alienação mental!...

Quinze dias decorreram desde que o padre se despediu de Ângela de Lima para satisfazer a promessa ao frade de Santarém. Esse espaço, sem uma notícia, amargurara as duas protegidas de Odivelas. Antónia, que sentia por aquele homem um amor de devoção, um estremecimento de filha, chorava, e não podia revelar à sua amiga as santas prisões que a ligavam a padre Dinis. A condessa, mesmo convencida do nenhum parentesco de Antónia com Sebastião de Melo, não ousava aventurar uma palavra indiscreta, que obrigasse a sua amiga a revelações que, por justos motivos, quaisquer que eles fossem, lhe eram ocultas.

Ao cabo de oito dias, mandaram à Junqueira procurar notícias do padre, e souberam que ele chegara cinco dias antes muito doente e que não saíra do seu quarto, nem dera ordem para se lhe anunciar alguém. As instâncias da condessa redobram, as cartas repetiam-se, as súplicas estavam sendo um novo suplício para o solitário pensador dos tormentosos conflitos da sua vida.

Padre Dinis foi a Odivelas. As duas senhoras abraçaram-no na portaria e conheceram que aquele já não era o homem de quinze dias antes. Escutava-as, parecia escutá-las, mas não respondia, nem ligava duas ideias sem comprimir a testa, como quem procura recordar-se dos termos com que uma ideia qualquer se exprime. Apenas Ângela ou Antónia se calassem, a cabeça do sacerdote descaía lentamente sobre o peito, e desse abatimento só uma pergunta, rápida e surpreendente, o acordava, fazendo-o estremecer.

As duas amigas olhavam-se atarradas.

– Meu pai, meu bom amigo! – dizia Ângela. – Que tem? Não lhe merecemos a sua confiança! Por Deus, diga-nos, que novos padecimentos o mortificaram? A sua ida a Santarém transfigurou-o!... Foi uma desgraça!...

– Seria, Sr^a Condessa? – perguntou ele com ar infantil, pouco distinto do idiotismo.

– Decerto foi... E, senão, diga-nos... diga às suas amigas o que lhe aconteceu?

– Abraçar um homem morto... dar-lhe um ósculo de filho nas faces amarelas...

pedir-lhe que me alcançasse de Deus um prazo de quietação... ou a morte...

– Pois bem... Deus tudo concederá a padre Dinis, ao benfeitor de tantos infelizes... mas... quem foi o morto que abraçou?... Foi aquele santo homem que confessou meu marido?

– Sim... foi esse... há catorze dias que caiu cansado na sua longa carreira... e nunca mais se levantará...

– Não caiu, não, meu pai!... Elevou-se à presença de Deus... Se não é culposa uma santa inveja, invejemos-lhe o seu destino.

– Pois sim, minhas filhas, invejemos-lhe o seu destino... Como vai, Antónia, que está tão triste, tão magra, e mais velha do que eu?!

– Boa, meu irmão...

– Não a acredite – interrompeu Ângela –, olhe que está muito doente, muito cismática, e diz que morre muito breve... Tenho-lhe pedido que diga ao médico os seus sofrimentos, e não quer. Todas as manhãs lança sangue e à noite tem febre.

– Pobre irmã!... não deves nada à felicidade... vais deste mundo sem sentir o sabor da alegria...

– Não fale assim, meu irmão... Não tenho eu sido tão feliz? Que mais pedirei a Deus, agora, que tudo tenho... que tudo consegui...

– Não foi tudo, Antónia... Estou em uma dívida contigo, e penso que será insolúvel...

A amante de Gervásio Faria abaixou os olhos e não pôde esconder da condessa um tremor instantâneo.

– Sr^a Condessa... seu filho escreve-lhe?

– Tenho duas cartas, e padre Dinis?

– Quatro... Diz-me que o aborrece o estudo... Nunca o vi muito propenso às ciências... Pensava muito, recolhia-se muito em abstracções, impróprias dos quinze anos... Era poeta muito cedo... Nunca aprenderá as ciências da vida positiva... Enfim, Deus o encaminhe... Tem vivido muito sozinha, Sr^a Condessa?

– Com a minha querida Antónia e com Adelaide Maldonado...

– Como vive essa senhora?... Creio que já me disse... triste...

– Sim... amarguradíssima... muito deseja vê-lo...

– Chame-a, Sr^a Condessa.

D. Ângela saiu com presteza e júbilo. Entretanto, padre Dinis, a menos de meia voz, disse a Antónia:

– Minha filha... Tem um dever a cumprir... Abra o seu coração a esta amiga, que lho merece; conte-lhe a história do seu passado, que eu não tenho já reminiscência do que se passou... Olhe, Antónia, não lhe esconda a história de uma mártir, que era sua mãe...

Abriu-se a porta da grade e apareceu, adiante da condessa, a benedita Adelaide Maldonado. Padre Dinis ergueu-se e cortejou-a com a reserva que há para uma pessoa que se vê pela primeira vez. A freira teve com padre Dinis quase os mesmos embaraços.

– Sr. Sebastião de Melo... – disse ela com dificuldade.

– V. Ex^a é a Sr^a D. Adelaide Maldonado?

– Uma serva sua.

– Custar-me-ia a conhecê-la... Creio que têm passado por nós alguns séculos... Há dezasseis anos que nos não vimos...

– É verdade... e cuidei que morreria sem este momento...

– Aqui tem duas boas senhoras para amigas, Sr^a D. Adelaide. Ambas elas têm passado por aquelas aperturas do infortúnio, donde, se se sai com vida, o coração aumenta em sensibilidade...

– São verdadeiras amigas... Começo com elas a sentir, há poucos dias, o que pode gozar-se de tranquilidade e alegria em um convento, onde a necessidade me tem forçado a viver...

– A necessidade?... É uma dolorosa coacção... Breve vem o dia, minha senhora, em que V. Ex^a achará francas as portas desta casa, se quiser abandoná-la...

– Que triste profecia!...

– Não lhe dê esse nome... O mosteiro é uma excrescência dos séculos, que são hoje chamados à presença da civilização para se verem condenar como réus de barbarismo. O mosteiro vai entrar na partilha dos apóstolos da lei nova... que não são dos que sacodem as sandálias ao sair dos povoados... Prepare-se minha boa senhora, que amanhã encontrará o mundo com os braços abertos para recebê-la. Se quiser fazer-se interessante, diga que a violentaram a professar... Verá que piedosa lástima comove em seu favor... Seja das primeiras a sair, porque a última será obrigada a fazê-lo impelida pela fome...

– Nem a primeira nem a última, Sr. Sebastião de Melo...

– Padre Dinis... padre Dinis... dê-me este nome, que é o meu nome, Sr^a D. Adelaide... Pois nem a primeira nem a última?

– Não, senhor. Onde me caíram murchas as flores da mocidade há-de cair-me também a coroa de espinhos... Morrerei... isto é... quero enterrar-me onde morri...

– Em Santa Apolónia... – interrompeu o padre, como continuando o pensamento da religiosa.

A emprestada viveza, que momentaneamente lhe dera aos gestos o antigo brilho, extinguiu-se. Recaiu na madorra, de que os extremos das suas amigas o arrancaram.

Rodou uma sege no pátio. E em seguida a moça-porteira chamou:

– Santa Bárbara.

Uma criada veio anunciar o Sr. Alberto de Magalhães.

– Que entre nesta grade.

Padre Dinis acordou do espasmo quando à porta da grade apareceu Alberto. Ergueu-se, apertou-lhe a mão e convidou-o a ocupar a cadeira de preferência nas requintadas formalidades de uma grade.

– Aqui em uma ocasião em que vinha procurar novas de V. S.^a?! Sou bem-aventurado nos meus desejos.

– Em que posso ser-lhe prestável, Sr. Alberto de Magalhães?

– Se me der a honra de procurá-lo em sua casa... veremos se à quarta vez sou mais feliz. Sabendo eu que V. S.^a estava no seu quarto, não consegui que o seu criado lhe anunciasse o meu nome...

– Foi minha a culpa. Dei essas ordens. Desculpe-me a desprevenção de que eu estava da sua visita. Remediarei a minha falta, se me der ocasião de trabalhar em seu serviço.

– Não é em meu serviço... Eu posso, sem indiscrição, dizer, na presença destas senhoras, o fim com que o tenho procurado. Ha dias que, saindo eu de casa do marquês de Sesimbra, às dez horas da noite, ao entrar na minha carruagem, fui abordado por um vulto que me suscitou suspeitas. Preparava-me para o receber grosseiramente, quando o encapotado me disse: «Não sei quem sois, nem vos procuro de preferência a outro qualquer indivíduo, que passa ai a noite nessa casa. Passei casualmente, conheci o dono deste palácio, vi cavalheiros à janela, vi carruagens à porta, e resolvi esperar o primeiro que saísse, para aventurar uma pergunta que vos não demorará muito tempo...»

»‘Tende a bondade de falar’, disse eu, ‘e, se vos apraz entrar nesta carruagem, ouvir-vos-ei em minha casa.’

»‘Não, cavalheiro. Prometo não ser importuno. Dizei-me: conheceis alguma cousa

da vida íntima da alta sociedade de Lisboa?’

»Esta pergunta petrificou-me. Não havia nada mais vago, minhas senhoras. Meditei um pouco na gravidade da resposta e disse:

»‘Conheço alguma cousa; mas poderei ignorar quase tudo.’

»‘Que idade tendes?’

»Trinta e oito anos.’

»‘Conheceste em algum tempo, na sociedade de Lisboa, um cavalheiro de província chamado Sebastião de Melo?’

»‘Não... não me recordo desse nome...’

»‘Desculpai-me... Não tenho mais que vos diga... Muito agradecido, cavalheiro.’

»Ao primeiro intuito, este homem pareceu-me doudo. Não quis deixá-lo, sem aprofundar o verdadeiro merecimento deste diálogo extraordinário. Chamei-o e disse-lhe, com a intenção maligna de me recrear:

»‘Imaginai que eu conheci Sebastião de Melo.’

»‘Não se trata de imaginar. A pergunta, se vos não parece fantástica, merece uma resposta real, e não imaginária. Conheceste, senhor, o indivíduo que vos nomeei?’

o não conheci pessoalmente, posso em um momento colher todas as informações que me pedirdes.’

»‘Pois bem. Subi a essa sala e perguntai a esses senhores se algum conheceu Sebastião de Melo e se é vivo.’

»Entre na sala e, alto e bom som, perguntei: ‘Algum dos senhores conheceu Sebastião de Melo?’

»‘Quase todos’, me responderam umas poucas de vozes.

»Esta resposta mudou completamente o conceito que eu estava fazendo do meu trágico encapotado.

»‘É vivo?’

»Uns responderam: ‘Não.’ Outros: ‘Não sabemos.’ E uma voz, que foi a última, disse:

» ‘É.’

»Vim dar parte da comissão ao meu amigo sem nome.

»‘Tende a generosidade de perguntar ao cavalheiro que vos respondeu que vive Sebastião de Melo se este homem pode ser encontrado por pessoa que muito precisa vê-lo.’

»Fui: interroguei particularmente a pessoa.

»‘Esse homem é hoje um padre. Assina-se Dinis Ramalho e Sousa. Vive na Junqueira.’

»‘Tem a certeza disso, V. Ex^a?’

»‘Tenho... Não sabe que eu sou o intendente-geral da polícia? Agora... tome o meu conselho... Não diga a esse homem a minha última resposta. Padre Dinis é um ente misterioso. Sei que teve trabalhos na sua mocidade, porque o encontrei fora de Portugal com a vida em risco, muitas vezes. Quem sabe se esse homem, que o procura, é um punhal de reservada vingança?... Lembra-me um passo acertado... Vou fazer prender esse homem...’

»‘Isso não’, atalhei eu. ‘V. Ex^a não há-de dar esse passo por cima da minha honra. Qualquer que seja a intenção deste homem, é um facto particular, sobre o qual a intendência da policia não se pode despoticamente ingerir. O que mais que posso é ocultar-lhe a posição actual de Sebastião de Melo...’

»‘Como lhe aprouver...’

»Desci com a cabeça aturdida de suspeitas. Notei que era esperado com ânsia.

»‘Então? Dais-me uma boa nova?’

» ‘Pudera dar-vo-la, mas não vos conheço...’

» ‘Que vos importa quem eu sou, cavalheiro?! Sois menos delicado do que parecíeis... Adeus, senhor.’

» ‘Esperai’, lhe disse eu, caminhando com ele, ‘eu conheço Sebastião de Melo.’

» ‘Quereis *que eu imagine?*’, tornou ele, sorrindo.

» ‘Não... acreditai, sob minha palavra de honra, que conheço um homem que se chamou Sebastião de Melo. Posso fazer-vos um serviço. Dai-me um sinal que eu possa apresentar a esse cavalheiro. Se ele me disser que vos recebe, indicar-vos-ei a sua residência.’

» ‘Em que terra?’

» ‘Em Lisboa.’

» ‘Esperai...’ Entrou em um botequim. Demorou-se alguns segundos e voltou:

» ‘Comprometeis a vossa palavra pela pronta entrega deste papel a Sebastião de Melo?’

» ‘Comprometo a minha vida. A resposta procurai-a aqui, amanhã, às mesmas horas.’

» O desconhecido desapareceu. A carta que me foi entregue é esta, Sr. Sebastião de Melo.

Padre Dinis abriu serenamente a carta. O que ela continha era um bilhete. Mal o viu, ergueu-se de um ímpeto. Parece que os olhos iam saltar-lhe das órbitas sobre aquele bilhete, que tremia nas mãos convulsas. Impresso em todas as fisionomias, aquele espanto era justo; a ansiedade das senhoras não era menos aflitiva que a do padre, se, porventura, aquelas comoções eram aflição.

Ninguém ousava interrogá-lo, e todos esperavam uma palavra.

Padre Dinis, de improviso restituído à sua torva tranquilidade, voltou-se para Alberto com voz firme:

– Meu senhor! Diga a esse cavalheiro que me procure quando quiser. Agradeço-lhe a parte que tomou, Sr. Alberto, neste negócio... Minhas senhoras, permiti que me prive da vossa companhia. Aqui vos deixo o Sr. Alberto, que sairá mais tarde, porque tem carruagem.

Foi de lágrimas o adeus das três senhoras. As palavras sumiam-se nos soluços.

VI

Eram onze horas da noite desse mesmo dia.

Padre Dinis, acurvado sobre a banca da escrita, largara a pena, apoiara a cabeça na mão esquerda e, na direita, tinha o bilhete de visita que recebera em Odivelas.

Que novo episódio vem perturbar a existência tempestuosa deste homem superior na virtude e no infortúnio? Quando saldará contas com a Providência o velho que, desde a mocidade, começou a expiação de uma culpa enorme? Quando concederá o Altíssimo duas horas de tranquilidade ao anjo protector de tantos criminosos, de tantos inocentes e de tantas almas roubadas à perdição, restituídas à honra e ao serviço da virtude?

Seriam estas as reflexões do padre? Não. Ele nunca ousou, como Job, interrogar a Divindade. Como Cristo no horto, nunca pediu ao anjo do Senhor que lhe afastasse o seu cálice, se a vontade eterna lho mandava devorar. Suplicando a morte, dizia: «Quando virdes, Senhor, que a expiação excede o crime, levai-me!»

Nessa noite, porém, eram outros os seus pensamentos. Uma hora de silenciosa meditação sobre aquele bilhete revelava um encontro inesperado, uma surpresa das mais extraordinárias para tamanha impressão.

A torre dos Jerónimos deu meia-noite. Ao mesmo tempo, o criado de padre Dinis dizia fora do quarto:

– Está ali um homem desconhecido que manda perguntar se o indivíduo que lhe fez entregar um bilhete pode subir.

– Que suba.

– Para a sala?

– Não; para este quarto.

Minutos depois, o encapotado, lançando a capa dos ombros na antecâmara do gabinete, entrou.

– Sebastião de Melo... – disse ele, estendendo a mão ao sacerdote.

– Azarias... – disse placidamente o padre, apertando-lhe com frieza a mão.

– Se te não enviasse um bilhete, decerto me não conhecias.

– Não... Há vinte anos que te não vi.

– Foi na África a última vez.

– Justamente.

– Desde então, a tua vida como tem corrido?

– Cheia de penas.

– A minha... as minhas rugas que te respondam. Quero que me concedas o privilégio do primeiro desgraçado debaixo do céu.

– Concederei...

– O teu carácter moral está mais transfigurado que o físico.

– Tens razão... não podia deixar de ser assim.

– Mas eu tenho a pedir-te alguns momentos de brandura. Se o teu coração é duro como as tuas palavras, manda-me sair.

– Que queres de mim, Azarias?!

– Amizade.

– Não posso. A tua presença o mais que pode é excitar-me compaixão.

– Dá-me essa, ao menos... Escuta-me: eu desembarquei, há quatro dias, em Lisboa. Vivo, há quinze anos, mil e quinhentas léguas longe desta terra. Não sei o que a minha memória tem sido em Portugal!... Talvez já nem exista o meu nome no catálogo dos grandes perversos... Lembras-te, Sebastião de Melo, de teres sido levado por mim a casa de uma senhora que vivia à Conceição Velha?

– Lembro... D. Anacleta dos Remédios era o seu nome.

– Justamente. Sabes alguma cousa dessa mulher?

– Sei... mas não me interrompas as notícias que vou dar-te. Amou um homem que se chamava Azarias. Este homem, abandonado por seu pai, que ele envergonhara e arruinara com as suas dissoluções, procurou esta mulher, cuja paixão escarnecera com os seus amigos, e vendeu-se-lhe por umas sopas, e uma casaca, e um cavalo que ela lhe deu. Azarias tramava a perdição de uma pobre menina e não poderia captá-la sem as sopas, a casaca e o cavalo que Anacleta lhe dava.

»A bacalhoeira teve a ingenuidade de mostrar ao seu amante um tesouro. Azarias concebeu um plano arrojado. Roubou-a, e roubou a seu pai a mulher que devia dias depois enterrar nas areias de Tânger. Essa aventura debes tu sabê-la melhor que eu... mas a da Anacleta sei-a eu melhor que tu.

»A bacalhoeira ficou pobre. Os credores sequestraram-lhe tudo. Recolheu-se a uma casa pobre e achou-se entre quatro paredes com suas filhas e a fome e a nudez por companheiras...

»Anacleta voltou de um espelho para a janela e chamou o primeiro que passou. Poucos dias depois era meretriz de fama. Mas o prestígio declinou e as necessidades tinham aumentado com a vantajosa mercancia a que se dera.

»A filha de Anacleta... olha se te recordas... era uma linda menina quando a conhecemos. Um duque apaixonou-se por ela e reputou a sua paixão em cem moedas. Propôs a veniaga à mãe; venceu as pequenas hesitações da consciência e contratou definitivamente. Anacleta expôs as razões do duque e as suas; mas não convenceu a filha. O duque, mais atleta que orador, lembrou-se da violência; a mãe apoiou o expediente, porque receava a fome, e Azarias não lhe mandava um ceitil dos seus cem mil cruzados. Maria Amália... creio que se chamava assim... no momento de ser violentada, suicidou-se.

»A mãe desapareceu, e julgaram-na morta. Amaldiçoaram-na todas as filhas e todas as mães, porque a reputaram a matadora da pobre menina. Foi preciso que o remorso atormentasse o duque, no fim da vida, para confessar o suicídio de Maria Amália, que os anjos receberam na sua queda. A maldição sobre a memória de Anacleta re viveu, com indignação mais rancorosa.

»A amante de Azarias não se matara. Muito longe de Lisboa abraçou um martírio de dez anos. A sua cama era uma pedra, o seu lençol o gelo da noite, a sua casa o alpendre de uma ermida. O seu sustento era um bocadinho de pão e uma tigela de água em cada dia. Ao cabo de dez anos, esta mulher perdoou a Azarias Pereira, para que as suas vítimas lhe perdoassem; e, como a última fibra do sofrimento estava partida, Anacleta morreu. Jaz debaixo de uma pedra, sobre a qual ajoelham os povos, que a reputam santa... Não tenho mais que dizer-te a respeito dessa senhora.

– É bastante. Repara em mim, Sebastião de Melo! Ovi-te sem uma lágrima. Este homem está morto. De certas amarguras em diante, acaba-se a sensibilidade. Venho aqui como um autómato, impelido por uma força que me tem reduzido à condição de um ente irracional. Vim ao faro do sangue, como o tigre. Não tenho alma, nem razão, nem consciência. Sou uma máquina. Há vinte e oito anos que sou castigado... por quem? Algum tempo pensei que Deus me punia: de certos flagelos em diante, acreditei na existência do Lúcifer da fábula cristã, porque me julguei entregue aos caprichos de um demónio. Deus – o Deus de meus avós – foi vingativo com Caim, experimentou o sofrimento humano em Job, mas perdoou a David. Os últimos clarões da minha razão mostraram-me que a fortuna e a desgraça são eventualidades que não têm sanção no Céu nem no Inferno. Todas as religiões são mentirosas, todas as misérias vêm do acaso, e não há juiz que abençoe ou condene, fora do homem. Tirai-lhe a consciência, e o

homem dará um abraço nas feras e irá com elas devorar o animal seu semelhante. Consciência é que eu não tenho. Aniquilou-me o sofrimento... Já te disse, venho a Portugal maquinalmente. Ao cabo de vinte anos de fome e de penúrias, e de abjecções que me envileceram aos meus próprios olhos, morreu um homem que me deixou seu herdeiro, se eu existisse. Esta notícia encontrou-me no fundo da Tartária. Vim à Holanda... recebi essa herança com que podia comprar felicidades, mas eu não tenho já ambição nenhuma, desejo nenhum, esperança nenhuma a realizar no mundo, nem fora do mundo. Quis restituir um roubo a essa mulher, que eu fiz cair comigo ao meu abismo. Acho-a morta!... Não supunha encontrá-la tão feliz... Mas duas filhas, que Anacleta tinha em um colégio, já não vivem?

– Vivem...

– Pois bem... que recebam elas a restituição... Não tenho mais deveres a cumprir. Roubei-a... Esse ouro bem sabes que o vi desaparecer entre duas vagas encontradas, enquanto eu sustentava nos braços um anjo, que me fizera um demónio, aquele cadáver lívido sobre que viste caírem as lágrimas de um grande perverso... Amanhã, como primeira e última súplica de Azarias, receberás esse dinheiro, e não te proíbo de declarar às filhas de Anacleta que o ladrão veio a Portugal, no fim de vinte e três anos, restituir o preço com que comprou a sua perpétua infâmia. Que não agradeçam esse dinheiro a Deus, nem à virtude... Foi o acaso que trouxe aqui a máquina... Se um outro acaso amanhã me colocar na precisão de roubar as filhas de Anacleta, roubá-las-ei.

– Azarias... – disse serenamente o sacerdote –, quem te perverteu assim?

– A desgraça.

– Quantas vítimas fizeste em um momento? A mulher que levaste contigo. O pai dessa mulher, que morreu doudo. Anacleta, que passou da prostituição ao martírio. Uma filha de Anacleta que se suicidou. Outra que se entregou, como amante, a um homem que outros homens arcabuzaram. Abriste e fechaste quatro túmulos e puseste à beira do quinto uma desgraçada que espera, antes que o teu pé a despenhe, encontrar uma filha que lhe arrancaram, porque essa criança poderia no futuro dar-lhe um bocado de pão da herança de seu pai. Azarias!, esta obra é tua! Na primeira luz do quadro, os traços mais distintos são os teus. O teu braço era poderoso, que pôde tanto! E a justiça de Deus, que não confiara ao teu braço a missão de aniquilar, quebrou-o. Tens sido tu só a expiar o tormento de tantas reses que imolaste à sensualidade. Não podes neste drama negro encontrar a luz de um pensamento nobre. Empregaste a torpeza para satisfazer torpes vocações. Que querias tu? Sofrer algumas contrariedades e ressurgir do abatimento de alguns dias com a paz no coração e os braços do mundo abertos para te acolherem? Que tens tu sofrido que expie as torturas de um pai que se vê privado da sua filha única, da sua companheira de velhice, da esperança toda de um coração quebrado de amarguras... um pai, Azarias!... tu sabes o que é um pai, que conta os suspiros de sua filha, desde o berço até aos dezassete anos, para chamá-la uma vez, e ter em resposta: «A tua filha roubaram-ta!»? Sabes o que é a fome, que faz descer uma mulher de uma elevada posição ao estrado asqueroso onde a obscenidade é uma condição, para não morrer de indigência? Compreendes o quinhão de infâmia que tens na violência imposta a sua filha por Anacleta? Aos olhos de Deus serias tu um homem punido, e regenerado, quando a mulher que te amava e te daria esse tesouro, se lho pedisses, acordava sobre a pedra, e não podia levantar os braços hirtos para agradecer à misericórdia divina mais um dia de martírio e arrependimento? Revoltas-te contra a Providência, tu, que vês passar sem uma lágrima, a fileira de espectros, que te fariam cair a face no chão, se não dominasse em ti o mais revoltante de todos os orgulhos... o orgulho no crime! *A fortuna ou a desgraça são o acaso*, disseste tu, homem fraco! A consciência do justo, do bom filho, do bom irmão, do bom marido e da boa mãe porque não é perturbada com as

paixões abrasadoras que queimaram em tua alma o instinto da virtude? Eu, que tenho um crime, porque não sou casualmente feliz? Anacleta, que assassinara o pai de suas filhas, para enriquecer Maria Amália, porque se viu roubada nesse tesouro caro de infâmias, e porque viu a sua filha com a cabeça partida sobre uma pedra? Olha as expiações como se encadearam!...

– Espera!... Eu fui portanto o instrumento da vingança de Deus... Não tenho a responsabilidade dos meus crimes...

– Também o carrasco é obrigado pela lei a apertar o laço no pescoço dos padecentes... O carrasco não é responsável; mas os crimes que o trouxeram à posição que ocupa entre os seus semelhantes? Quem é responsável por eles? Quantas paixões ignóbeis te perverteram até ao momento em que roubaste Anacleta? Quantos desgostos deste a teu velho pai, que obrigaste a fugir à desonra e à pobreza que lhe preparavas em Portugal? Quantas imoralidades tuas deram brado em Lisboa antes que a última coroasse a tua abjecta reputação?... Vês! Não foi o acaso que te escolheu para punires Anacleta. A sociedade entra na enxovia e oferece o patíbulo ou o cutelo de algóz a um dos condenados. O condenado opta pelo cutelo, porque a infâmia o fez covarde, diante do patíbulo. A Providência também escolhe os seus flagelos nas fezes sociais. Não verás nunca o homem honrado servindo de açoute ao criminoso. Os tigres despedaçam-se uns aos outros... Azarias!, se a tua alma é de ferro, vai-te em paz! Deus te dê a consciência, que eu não sei as palavras com que se arranca a primeira lágrima de contrição ao criminoso que, no fim de vinte anos, inventou o *acaso* para rebater os assaltos do remorso...

Azarias levantou-se, abraçou padre Dinis e balbuciou na despedida palavras quase ininteligíveis. O padre viu, com pasmo, a improvisa resolução do judeu; mas nem ligeiramente lhe estorvou a saída.

.....
No dia seguinte, oitenta mil cruzados eram entregues pelo Sr. Salema a padre Dinis.

– Posso saber onde encontrarei a pessoa que me envia este dinheiro?

– Não sei – respondeu o capitalista. – Azarias retirou-se a noite passada de Lisboa. Não sei que direcção levou.

– Faça-me um obséquio, e servirá o seu amigo... creio que Azarias é seu amigo?

– Não o conheço. Apresentou-me uma letra de duzentos contos, sacada em Londres.

– Pois, senhor, tenha a bondade de dividir esta quantia em duas quantias iguais. Uma deve ser entregue a D. Antónia de Mascarenhas, secular no mosteiro de Odivelas; a outra, a D. Emília de Mascarenhas, moradora na Praça da Alegria, n.º22.

– E os recibos a quem devo apresentá-los?

– A Azarias Pereira. É natural que de qualquer parte V. S.^a receba ordens, visto que deixou em seu poder...

– O que vai de oitenta mil cruzados para duzentos contos...

– Sr. Salema... V. S.^a goza de uma boa opinião, e ninguém terá dúvida em lhe pedir um favor.

– Posso servi-lo em alguma cousa?

– Às senhoras que vai embolsar desses oitenta mil cruzados não pronuncie o meu nome. Não há necessidade alguma da minha intervenção neste negócio.

– Fique sossegado, que serão satisfeitos os seus desejos. Não vejo nisso o menor favor... Diga-me, Sr. Padre Dinis, tem encontrado o nosso amigo Alberto de

Magalhães?...

– Algumas vezes, raras. Sabe que ele seja meu amigo?

– Falou-me de V. S^a com bastante entusiasmo, o que é raro no carácter dele...

Sabe que está apaixonado?

– Não sabia...

– Pois se eu me não engano, será a primeira vez na sua vida. O homem deu-lhe no goto uma rapariga que foi cousa muito íntima do conde de Santa Bárbara...

– Uma tal Eugénia?

– Justamente. O caso é que o rapaz... ele já não é rapaz; não pode ter menos de trinta e oito a quarenta anos, a verdade é que está apaixonado, que vive só para ela, e que pouco se lhe dá do complicado comércio a que deve a grossa fortuna que possui.

– É muito rico esse cavalheiro?

– Riquíssimo. Pode dispor de doze milhões de um momento para o outro.

– E muito em Portugal... Pois, senhor, eu desejo ao meu amigo todas as venturas que a sua paixão lhe pode proporcionar...

– Dispõe de alguma cousa do meu préstimo, Sr. Padre Dinis?

– Queira honrar-me no seu serviço, Sr. Salema.

VII

O Sr. Salema fez guiar a carruagem para a Praça da Alegria, nº22, D. Emília, como sempre, veio à janela, chamada pelo ruído da carruagem, e recuou de espanto quando a viu parar à sua porta. Seu marido mal teve tempo de despir um velho casacão de briche e envergar uma casaca preta, que podia, sem favor, pleitear antiguidades com o casacão, seu irmão mais novo.

Salema batia pela terceira vez na porta da saleta única do mestre de solfa quando deu de face com a personagem inesperada do Sr. Joaquim dos Reis.

– Procuo a Sr^a D. Emília Mascarenhas.

– É minha mulher; e eu sou seu marido.

– Agradeço a explicação; mas não é com o senhor que eu me devo haver.

– Pois ela ali está... Emília, este senhor procura-te.

– Não tenho a honra de o conhecer – disse timidamente Emília.

– Eu também não a conheço, minha senhora; mas, segundo informações que me deram, a pessoa com quem falo é a Sr^a D. Emília Mascarenhas.

– Uma criada de V. S^a Eu não sei com quem falo, e peço perdão se tenho sido incivil por ignorar o tratamento que devo dar-lhe...

– Ora, minha senhora, deixemo-nos da bagatelas. Procurei-a para lhe entregar quarenta mil cruzados...

– A minha mulher? – balbuciou o mestre de música, apanhando os óculos, que lhe resvalavam ao pendor do nariz.

– A mim! – exclamou ela, apontando-se com o dedo e procurando de um relance uma lembrança que lhe justificasse a verosimilhança de tal surpresa.

– Justamente; salvo se a senhora não é Emília Mascarenhas. Eu vou já sabê-lo por uma pergunta...

– Eu sou Emília do Loreto Mascarenhas... mas poderá haver outro nome assim...

– Deixa falar este senhor, Emília – disse o Sr. Joaquim dos Reis, pondo o lenço vermelho em postura de receptáculo à destilação do tabaco, que, no justo êxtase de tal surpresa, lhe caía nos bofes da camisa em grossas pingas.

– A senhora conhece Azarias Pereira?

– Eu que te disse, Emília? – atalhou o inquieto consorte, violentando o nariz repleto a sorver uma pitada com solene estampido.

– Conheci, sim, meu senhor... – respondeu titubeando de vergonha a filha de Anacleto.

– Conheceu, ou não? Parece-me que a vejo embaraçada na resposta.

– Conheceu perfeitamente... Isto são mulheres – ocorreu o providente marido. – Envergonham-se de dizer certas cousas... Mas enfim, não há remédio senão dizê-las... isto é uma velha história comprida; mas lá vai...

– Este senhor – disse Emília, corando – não te pediu ainda que lhe contasses alguma história.

– Não pedi, nem quero. O caso é muito simples. Azarias Pereira manda entregar à Sr^a D. Emília Mascarenhas quarenta mil cruzados. Tem alguma razão de supor que este dinheiro lhe deve ser entregue, minha senhora?

– Tem, tem... – disse com veemente entusiasmo o Sr. Joaquim dos Reis.

– Tenho... – confirmou Emília, vendo que Salema esperava uma resposta.

– Pois bem. Queira passar o recibo... Eu chamo-me José de Campos Salema.

Enquanto Emília escrevia, o milionário chamava da janela o criado da tábua, que entrava com uma saca de dinheiro em ouro, à qual o negociante juntou um maço de

notas do banco e letras sobre o erário. Passado o dinheiro sob as vistas titubeantes do pianista em disponibilidade, Salema retirou-se com o recibo, entrou na carruagem e mandou tocar para Odivelas.

Emília entrou no seu quarto e acendeu a lâmpada a Nossa Senhora da Rocha, diante da qual rezou quantas devoções sabia. Seu marido, menos susceptível de fervores religiosos, olhava estupidamente para aquele dinheiro e receava um ataque apoplético, receio que nunca o inquietara nas horas mais calorosas das suas perdas criações de harpejos.

Sigamos Salema a Odivelas. Antónia de Mascarenhas era pela primeira vez ai procurada por um homem estranho. Esta visita coincidia com o momento em que a irmã adoptiva de Sebastião de Melo contava as desventuras de sua mãe e as suas à condessa de Santa Bárbara. Com os olhos mal enxutos das lágrimas e o coração arquejando, Antónia pediu à sua amiga que a acompanhasse.

A condessa entrou com ela na grade.

– Qual das senhoras é D. Antónia Mascarenhas?

– Sou eu, senhor.

– Venho encarregado de entregar-lhe quarenta mil cruzados...

– Enviados por quem?

– Por Azarias Pereira.

– Esse infeliz ainda vive?

– Vive, sim, minha senhora. Nego, porém, que seja infeliz. Quem saca sobre a minha casa duzentos contos de reis... será tudo, menos infeliz.

– Deus permita que a sua felicidade lhe não venha só do ouro...

– Pois, minha senhora, queira passar-me um recibo e receber a quantia...

– Não recebo, senhor.

– Não recebe? Essa é boa! Venho de entregar uma igual quantia à Sr^a D. Emília Mascarenhas, que naturalmente...

– É minha irmã... Esse dinheiro não me pertence... Se V. S^a está encarregado de fazer uma restituição em nome de Azarias, queira dirigir-se ao marquês do Vale, a quem essa quantia pertence...

– Eu não me dirijo a mais alguém. Quem quiser que me procure em minha casa. Já cumpri, a pedido de alguém, obrigações que não tinha e compromissos estranhos às ordens que me foram dadas. O que posso, minha senhora, é deixar-lhe aqui o meu nome, a minha residênciã e a certeza de que este dinheiro será entregue à ordem de D. Antónia Mascarenhas, seja a quem for.

– V. S^a pode fazer-me um obséquo... Decerto o não negará a uma mulher que lho pede com ansiedade.

– Queira mandar-me, minha senhora.

– Na Travessa da Junqueira, n^o 44, mora um sujeito chamado padre Dinis Ramalho e Sousa. Tenha V. S^a a generosidade de procurá-lo e dizer-lhe que, de minha ordem, faça entregar essa quantia ao marquês do Vale. Sei que ele cumprirá. Mereço-lhe este sacrifício?

– Cumprirei, sem a mais leve repugnância.

Salema saíra, quando a condessa, como transportada de respeito e admiração, abraçou Antónia.

– Ah!, que é um anjo, minha querida amiga.

– Em quê, Sr^a Condessa? Eu que fiz que não fosse um dever? Aquele dinheiro era de meu pai; mas meu pai era um eclesiástico...

– Que importa? Não foi perfilhada, D. Antónia?

– Fui; mas meu pai, nas agonias da morte, quando conhecesse que fora

envenenado pela mãe de suas filhas, amaldiçoaria aquela desgraçada mulher e a raça que bebeu o leite daquele seio. Não posso... não podia ver um dinheiro que fez de minha pobre mãe um verdugo... Perdoa-me, infeliz mártir!... Se estás na presença de Deus, condói-te da tua filha, que, talvez neste momento, recebeu de ti a inspiração para rejeitar aquele dinheiro, que tem o segredo de cinco cadáveres...

Antónia escondera o rosto no seio da condessa e humedecera-lhe com lágrimas as mãos.

Retiraram-se da grade, entraram na cela, onde, como duas flores de virtude, se respiravam mutuamente os aromas que brevemente deviam subir à presença de Deus, que as confiara às vigílias de um anjo.

VIII

O Sr. Salema tinha sobejas razões para afirmar a paixão de Alberto de Magalhães pela valida do defunto conde de Santa Bárbara. Dias antes àquele em que vimos o proprietário dos nove navios cumprir as ordens do israelita Azarias Pereira, procurava ele Alberto para negócios muito urgentes, que só com o chefe de uma vasta rede de corsários podiam ser tratados.

Salema exigia que Alberto de Magalhães, a título de uma viagem a Constantinopla, saísse de Lisboa, para reconciliar com a sua presença desinteligências perigosas de alguns comandantes de navios, por causa de uma presa que um tal Lima fizera nas costas da China, a qual, e contra os compromissos sagrados da seita, sonegara ao inventário.

Salema sabia que o tal Lima se refugiara em Gibraltar e procurara desquitar-se das obrigações de pirata subalterno, entrando em Portugal como um honesto brasileiro que se retira do comércio e vem saudar na pátria o formoso clima da sua infância.

Era, portanto, forçoso punir um refractário; e o capitalista, alma destas complicadas operações, desde muito delegara em Alberto a supremacia, o império absoluto do mar sobre dez navios com mil e oitocentos homens, entre os quais Alberto era conhecido por *Barba Rouxa*.

Salema alegara ao seu tenente-rei as razões urgentes da sua partida. Alberto ouvira-o com enfado e respondera-lhe que deixasse o Lima em paz, que lhe não pusesse estorvos à sua entrada em Portugal, que todo o homem tinha direito a vir dissipar em terra as penosas economias do mar, que o Lima, com vinte anos de serviço, apenas poderia recolher com oitocentos contos, e não havia de que pedir-lhe saldos.

Salema conveio na imperiosa decisão do inflexível *Barba Rouxa* e entendeu que o coração daquele homem perdera a consistência do ferro. A humanidade de tais sentimentos não era natural ao seu carácter. O milionário conhecera-o resfolegando sangue pelos olhos quando, no alto mar, o faro da presa lhe vinha exasperar a sede do ouro. Quem poderia transfigurar-lhe o génio? Neste mundo há só dois milagres que podem de um abismo de perdição levantar um homem morto para os sentimentos nobres e insuflar-lhe a vida de um anjo: é a religião e a mulher. Os sentimentos religiosos de *Barba Rouxa* eram, pouco mais ou menos, os de *Come-Facas*. Alberto de Magalhães, na sociedade, tinha um ateísmo ilustrado; no mar, em face das tempestades, confessava Deus na sua consciência; e, como não podia conciliar a pequenez do homem com a majestade da tormenta, concluía que o verme não era responsável pelas suas misérias. Alada assim, quando uma vaga lhe mostrava as fauces verde-negras, *Barba Rouxa* não consentia que a maruja blasfemasse.

Não fora, portanto, a piedade que efeminara o coração e enfraquecera o braço do corsário. Tinha muita razão o credor da dívida insolúvel da marquesa de Penacova. Andava ali influência mágica de mulher. Nesta convicção, Salema farejou a lura onde a lebre esperava o macho – como ele grotescamente dizia – e deu com Eugénia nos subúrbios de Sintra em uma carruagem, com Alberto de Magalhães, que lhe pousava languidamente sobre o ombro nu a cabeça, que, tantas vezes, desgrenhada pelas rajadas, no mar parecia desafiar a cólera dos elementos e marcar com os olhos o mastro em que o raio, resvalando, devia abismar-se a seus pés.

Eugénia era senhora do coração de Alberto. Contra todas as leis do hábito, contra todas as precedências do opulento viajante, que deixará nas capitais da Europa a reputação de fácil conquistador, e mais fácil desprezador de invejadas conquistas, Eugénia, sem querer encarecer-se por artifícios, em cada novo dia, aos olhos do seu

amante fascinado, irradiava uma nova sedução, uma beleza moral, espontânea e inesperada.

Sem ser aconselhada pela arte, a forçada rival de D. Ângela de Lima sabia tudo o que o instinto lhe ensina e que a educação mais acurada não supre em muitas mulheres de grosseira inflexibilidade.

A fidalguia das maneiras sem requebros estudados defronte de um espelho, sem quebrantamentos de pescoço e cintura, que muitas vezes confundem a mulher mais elevada com os jeitos da mais envilecida, em Eugénia era tudo a tempo, ocorriam as posturas e as palavras com encantadora naturalidade, compunham-se-lhe as formas tão ao próprio com as evoluções do espírito, que seria preciso ambicionar o impossível para desejar algum novo dom naquela mulher.

E depois veio-lhe de súbito o que era para desejar-lhe algumas vezes: a melancolia. No princípio, Eugénia, fora das recordações pesarasas da sua escravidão, como ela lhe chamara, era galhofeira, finamente mordaz e demasiado faladora, mas nunca desengraçada. Ora isto não se ajustava tal qual com o carácter sombrio de Alberto. Mas, a seu pesar, era tal o melindre com que a tratava que nunca ele ousou dizer-lhe o que lhe faltava para ser perfeita.

Não foi preciso. A natureza completou o trabalho daquela bela organização. Logo que o espírito se afeiçoou ao manjar que Alberto lhe aconselhara e que a leitura lhe engrandeceu o mundo da inteligência, que apenas adivinhara pelo instinto, Eugénia era perfeita, entristecia-se sem azedume, cismava com os lindos olhos pasmados nos lábios do amante, como se não quisesse deixar nos lábios a pronúncia completa de uma ordem antes de ser pelos olhos adivinhada e obedecida.

– Princípio a sentir a verdadeira felicidade, Eugénia – disse Alberto, sentado em uma pedra musgosa dos Pisões, em Sintra, enquanto ela fazia um ramo de flores agrestes.

– És feliz, Alberto? Por me veres tão alegre, não é?

– A minha generosidade não iria tão longe!... Sou feliz porque sou feliz... A ventura alheia... que importa ao egoísmo do homem? Bem pudera a tua alegria entristecer-me, por eu não poder senti-la contigo!... Sou feliz... devo-te tudo, Eugénia. Hoje é que eu principio a recear alguma grande tempestade nesta minha vida, que tanto amo, que tão outra do que foi me amanheceu há poucos dias...

– Pois que pressentes, meu filho?! Não olhes assim para mim, que me fazes mal!... Meu Deus!, tu tens lágrimas, Alberto! Que é? Esta solidão, não é boa para ti... Arrependo-me de ter lembrado a nossa vinda para o campo... Vamos para Lisboa, amanhã, queres?

– Não. Tu não sabes o sabor destas lágrimas... Quando se é triste assim, é abençoada a tristeza... O amor faz isto, Eugénia!... Faz de conta que estas duas lágrimas são entre nós uma aliança eterna... Juntos toda a vida, Eugénia! Quando Portugal nos der um momento de mortificação, fugiremos daqui. O Céu é belo em toda a parte do globo, quando a alma não está solitária... Senti desesperações dolorosas no Oriente, no Meio-Dia, no tumulto de Londres e nas ruínas desertas de Cartago... em toda a parte a proscricção, o desalento e a morte. Faltavas-me, Eugénia!... e nem sequer o coração me vaticinava a esperança de encontrar-te. Agora, sim... iremos de paragem em paragem... até descansarmos ambos em uma, onde digamos: «Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... Aqui descansa-se no seio da morte.»

– Tão triste, Alberto!... E vês tu... gozo tanto ouvindo-te falar assim!... É porque todos esses pensamentos são meus... adivinhaste-mos... Eu também desejo abrir uma manhã os olhos para ver um mundo que nunca me visse... Pois sim, meu anjo!... quando receares um desgosto em Portugal, vai, mas não me deixes, que, sem mim, não serás

feliz em parte alguma. Não te rias desta minha vaidade, não? Não deveres... Eu sinto isto, porque penso que se não pode amar tanto e amar duas vezes assim... Se o amor é hoje a tua felicidade, como esquecerás tu a pobre mulher que te fez sentir alguma coisa do bem que lhe fizeste?

– Que te fiz, Eugénia!... Quase nada!...

– Olha, Alberto!... vês estas flores?... São agrestes; nasceram ali, sem que ninguém as cultivasse, naquele silvado. Eu era assim quando me colheste entre espinhos. É no que eu pensava quando fazia este raminho. Toma-o... Olha, tu decerto não lhe darias mais valor se estas flores viessem de um jardim, cultivadas com grande esmero para ti... pois não?... Responde... não penses...

– Não, decerto, Eugénia...

– Pois eu estou sendo para ti o que são essas flores... Elas e eu devemos-te uma estimacão que ninguém nos daria... O pior é murcharem as flores... e eu não queria a sorte delas... Que triste desenlace teve a minha comparacão!

Neste momento, da estrada de Lisboa chegava o mordomo de Alberto, com um maço de papéis que apresentou a seu amo. Este abriu, leu e a meia voz disse ao criado:

– Entregue-os ao prior... diga-lhe que não falta nada; passado um quarto de hora, estarei lá.

– O cavalo vinha tão suado!... – disse Eugénia, referindo-se ao do mordomo.

– Era necessário vir de Lisboa com presteza...

– Mas não é nada que te inquiete, Alberto, pois não?

– Causa nenhuma, filha. A nossa vida é tranquila como o murmúrio daquela fonte... Todas as novas são sempre bem-vindas... Pressagias alguma coisa triste?

– Eu, não... Não me vêes tão contente, capaz de saltar de ramo em ramo como aqueles passarinhos?! Seria ingrata a Deus e a ti se me não contentasse com a felicidade que tenho. Achas que o coração de uma mulher possa ambicionar mais?

– Pode...

– Pode!?... O que, Alberto?

– Tu, Eugénia... fala-me com a sinceridade com que falarias a Deus, tu não ambicionas mais nada?

– Muito... o impossível... queria a imortalidade, mas assim como hoje a vida nos corre... Do contrário, não; ao menor dissabor, à mais pequena nuvem neste nosso céu, quero a morte... Ora aqui tens a minha ambição, querido da minha alma!... Tudo o que não for isto... tudo o que forem cousas dos homens e da Terra... acho-as pequenas, para valerem a ambição de uma mulher como eu, que adora um homem como tu...

– Que cousas da Terra chamas tu pequenas?

– O que muitas mulheres... quase todas... reputarão a suprema felicidade, a grandeza da sua missão, a realidade magnífica do seu sonho... Não me perguntes mais nada, Alberto. Há cousas que se não devem perguntar a uma mulher na minha situação.

– Porquê?

– Teimas, mau?!

– Só esta e mais nenhuma. Qual é a tua situação, para que se te não devam fazer certas perguntas?

– Para quê?... Porque o coração responde a elas ingenuamente, mas o rosto não pode deixar de corar...

– Compreendi-te, minha filha... Agora mais pergunta nenhuma... Aqui tens tu a igreja paroquial de Sintra... O exterior é mesquinho... queres, vê-la por dentro?

– Pois sim; eu gosto muito do silêncio das igrejas... e agora ao pôr do Sol deve ser bonita a refracção da luz... Ela está aberta, penso eu...

– Está.

Entraram no templo e foram direitos à sacristia. Achavam-se ali dois clérigos, o prior e o cura, e o mordomo de Alberto de Magalhães. Eugénia ficara observando um painel da esquerda do altar-mor e ai se conservava enlevada no entusiasmo da arte, quando sentiu passos ao pé de si. Era Alberto e o prior paramentado de sobrepeliz e estola. Eugénia não ligou importância àquele grupo, que parecia esperá-la na última escada do altar.

– Eugénia – disse Alberto –, vem aqui ajoelhar comigo.

A fisionomia da esposada tinha alguma cousa de celeste. Por debaixo do véu transparecia-lhe o rubor do delírio, da alegria, da surpresa, de todas as paixões grandes reunidas, de todos os êxtases abrasados em uma expressão única, que devia matá-la ou endoudecê-la, se fosse duradoura.

Sem articular dois sons, Eugénia ajoelhou, e quando o ministro do sacramento lhe disse as palavras que ela devia repetir: «Recebo por meu legítimo marido Alberto de Magalhães», a trémula menina, vacilante sobre os joelhos, fez-se cor de cera e segurou-se ao braço de seu marido que acabava de jurar as últimas palavras do sacramento.

Ao erguerem-se, ambas as faces tinham lágrimas. As de Alberto seriam, e eram, filhas de uma paixão satisfeita, mas também eram, porventura, o egoísmo do homem que dava a uma mulher o gozo de ambições que ela nunca sonhara... As de Eugénia... que importa explicá-las ao homem?... O coração da mulher que as adivinhe... E a ela que Deus confiou o privilégio de idealizar as sensações que tocam imediatamente com a divindade por todas as fibras nobres do coração humano. Enquanto os anjos não falarem na voz do homem, serão as sibilas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas do génio, as que possam decifrar, em palavras, as comoções e as lágrimas de Eugénia.

IX

A recomendação de D. Antónia foi lealmente satisfeita. O marquês do Vaie, que acompanhava D. Miguel, recebeu a boa nova dos quarenta mil cruzados ao pé do Porto e pediu imediatamente licença para vir embolsar em Lisboa uma quantia que, alguns meses depois, lhe valeu muito na emigração. Há quem diga que o marquês, em um excesso de reconhecimento a seu defunto irmão D. Teotónio de Mascarenhas, lhe rezara por alma, de um só jacto, três padre-nossos.

Cumprindo o encargo, padre Dinis foi a Odivelas abençoar a nobre e virtuosa resolução da filha de Anacleto. Encontrou-a doente. As golfadas de sangue, com intermitências de febre, repetiam-se de modo que a pobre senhora mal podia vir à grade, encostada à sua querida confidente, a condessa de Santa Bárbara. A saúde desta não prometia mais vida. O que a outra não tinha tanto era a fortaleza de organização, porque Ângela de Lima, há mais de um ano, fora julgada héctica.

Padre Dinis encarava as duas senhoras como duas lâmpadas a bruxulearem os últimos lampejos. «Daqui a pouco», dizia-se ele, «a minha vida é completamente escura. Tudo que me rodeava vai desaparecendo. E Deus quer que eu veja de pé esta longa agonia das pessoas que me alimentavam o coração... Seja feita a vontade de Deus!»

Principiava o sacerdote falando na restituição quando bateram à porta interior da grade. Era uma criada da prelada, que pedia licença para sua ama falar ao Sr. Padre Dinis. A dona abadessa, entrando, não demorou a causa da sua vinda:

– Por lhe não dar incómodo, Sr. Padre Dinis, pedindo-lhe o favor de entrar na minha grade, vim, sabendo que estava aqui com as minhas amigas, e suas. O fim para que o procuro reverte em honra e glória de Deus. A fama das suas virtudes chegou à cabeceira de um meu sobrinho, que se acha gravemente doente. Minha tia, condessa de S. Gens, pede-me que rogue eu a V. S^a o obséquo de procurar meu sobrinho Álvaro Faria, primo direito do general Gervásio Faria, fuzilado em 1817...

A prelada não continuaria se reparasse na convulsão do padre, na palidez de Antónia e na perturbação de D. Ângela.

– Para satisfazer-lhe – continuou a abadessa – a grande devoção que ele tem de confessar-se com V. S^a.

– São obrigações de padre, minha senhora, que se não rogam, lembram-se-lhe. Irei, e muito breve, se é urgente a minha ida.

– Já, sendo possível. Eu sabia que V. S^a vinha aqui hoje, por mo ter dito a minha amiga condessa, e preveni-me mandando vir uma carruagem, que está à espera de V. S^a

– Irei já, minha senhora... Ao Lumiar é perto, e eu prefiro ir a pé; necessito deste movimento; e Deus permitirá que o enfermo não perigue com a minha demora de alguns minutos.

.....

Padre Dinis entrou no quarto, onde um enfermo rodeado de filhos, e irmãos, e parentes de todas as ramificações do venerando tronco, não ouve uma só palavra que o console nas aflitivas angústias que lhe precedem a morte, como um cortejo de larvas. O terror está pintado nas fisionomias que lhe contemplam, com impotente piedade, os tardios remorsos.

Álvaro Faria é um homem de cinquenta a cinquenta e cinco anos. Uma velhice extemporânea arregoou-lhe profundamente os tegumentos do rosto, que parecem

rasgados pela proeminência dos ossos. Como em um rosto de réprobo, esculpido em cera, vêm-se dois glóbulos que volteiam, e saltam, e rodam nos eixos em vertiginoso delírio. São os olhos, que buscam na vista de cada circunstante o segredo do seu remorso.

Quando se abriu a porta do quarto e apareceu o aspecto sereno do levita, os tocantes traços daquela formosa fisionomia de velho, os majestosos contornos do peralvilho de outras eras, esquecidos para muitas pessoas que ali se achavam, e um dia viram Sebastião de Melo... quando padre Dinis apareceu, dizíamos nós, retiraram-se todos.

– Tenho muita fé nas suas virtudes, senhor!... – disse o doente, estendendo ao padre a mão descarnada.

– Tenha muita confiança na sua contrição e na misericórdia divina.

– Desejo confessar-me.

– Ouvi-lo-ei.

– Antes de principiar a confissão, queira dizer-me se posso escolher a culpa que mais me pesa na consciência.

– Pode; e exponha a maior culpa com a mesma confiança da menor. Há crimes que é necessário uma grande violência no arrancá-los do coração para os expormos na presença de um estranho. Esses receios tem-nos o homem de pouca fé e contrição tibia. Nesta posição, considere-me superior ao barro do homem. Veja-me como um instrumento de perdão e esqueça-se de que eu posso ser um dos que não saldaram contas com a justiça de Deus.

O enfermo reanimou-se. O aspecto do ministro do Altíssimo era mais eloquente que as palavras. Álvaro Faria, cumpridas as fórmulas penitenciárias do sacramento, falou assim:

– Há quinze anos que foi fuzilado por crime de rebelião meu primo o general Gervásio Faria. Na véspera de ser justicado confirmou com um testamento a perfilhação de uma filha que tinha. Esta menina, no futuro, devia ser herdeira de seu pai, e eu procurei todos os meios de obstar a que ela crescesse com o conhecimento de ser filha de meu primo. Devorava-me uma ambição infernal! Eu era rico, mas com um crime ignorado podia ser riquíssimo. Espionei a existência desta criança e soube que ela vivia em poder da ama que a criara e que sua mãe desaparecera. Uma noite, com os meus criados, entrei na casa da ama e arrebatei a criança do berço. Era uma menina de três anos, linda como um anjo, e sorria-me de uma maneira que então me parecia uma súplica de piedade e hoje me parece um escárnio às minhas agonias. Aconselharam-me que a matasse...

– E matou-a?

– Não tive coragem. Mandei-a para uns caseiros que tenho no Algarve e deixei-a lá estar até aos doze anos. Quando a menina chegou a esta idade, soube, pelos caseiros, que ela queria procurar em Lisboa uma casa onde servisse. Disse aos caseiros que a deixassem fazer a sua vontade. Nesta ocasião apareceu no Algarve o mordomo de um fidalgo de Lisboa, viu a pequena, soube que ela queria servir uma casa como criada grave de uma senhora e trouxe-a consigo para casa de seu amo. Há poucos meses que essa menina existia... Devo restituir-lhe a herança de seu pai?

– Deve.

– Mas, senhor, os meus filhos ficam arruinados.

– Que mendiguem. Tem filhas, senhor?

– Uma.

– Deus não permitirá que ela encontre um amo que a force à desonra, como Eugénia.

- Eugénia!... esse nome é o da...
- Amante do defunto conde de Santa Bárbara.
- Então o senhor conhece-a?
- Conheço... nada perde com isso...
- E é indispensável a restituição?
- Se ela não a dispensar.
- Isso é impossível!... Os meus filhos não podem ficar pobres!
- V. Ex^a não me disse que era rico antes de roubar essa menina e a herança de seu pai? Se lha restituir, rico fica.

– Não é assim! Tudo que me veio dessa herança... perdeu-se! Era um palácio em Campolide; devoraram-no as chamas, e não ficou pedra sobre pedra. Eram cem contos de réis em mãos de um tal Moisés, judeu, que faliu em Amsterdão, e os credores perderam tudo. Aqui tem, senhor, essa herança não a possuo; se a restituo do que é meu, meus filhos pedirão uma esmola.

- Imitarão o filho de Deus, que a pediu e não lha deram.
- É impossível! A religião não põe assim o punhal ao peito de um moribundo!...

Os trejeitos do enfermo eram horríveis. Fechava os punhos e nitria com os dentes, por entre os quais a língua respingava sangue. O padre, na presença daquele espectáculo, cruzou os braços e desviou os olhos, elevando-os para a imagem de Cristo. Quebrado o acesso, Álvaro caiu em profundo sono, pouco diverso de outro sono de que se amanhece na presença de Deus. O sacerdote esperou.

Acordado em convulsões, o penitente, irreconciliável com as condições um pouco sérias da restituição, ainda viu o padre, que o encarava com a mesma austeridade.

– Cuidei que se tinha retirado, Sr. Padre!... Enquanto à restituição, tenho de consultar algumas pessoas religiosas, que decerto não hão-de querer que os meus filhos mendiguem, para que a filha bastarda de meu primo sala da vil condição de criada de servir para herdar os bens de meus avós!... Ah!... agora me lembro... os meus bens são vínculos... não podem ser alienados fora da família...

– Isso é uma legislação absurda, Sr. Álvaro. Os seus bens são vínculos; mas o rendimento dos seus bens é alienável até à última geração. O direito civil não absolve o roubo.

- Isso há-de ainda discutir-se...

– Não se perca, senhor. A sua demanda vai decidir-se no tribunal de Deus; deixe a seus filhos litigarem a natureza dos seus bens... Vou dar-lhe uma esperança, não salutar para a alma, mas pode melhorá-lo no corpo, e o tempo fará o resto.

- Qual é?

– Essa menina, que V. Ex^a considera na vil condição de criada de servir, dispõe de doze milhões.

- O senhor está a zombar!

– Não acho oportuna a ocasião para zombarias. Essa senhora casou anteontem em Sintra com Alberto de Magalhães.

– Nesse caso, poderei salvar-me sem a restituição... que lhe parece, Sr. Padre?! Eu tenho muita fé na sua virtude!, poupe-me os meus filhos de pedirem esmola...

– O que posso fazer a V. Ex^a é pedir a essa senhora que lhe conceda a esmola de cento e tantos contos a seus filhos.

- A esmola? Isso é uma afronta ao meu nome.

– Nesse caso, pedirei a Eugénia que aproveite a ocasião de *receber a honra* de não falar a seus filhos nos cento e tantos contos... Sr. Álvaro, a ironia não fica bem ao meu carácter... Sou pequeno em virtude ao pé da obduração em que está sua alma. Antes de quarenta e oito horas, V. Ex^a terá de Eugénia de Magalhães uma renúncia dos bens que

poderiam pertencer-lhe de seu pai.

X

Alberto de Magalhães, encostado ao piano, com o contentamento de expansiva ternura nos olhos, escutava as maravilhas da arte que só o talento criador de Eugénia, em tão pouco tempo cultivado, podia adivinhar.

Toda fragrância e mimo, sensível a cada olhar, estremecendo de carinho a cada palavra meiga, a cada gesto apaixonado, a ditosa esposa quisera exprimir no som do piano o que não podia trazer do coração em palavras. Tanta felicidade embriagava-lhe o sentimento em delírios de a tornarem febril. Tinham decorrido quarenta horas, quarenta fugitivos instantes, depois que pronunciara a palavra «esposo». O sono não ousara tocar-lhe as pálpebras, sempre abertas para ver bem junto aos seus lábios o sono plácido, povoado de sorrisos, em que o seu anjo parecia saborear os frutos de uma feliz consciência.

Alberto viera encontrá-la ao piano, e ali ficara enlevado na mágica palidez de uma noite mal dormida, que tão suave colorido aumentava ao viço das rosas no rosto infantil de Eugénia. Assim se deleitavam os dois entes absolutamente venturosos quando foi anunciado padre Dinis Ramalho e Sousa.

Eugénia, como surpreendida, estremeceu e corou. Alberto, sem hesitar um instante, mandou entrar para aquela sala o seu antigo amigo Sabino Cabra, o cigano.

– Alberto... retiro-me?

– Não, filha... hoje queria eu que todo o mundo te visse...

Padre Dinis cortejara Eugénia quase sem a fixar. Com Alberto, abraçou-se, pela primeira vez.

– A que devo eu o prazer de o ver em minha casa?

– Venho felicitar-vos, Alberto de Magalhães, e repreender-vos. Ontem foi o vosso casamento, e nem sequer vos mereço, já não digo um convite de amigo velho, mas ao menos a apresentação da vossa esposa. Aproximai-vos de mim, menina, e não repareis no tratamento que vos dá o velho padre. Estes cabelos dão-me direitos de paternidade.

Eugénia aproximou-se com timidez.

– Não vos quero assim acanhada. Conversai comigo, falai-me de Sintra, dos amores de Bernardim Ribeiro com a ingrata Beatriz, que *menina e moça* foi levada de casa de seus pais; disse-me se o vosso coração não tem muita vida aqui debaixo deste céu, que o meu amigo Byron achou indigno desta raça de escravos... Pobre lorde, encontrei-o em Veneza procurando nos canais o cadáver de uma pobre rapariga que se matou por ele!... Era um generoso coração! Queimava o cadáver dos amigos, desenterrava do lodo o cadáver das amantes, fazia versos à filha e não lhe dava os sobejos das suas dissipações; vendia aos Ingleses os poemas em que os insultava; pintava comicamente o carácter da mulher na mãe do D. João... era uma excelente criatura, que nos dava a honra de nos chamar *bárbaros*... Estou-vos enfasiando, meus amigos... Tendes razão.

– Pelo amor de Deus, não diga tal – atalhou Eugénia. – Vê como as suas palavras me restituíram o desembaraço?... Agora já sou outra... parece que o conheço há muitos anos...

– Pois é assim que eu vos quero. Então, Alberto, já sabíeis quem era a pessoa que me mandastes a casa?

– Já... disse-mo Salema, que vos levou oitenta mil cruzados de uma restituição.

– Então não falemos disso mais... Sabei que tenho fome... Dai-me de almoçar, senão recolho-me ao conventinho dos pobres monges, que lá estão em cima nas suas celas de cortiça.

.....

Sentados à mesa, dizia Alberto:

– Não sabe, meu caro padre, o que minha mulher me dizia um dia?

– Não digas, Alberto...

– Porque não há-de ele dizer? Se dissesstes mal de mim, Eugénia, fostes injusta.

– Mal... nunca! – acudiu ela.

– Mal, não – tornou Alberto –, disse que lhe tinha medo, e certo medo que não é antipatia.

– Valha-me Deus!... As rugas da velhice assustam as crianças... Já agora, filha, é sorte de velho!

– E quando eu lhe disse que padre Dinis sabia tudo quanto se passava...

– Enganaste-a...

– Quanto se passava debaixo do céu, sorriu-se.

– E teve mais juízo que vós, Alberto... Dai-me um desses biscoutos torrados, Eugénia.

– E acrescentou que vos faria uma pergunta...

– Alberto!, és um chocalheiro – disse Eugénia, com o ressentimento do mimo.

– Uma pergunta?... Dizei lá, menina; mas primeiro dai-me uma colher de açúcar.

Os velhos são como as crianças: gostam do doce. Agora dizei lá a vossa pergunta.

– Não digo, Sr. Padre Dinis; eu estava a brincar com Alberto: estou quase zangada com ele...

– Isso é que eu não quero... Quereis aí chá, Alberto?

Se me faz o obséquio... Digo o que foi, Eugénia?

– Há-de ela dizê-lo – atalhou o padre.

– Pois então... será logo – disse Eugénia, tentando em vão esconder o sobressalto.

Findo o almoço, passaram a uma sala.

– Agora, Eugénia... A pergunta?

– Meu Deus!... Ela não é vergonhosa, mas eu temo passar por louca, querendo achar em V. S^a as qualidades de um adivinho.

– Dizei... riremos ambos, depois.

– Com essa condição... digo... Queria saber quem era meu pai e minha mãe.

– Sim? Amanhã vo-lo direi, minha boa menina.

Eugénia, convencida da seriedade da resposta, ficou branca, transida e imóvel. Alberto procurava na fisionomia do padre um sinal de brinquedo naquela resposta.

– Ficais perplexos? Tendes razão. Olhai, porém, que eu não sou feiticeiro, nem desencanto genealogias. Amanhã, Alberto, estareis vós e vossa senhora em minha casa, às duas horas. Jantareis comigo... Dai-me um abraço, filhos!... e adeus.

Padre Dinis saía.

Eugénia, abraçada a seu marido, dizia:

– Isto é um sonho, Alberto?

– Não, filha. O padre Dinis é um homem superior... eu não to disse?

.....

Ao mesmo tempo, as seculares condessa de Santa Bárbara e D. Antónia Mascarenhas recebiam licença do patriarca para estarem fora do mosteiro o prazo de tempo necessário para a restauração da sua saúde. Esta licença ia acompanhada de uma carta de padre Diais, que convidava as duas senhoras a aparecerem em sua casa, no dia

imediate, à uma hora da tarde.

Medeava, portanto, uma hora entre a vinda das senhoras e a dos noivos de Sintra.

Um quarto antes da uma hora chegou a carruagem de D. Ângela de Lima. As senhoras passaram, como familiares daquela casa, pela saleta de jantar, e viram cinco talheres e uma mesa, ricamente adornada de preciosas peças de ouro e prata. O luxo inesperado surpreendeu-as menos que o número de talheres.

Padre Dais entrava no momento em que as seculares se consultavam com os olhos e sorriu benignamente àquele pasmo em que as viu tão entretidas que nem se voltavam para cumprimentar o dono da casa.

– Foram pontuais, minhas amigas.

– Ah!... o Sr. Padre Dinis! – exclamou Ângela, correndo com Antónia a abraçá-lo.

– Acham demasiada opulência em casa de um padre? Têm razão; mas o padre, quando as circunstâncias o colocam a par das classes elevadas, é necessário sacrificar à decência a humildade... Isto são cousas que minha irmã nunca viu cá em casa... Nem a mim me lembravam já...

– Quantos somos a jantar? – disse Antónia.

– Os talheres são cinco! – acrescentou D. Ângela.

– É que são cinco os convivas – disse o padre, encaminhando-se para a livraria.

Nenhuma das senhoras cedeu à ansiedade de saber quem eram as duas pessoas estranhas. D. Ângela lembrou-se de seu filho... mas quem seria o outro? D. Antónia lembrou-se de sua irmã... de Manas... mas seria possível este encontro?

– Já sabem uma nova? – disse o padre. – Casou Alberto de Magalhães.

– Deveras?! – interrogaram ambas.

– Há dois dias, em Sintra.

– Com quem?

– Com uma menina pobre.

– Que virtuoso homem! – disse Ângela. – Naturalmente, era alguma menina de boa família...

– Descendente de duas famílias muito ilustres...

– Bastarda, não?

– Sim, minha querida Ângela... é bastarda.

– Ora vejam! Alberto parecia um homem insensível... Quem sabe se foi um casamento de capricho!

– Casamento de paixão – disse o padre, com a firmeza da convicção.

– Há muitos assim, que não acabam felizes como principiam... Mas tais serão as virtudes dessa menina... Namorou-se nos salões?... É muito natural.

– Namorou-a na rua... é extraordinário!

– Na rua?

– Na rua, Sr^a Condessa.

– Não entendo bem, ou o acontecimento é original...

– Não é original... Encontrou-a, ofereceu-lhe o seu coração, a menina aceitou-o, e por fim considerou-a tão elevada pelas virtudes que a fez sua esposa e reabilitou-a de desventuras passadas, que a sociedade intitula *desonra*.

– Pois ela...

– Tinha sido violentada a ser amante de um poderoso, que a tinha como serva.

– Mas não me disse que descendia de duas famílias ilustres essa menina?

– E confirmo o que disse... A infelicidade não anula o nascimento.

– Então foi abandonada por seus pais? – retorquiu Antónia.

– Ela é que lhe há-de contar a sua história, minha irmã.

– Pois ela é a que vem...

– Com o seu marido jantar connosco... Aí está uma carruagem... São eles. Entrem na sala de visitas... Minha irmã, restituo-vos a vossa supremacia... Espero que fareis a honra da casa. Vinde receber a esposa de Alberto de Magalhães.

Antónia desceu alguns degraus da escada, para dar a mão à bela menina, que subia com o padre, que lhe dera o braço.

– Temos cá a Sr^a D. Antónia Mascarenhas! – disse Alberto. – Como passa, minha senhora?

Entravam na sala, trocando-se os ditos comuns da civilidade, quando Eugénia deu de face com a condessa de Santa Bárbara. Eugénia apertou o braço do padre, como pedindo-lhe um apoio e uma razão daquele encontro. A condessa, esvaída e corada ao mesmo tempo, não respondia ao cortejo de Alberto, que também não compreendia a imprudência do sacerdote. D. Antónia não participava das comoções que se passavam nas fisionomias de todos, menos na do sacerdote, cuja impassibilidade estava sendo para Alberto uma suspeita de que aquele homem, ao cabo de trabalhosos sofrimentos, entrava na crise de uma demência. O facto inesperado, este absurdo encontro, não se explicava de outra maneira.

Padre Dinis, quando o silêncio daquela falsa posição começava, disse tranquilamente:

– A hora dada para o jantar é mais tarde. Sentemo-nos e conversemos. Sr^a Condessa, vou comunicar-lhe o resultado da missão nobre que ontem me foi confiada pela Sr^a D. Abadessa de Odivelas. Tratava-se de confessar um primo do general Gervásio Faria, fuzilado em 1817. Eu não vou revelar o sigilo da confissão. E por ordem do Céu que vou cumprir uma promessa feita ao moribundo... D. Antónia... coragem! Vejo-a desmaiar!... O seu coração deve estar endurecido na dor para afrouxar tão depressa debaixo de uma impressão que Deus lhe manda!... Então!... Bem!... Pode chorar, mas quero que me escute...

»Esse general tinha uma filha, que fez sua herdeira. Essa menina fora roubada dos braços da ama aos três anos de idade... Quem a roubou foi o meu penitente... Não a matou, porque a viu muito linda, e a coragem arrefeceu-lhe no coração pervertido pela ambição, porque, diz ele, nos lábios desta criança voava um sorriso que lhe parecia como uma súplica de piedade...

– Então a minha filha... vive!... – exclamou Antónia, correndo para o padre com as mãos erguidas.

– Já que viestes, minha irmã, sentai-vos aqui mais perto de mim... Ora ai tendes o que é uma precipitação!... Aqui estão Alberto, e sua esposa, sabendo que tivestes uma filha... Não repareis, senhores... Esta senhora tem chorado assim, muitas vezes, com a face sobre o meu coração... Deixai-a chorar, e depois continuaremos.

– Continue... eu sinto-me capaz de ouvir tudo... – balbuciou Antónia, escondendo no lenço o sangue que lhe vinha com os fluxos de uma tosse quase imperceptível. Eugénia, sem acção, sem vida nas feições, olhava aquela senhora e sentia em si os aturdimentos de um sonho, como nos instantes que se seguem ao despertar.

Padre Dinis continuou:

– A fortuna usurpada, por um misterioso processo da Divina Providência, desapareceu. O ladrão, à hora da morte, pressente a eternidade das penas; quer salvar-se; mas não quer restituir, porque, se restitui, seus filhos pedirão esmola. A salvação deste homem é possível sem restituição? Ele quer que seja; mas o ministro de Deus não o absolve. Contra ele há dois brados, que clamam vingança ao Céu: o de uma pobre mãe

privada de sua filha e o da filha privada de sua mãe e da sua herança e do seu pão. Para que o meu penitente se salve, sem deixar seus filhos a mendigarem, é necessário que a mãe da menina roubada lhe perdoe as tormentosas aflições de quinze anos!... Antónia!, perdoareis a este homem?

– Sim, sim; mas, se minha filha vive, que ma entregue.

– Bem... O moribundo já tem o vosso perdão; mas não basta isso... E necessário que a menina privada da herança, e de sua mãe, lhe perdoe a orfandade, a fome, os desastres que possam ter decorrido na sua existência de quinze anos de abandono e de miséria... Sem isso, a salvação do agonizante é impossível... Eugénia!... perdoais ao homem que vos privou de mãe e da fortuna? Vossa mãe já perdoou... agora vós!...

Não tentaremos o impossível. Esta cena não se descreve. Padre Dais está em pé, com o braço direito estendido na postura em que o tinha, apontando para Antónia, quando disse: «Vossa mãe já perdoou!» Antónia, quando compreende a significação daquelas palavras e olha para o padre espavorida como interrogando-o pela realidade daquele sonho, sente uma névoa baça toldar-lhe a vista e o alento que se lhe esvai em uns braços que já não vê. E Eugénia, que ajoelha com sua mãe nos braços, e a condessa, também ajoelhada, que ampara a cabeça da sua amiga, chegando o ouvido à quase exausta respiração dos lábios. O coração de Antónia bate debaixo da mão de Alberto, que dobrou um joelho e não tira os olhos dos de sua esposa, que parecem nublar-se. Padre Dinis, inferior a Deus e superior a todos os homens, olha aquele grupo com um santo sorriso, como o dos mártires glorificando a Deus. Alberto chama Eugénia, como receoso de a ver desfalecida.

– Não temas – disse ela –, esta força vem-me de Deus. Minha mãe não morrerá... pois não, Sr. Padre Dinis?

– Não, filha... Não vê que se lhe abrem os olhos? Quando estivesse morta, o amor de mãe ressuscitá-la-ia. Antónia! Não é um sonho... Eu adivinho as perguntas do vosso coração. Esta menina é vossa filha... Alberto é o seu esposo... Ângela é a vossa querida amiga... Vede, já o é também de vossa querida filha... Olhai como elas se abraçam e choram... Parece que estão, como duas inimigas contritas, pedindo-se perdão com as súplicas da alma... Eu, que vos tenho nos braços e no coração vos tenho tido há dezasseis anos, serei sempre o vosso irmão... Estais melhor? Penso que sim... Não tendes força para ir abraçar a vossa filha?... Olhai, é ela que vem beijar-vos a mão... Abençoi-a... Chora muito, que, na vossa situação, não há palavras... Mas não quero que o banquete seja de lágrimas. Deixemo-las, Alberto... Vinde ver a minha mesa. Direis que Lúculo convida Apício a jantar.

.....

O jantar esperava as senhoras, quando Ângela veio dizer que era impossível conduzir Antónia à mesa; que a sua amiga estava gravemente incomodada do peito e pedia licença para recolher-se à cama. Eugénia pedia licença para acompanhar sua mãe e a condessa de Santa Bárbara encarregava-se de as servir, levando-lhes uma gota de caldo e jantando com elas, para compartilhar da felicidade das suas amigas.

Padre Dinis e Alberto de Magalhães, como organizações feitas na provação dos abalos, não abandonaram completamente o apetitoso jantar que lhes era servido. Em fugitivos instantes deixaram a mesa, onde as palavras que trocaram foram muito poucas. Recolhidos em si, digeriam, por assim dizer, a impressão que receberam com coragem: mas o coração era de homens, e o homem não pode evitar os efeitos de tudo que é sublime, pelo belo, ou pelo horrível.

Passando ao quarto de Antónia, encontraram-na febricitante. A estas horas era

certo um cr scimo, desde que padre Dinis a visitara, na sua volta de Santarém. Eugénia velava sua mãe; Ângela de Lima juntava os desvelos de amiga aos desvelos da filha.

Padre Dinis chamou Alberto de Magalhães ao seu gabinete e escreveu o seguinte bilhete:

Eugénia de Magalhães renuncia   herança que tinha a receber de  lvaro Faria.

– Dizei a vossa mulher que assine esse bilhete... Levai-lhe essa pena.

.....

Terminava o prazo das quarenta e oito horas quando  lvaro Faria recebeu o perdão da filha do general, conduzido por um frade capuchinho encarregado de lhe ouvir a sua confissão.

Ainda viveu alguns meses. Foi necessário dizerem-lhe que o conde de Vila Flor estava defronte de Lisboa para morrer de espasmo... que de remorso... era impossível.

XI

Estamos em 28 de Agosto de 1833.

Alberto de Magalhães vive em Sintra com sua esposa, cada vez mais querida, e sua sogra, que pede com incessantes súplicas um ano mais de vida para conhecer, na sua carreira de quarenta e dois anos, um só de felicidade. Os carinhos de sua filha não a salvam. O Outono virá brevemente confundir no sussurro da folhagem que rola no chão o último gemido daquela mulher.

Na casa próxima à de Eugénia vive a condessa de Santa Bárbara, só, desconhecida à sua própria criada.

Na quinta fronteira, em uma pobre casa de lavoura, vive padre Dinis, que, no dia 24 de Julho, incapaz de sentir o entusiasmo dos liberais na praça do Rossio, foi interrogado sobre *quem vivia*. O sacerdote, sem empalidecer, perguntou a Deus e à sua consciência que peso teria a sua vida na balança dos partidos. O seu silêncio ia ser punido quando um homem de entre as multidões, armadas de lanças e chuços e espadas, o tomou pelo braço e o afastou do holocausto. Era Alberto, cujo laço azul e branco impunha respeito, e mais ainda o seu nome impresso no catálogo dos beneméritos credores da causa da liberdade, para a qual o suspeito espião de D. Pedro contribuiria com muitos contos de reis. Neste conflito, um homem de catadura sinistra abraçou Alberto, erguendo-o três vezes ao ar.

– Não me conhece, intrépido *Barba Rouxa*?

– Conheço...

– Viva a liberdade!

– Viva a liberdade!

– Somos todos iguais!

– Justamente, todos iguais!

– Viva o povo, povo de valentes, e de heróis!... Abaixo o despotismo!

– Abaixo o despotismo... – repetia sempre Alberto com um sorriso de escárnio.

– Uma nova época vai ser inaugurada! – continuava o orador.

– Diga-me... que fogueira é aquela? – perguntou friamente Alberto.

– São os móveis de Miguel Alcaide, que foi enviado ao Diabo esta manhã! O povo faz justiça por suas mãos! O povo é rei!

– Viva, portanto, o povo!

– E morram os frades!

– Eles morrerão...

– E também os padres!, os infames!, os hipócritas!, os jesuítas!, os inquisidores... morram os padres!

– Sois muito cruel, Sr. Lima! – atalhou mansamente padre Dinis.

– Quem lhe disse o meu nome? Eu não conheço este sotaina! Olha o Diabo, que aqui me aparece!

– Este sotaina – replicou o padre – é um homem que remiu em Inglaterra a sua vida, Sr. Lima, condenada a cárcere perpétuo por certas abordagens nas costas da América...

Lima, o pirata que o milionário Salema queria punido, encarou padre Dinis com respeito, curvou-lhe a cabeça e estendeu-lhe a mão. O padre repeliu-o e seguiu impassível o seu caminho. Alberto de Magalhães, preparado para evitar qualquer agressão do seu facinoroso colega do mar, seguiu o sacerdote.

E desde esse dia nunca mais voltaram a Lisboa.

A condessa, afeita ao amor de Antónia, seguiu-a, porque a sua amiga não podia

separar-se da filha. Padre Dinis convivia em ambas as casas, testemunhando uma felicidade, preparada por ele, como instrumento do Céu. Pedia a Deus que o não deixasse sobreviver às duas senhoras, que eram a sua família, a nutrição dos seus afectos, o amparo daquele coração, que não tinha, por morte delas, senão a saudade de um anjo e a esperança de encontrá-lo no Céu.

Deus tinha disposto.

Antónia, após quinze dias de cama, rodeada de médicos, conversou uma noite com padre Dinis até às três horas da madrugada. Recordou os lances todos da sua vida. Contou-lhe episódios da infância, a história minuciosa, sentimento por sentimento, da sua paixão pelo pai de Eugénia. Pediu-lhe que repetisse o martírio de sua mãe: as palavras que se trocaram e a descrição da capelinha em que ela morrerá.

O padre concebeu, um momento, esperanças de uma favorável crise na doença. Principiava a dar-lhe consolações, e citar exemplos de curas inesperadas, quando Antónia, sorrindo à ternura do seu benfeitor, murmurou:

– Meu amigo, meu pai... peça a Deus que me receba no seu bendito seio, porque a minha vida está no fim... Devo à Virgem Santíssima esta revelação... pedi-lhe sempre que me desse o pressentimento da morte próxima... Morro feliz, meu anjo bom, morro feliz... podendo, na minha... talvez... última hora, dizer-lhe: «Padre Dinis... devo-lhe esta morte... Vou esperá-lo na bem-aventurança!...»

Antónia fechou lentamente os olhos, mas respirava. Era o sono precursor do sono eterno. O padre ajoelhou diante do crucifixo quando entraram Eugénia e Ângela.

– Morreu? – exclamou Eugénia.

– Ainda não! – murmurou o padre.

– Oh, minha mãe! – bradou Eugénia, beijando-a na testa húmida de suor. Antónia abriu os olhos, sorriu, levou ao coração as mãos de ambas e perguntou por Alberto.

O marido da filha chegou ao leito e afastou-lhe os cabelos da testa.

– Que é, minha querida mãe?... Sente-se melhor?

– Sinto-me bem... e padre Dinis, onde está?

Olharam todos, e não o viram. Alberto procurou-o em casa, e soube que tinha saído; voltou a perguntar se deveria procurá-lo em casa dele; Antónia acenou que sim; e disse à filha:

– Diz-me o coração que o não torno a ver.

Padre Dinis entrara em casa. Quando Alberto voltou, e disse que o não encontrara, Antónia murmurou:

– Eu não vos dizia? Seja feita a vontade do Senhor... Ângela, minha querida amiga, deixo-a depositária desta lágrima que verto na sua mão... é de padre Dinis... diga-lhe que a moribunda não podia deixar-lhe outra lembrança... a última lágrima... Eugénia!... Ângela!... Alberto!... a memória da minha desgraçada vida aí vos fica, para nunca vos esquecer esta pobre mulher...

Fechou os olhos... Os gemidos que chamaram por ela ouvi-los-ia... mas na eternidade.

Eugénia desmaiou nos braços do marido. Ângela apertou o mão do cadáver e murmurou:

– Até logo, minha amiga!

Será verdade que uma grande aflição purifica a natureza humana, santificando-a com o dom da profecia?

Aquele «até logo!» não seria inspirado por uma voz sobrenatural, que disse a Ângela: «Vem, ó mártir!»

.....

Algumas horas depois, a condessa de Santa Bárbara recebeu a seguinte carta:

Eu pedi a Deus, com todo o fervor da minha alma, que cerrasse os meus olhos, cansados de ver e chorar, antes que o túmulo me escondesse dois anjos que me foram consolação na velhice e vaidade, sem culpa, no coração.

O Senhor não atendeu a oração do pecador. Minha irmã, a flor que levantei debaixo dos pés da sociedade, que fiz reverdecer com os meus desvelos, que ensinei a fortalecer-se na seiva de suas próprias lágrimas, a minha primogénita, deixai-me assim chamar-lhe, nas entranhas do coração... morreu!

A estas horas, Antónia, que me estava na alma, no sangue, no pensamento de todas as horas, quebrou-se deste vínculo de dezasseis anos, e deixou-me no mundo como guarda de mais um túmulo.

Condessa de Santa Bárbara, minha filha também, que te aparentaste comigo pelo martírio, que respiraste comigo o ar que mata o pulmão por onde se respiram as lágrimas na Terra; Ângela, tu podes, de um lance de olhos, compenetrar-te do meu drama em menos de vinte anos. Daqui até ao meu berço... decorrem cinquenta e quatro. .. Os tormentos dessa longa juventude... morrerão comigo.

Estou rodeado de túmulos. Aqui, Pedro da Silva, o anjo da tua mocidade, Ângela. Ao pé, selado por um mistério da Providência, o túmulo do conde de Santa Bárbara. Sobre o coração, o peso da pedra que me esconde as cinzas de Francisca Valadares. Ali, os ossos de minha mãe abraçados pelo cadáver dilacerado de meu pai. Além, a sombra de Anacleto, a mártir que conversa com a tempestade do céu no alto das montanhas. Aqui, na minha mão, o, calor ainda do último beijo que fechou os lábios de Antónia.

O que tenho eu sido na face da Terra? O espectador sinistro que contempla todos os infortúnios e leva consigo a morte ao desenlace de todos os dramas.

Se há generosos sacrifícios na minha vida, quais são as consolações com que a justiça eterna me indemniza? A solidão, a orfandade, a queda de cada ente que levanto, mas a queda em um abismo onde os gritos da saudade não têm um eco.

Eu não blasfemo, Ângela! O meu desalento não é um perjúrio às mortificações de Cristo, que eu jurei adorar, como professo na vida da resignação, e como homem que procura, há trinta anos, penitenciar-se com o riso nos lábios e com a mão estendida para o algoz.

Não blasfemo, filha. Sinto que a última hora da minha expiação não tenha soado... sinto, porque estou fraco, porque não posso mais, porque ouço estalarem as molas deste barro quebradiço.

Quando vos deixei, pobres senhoras, recebendo o último suspiro de Antónia, que devia ser vosso, ajoelhei, com os olhos no Céu, e pedi ao Senhor que abrisse diante da minha velhice um largo horizonte, uma vasta peregrinação sobre espinhos, um grande anfiteatro, em que as carnes me fossem retalhadas, em que o martírio saldasse as minhas contas com o supremo juiz.

Era necessário fugir debaixo deste céu. Era necessário fugir de ti,

minha filha, para não ver o teu cadáver. O resto das minhas forças, e a pouca vida que as anima, devia gastá-las em me afastar destes sítios, onde brevemente fecharás os olhos, Ângela.

Quero ignorar o teu fim: quero imaginar que vives; quero sonhar que um dia voltarei a Portugal, rojando sob o peso da decrepitude, a expirar nos teus braços.

E todas estas ilusões, extremo ar da minha alma, morrerão onde eu viver. Partirei, Ângela!

Se um dia voltar e me disserem que o penúltimo túmulo se fechou... se tiveres morrido... ajoelharei sobre a última pedra que deve erguer-se para esconder o segredo do derradeiro conviva neste banquete de desgraças...

Condessa de Santa Bárbara, não conspiremos contra a soberania de Deus! Face em terra, filha! e murmuremos uma acção de graças quando o raio nos estalar sobre a cabeça...

Alberto e Eugénia... são dignos do teu amor... Alberto tem a ciência da desgraça... Eugénia tem a herança do coração de sua mãe... Nos braços deles podem correr tranquilos os teus últimos dias.

Teu filho será um dia o reflexo das virtudes de Ângela de Lima... Se na sua volta a Portugal vos encontrardes... fala-lhe de mim, e diz-lhe que em poder de Alberto de Magalhães existe o seu património. Um dia receberá o meu legado, que não é ouro com que se comprem baratas as virtudes e se nutrem facilmente as paixões famintas... Será um livro.

A bênção de Deus afaste de sobre a tua cabeça os tormentos do remorso, minha filha, adeus.

A condessa leu, com a mesma serenidade, a primeira e a última palavra. A vida exterior era a mesma; a morte, porém, estava dentro. Cada minuto era um ano; cada aspiração era um hálito venenoso, que lhe quebrava os vínculos do espírito a matéria inalterável.

Finda a leitura, Ângela passou à sala de espera, onde estava o portador da carta.

- Onde lhe entregaram esta carta?
- Em Belas.
- Disseram-lhe que tinha resposta?
- Não, minha senhora.

.....

Ângela veio ao quarto de Eugénia e pediu-lhe a sua carruagem para vir a Lisboa. Alberto, assustado por tão imprevisto destino, pediu a significação deste lance. A condessa entregou-lhe a carta.

Eugénia, que a ouvira ler, perguntou:

- E que faz com a sua ida a Lisboa, minha querida amiga?
- Quero despedir-me... abraçá-lo como filha... e uma ansiedade do coração...
- Mas tem a certeza de encontrá-lo?... Decerto nenhuma... – replicou Alberto.
- Diz-me o coração que o verei... Se o não vir, paciência... Deus me levará em conta este desejo vão...

Abraçaram-se. Eugénia chorava, e a condessa entrava na câmara onde Antónia expirara e dava um beijo nos lábios roucos do cadáver.

.....

A carruagem partiu.

Na Porcalhota, a condessa sentiu uma vertigem. Julgou que devia ser o resultado de uma horrível impressão... encontrara alguns cadáveres do exército realista, que estanciava naquelas paragens, e vira dois soldados coléricos a agonizarem encostados a uma ribanceira, ao lado da estrada, pedindo uma gota de água, que ninguém lhes dava.

A primeira seguiu-se uma segunda vertigem, câibras, vômitos, arrepios e um suor glacial. A carruagem parou. Um cirurgião militar chegou à portinhola e disse ao boleiro que a recolhesse depressa a Lisboa, se não queria levar um cadáver. D. Ângela pediu água. Deram-lhe quanta quis beber e lançou-a logo. Alguns militares rodeavam a carruagem e um de superior patente ofereceu-lhe a sua casa. A condessa recusou e pediu que a conduzissem depressa a Lisboa. Sentiu falta de ar e olhou para as mãos, que de repente se tornaram de uma cor azulada.

O cirurgião disse ao ouvido do seu vizinho:

– Está morta dentro de uma hora... já tem a *cianose*.

Ora a *cianose*, na cólera de 1833, era o sintoma infalível de uma próxima asfixia.

A carruagem, a todo o trote, parou na Travessa da Junqueira, nº44.

O boleiro ia bater, quando a porta foi aberta por padre Dinis, que correu a abrir a portinhola. Recuou... Ângela tinha os olhos abertos, mas os lábios mudos. Padre Dinis estendeu-lhe a mão, que devia apertar-lhe a sua... não se moveu. Reparou de novo na face da condessa salpicada de manchas azuis e viu que os olhos se tinham fechado. Tomou-lhe o pulso... nem uma palpitação...

– Parece que esta morta... – disse o boleiro.

– Está... ajudai-me a tirá-la...

Padre Dinis subiu... depositou-a sobre um canapé, ajoelhou... e disse em voz que tinha em si alguma cousa sobrenatural... um misto de terror, de santidade e de sarcasmo:

– Está feita a vossa vontade, Senhor! Quem quiser servir-vos, há-de sentir-se esmagado debaixo da vossa cruz!... Senhor!... aqui estou!, que quereis de mim?

NOTA

Comparado o primeiro com o segundo volume, salta aos olhos da crítica (que tem olhos) uma desigualdade estética, uma desarmonia de conceitos, de forma e de estilo que denuncia dois escritores, ou duas índoles no mesmo escritor. As páginas do primeiro volume são escritas pelo autor, que fala de si, que avulta no quadro que descreve, assombrando-o das cores melancólicas de que sua alma devia estar escurecida.

No segundo volume, do quarto ou quinto capítulo em diante, já não é autor o filho da condessa de Santa Bárbara. O maço que o nosso amigo nos enviou do Brasil continha, além do primeiro volume organizado, poucos capítulos do segundo, e o resto eram apontamentos de que nos servimos, como genuínos, porque não podemos duvidar dos esclarecimentos que os documentavam. Enganar o público, isso é que de modo nenhum.

Sem ofender a arte, nem a verdade, continuámos o romance e abstinemo-nos de atribuir ao cavalheiro que morreu no Rio de Janeiro o que era nosso na forma, conquanto dele na substância. Estas duas entidades (substância e forma), que deram muito que entender à filosofia escolástica da Idade Média, esperamos que não perturbarão a ordem em que se acha a literatura moderna.

Deve notar-se mais que os pseudónimos de que nos servimos são um ultraje que fazemos ao trabalho de D. Pedro da Silva. O misterioso amigo do guarda-livros, que nos honra com a sua amizade, era um historiador fiel, nomeava as pessoas com toda a evidência do baptismo, descreve muitas como hoje as conhecemos e mandaria queimar a sua obra, sem pretensões de Virgílio, se soubesse que um desastrado editor lha sacrificaria à lei das conveniências.

Que a sua alma nos não persiga por esta infracção!

LIVRO QUARTO

I

Eugénia recebeu a chave do caixão de sua mãe e partiu com seu marido para Lisboa.

Tinham decorrido dez horas depois que Ângela de Lima fechara os olhos na presença de padre Dinis. A filha de Antónia já não vinha em socorro da sua amiga, que estava morta; mas... quem seria com padre Dinis, no angustioso conflito de possuir um cadáver em sua casa, o cadáver da mulher a quem fora escrita uma tal carta, um adeus tão aflitivo!?

– Irei – dizia ela – consolar o protector de minha mãe; obrigá-lo-ei, com ternura e carinhos de filha, a ser da nossa família, Alberto, a viver na intimidade de nossos corações, a participar da felicidade que restauraremos quando a comoção desta desgraça estiver esquecida... Podemos fazer com que ele tenha alguma indemnização, neste mundo, do muito que lhe deve a minha família... não é assim, Alberto?

– Não aceitará, Eugénia. Aquele homem escapa a todos os cálculos humanos. Tem virtudes incomparáveis; mas o meio por que chega a possuí-las é sobrenatural, ou inconcebível para o resto dos homens, se não é para ele também. Sabes como eu o julgo, Eugénia? É um instrumento de Deus; mas tem sempre, a seu lado, um demónio, que faz que as suas virtudes sejam doces para a humanidade e amargas para ele. Isto parece um absurdo, filha; mas o maravilhoso, chamado ao tribunal da fraca razão humana, dá de si um encadeamento de absurdos. Nós não sabemos nada. Vivemos e morremos materialmente. E necessário que apareçam estes meteoros de deslumbrante clarão para desviarmos os olhos das mesquinhas que nos rodeiam e acreditarmos que há grandes segredos acima do entendimento do homem ordinário, como eu.

– Tu!... um homem ordinário... tu!, que fizeste de mim o que sou... que me salvaste para a virtude pelo meio com que se abismam na perdição muitas mulheres...

– E que nome darias tu ao homem que me levantasse do abismo da perdição para fazer de mim o que sou?

– Um Deus.

– E se esse homem empregasse os meios da corrupção para me elevar à altura onde todas as virtudes são fáceis?

– Não concebo a pergunta, Alberto...

– Se esse homem, lembrando-se que me deixava no mesmo abismo em que me encontrou, apenas me dissesse: «Toma lá com que sejas honrado um ano», e eu comprasse com essa dádiva novas desonras, através das quais cheguei a uma situação de ser virtuoso pela consciência e pelo cálculo? Que nome darias a esse homem?

– Um instrumento de Deus, chegando ao seu fim por veredas extraordinárias.

– É o que pode dizer-se de padre Dinis...

– Mas não é esse o homem que tu disseste, por comparação, talvez, que te levantou do abismo da perdição...

– É ele...

– Padre Dinis?

– Ou Sebastião de Melo, ou... não sei como se chama... Quem dirá o verdadeiro nome deste homem?

– Há então um grande segredo na tua vida e na de padre Dinis?...

– Há.

- Segredo que morrerá contigo?
- Sim, Eugénia.
- Nunca mais falarei de modo que me repitas que o teu mistério é sagrado.
- Deixarias de ser um anjo, se transgredisses o teu juramento.

.....

A carruagem parara defronte da casa de padre Dinis. A porta estava fechada. O criado da tábua bateu três vezes e não ouviu rumor de vida.

- Aí não está ninguém nessa casa – disse um lojista que morava defronte.
- Pois não mora aqui um padre? – perguntou Alberto.
- Creio que morará; mas, há cousa de duas horas, saiu daí em uma sege um esquife com uma senhora que saiu morta de uma carruagem, que, se me não engano era essa mesma. Atrás dela saiu o padre e os dois criados que tinha, e não tornaram...
- Mas tornarão, talvez?... – interrogou Eugénia.
- Parece-me que não... Eu sei a quem os criados disseram que seu amo os despedira, porque não voltaria a casa.
- Mas – disse Alberto – se falarmos com o senhorio da casa, poderemos saber se padre Dinis lhe entregou as chaves.

– O senhorio era ele. Há mais de quinze anos que ele comprou essa casa a um outro senhor que aí viveu, e que, se bem me lembro, ouvi dizer que se chamava Sebastião de Melo.

- Que faremos? – perguntou Eugénia ao marido.
- Que faremos?... Não sei, Eugénia!... Creio que tudo está consumado. A condessa a estas horas é um cadáver confundido entre centenaes de cadáveres. Padre Dinis é impossível encontrá-lo... Das duas, uma: ou está morto, ou sepultou-se vivo.
- Não será assim, Alberto... Faz o que eu te digo... Vamos ao cemitério...

A carruagem parou no Campo de Ourique. Alberto interrogava os boleeiros de seges de praça que encontrava. O último disse ser o condutor de um esquife que saíra de uma casa na Travessa da Junqueira. Não soube informar acerca de padre Dinis. O cura da paróquia, e mais ninguém, tinha sido o préstito do cadáver. Disse que a defunta ficava para ser enterrada na última vala do campo, à esquerda, para o lado de baixo.

A carruagem circungirou aquela seara de mortos, sem número, sem sinal, acumulados aos três e quatro da mesma família no mesmo fosso e envoltos no mesmo lençol⁴.

Além, do extremo do descampado, levantava-se uma como baliza, vigia de mortos, um vulto escuro, que Eugénia conheceu pelos olhos do coração.

- Queres vê-lo?
- Quem?
- Padre Dinis... Olha, ao lado daquele grupo que despeja padiolas em um fosso, não vêes, para a esquerda, um homem imóvel?
- Vejo... tens razão... é ele... ninguém estaria ali naquela postura... Depressa!...

A carruagem parou a pouca distância da vala. Eugénia e Alberto apearam.

⁴ Não é exageração. Dos estragos da cólera-morbo em 1833, especialmente em Lisboa, não há uma estatística, porque os espíritos dessa época, preocupados com a guerra às portas da cidade, curavam mais de pensar os feridos em batalha que computar os mortos da epidemia. Hei-de lembrar-me sempre do estupendo favor que recebi, aos sete anos, quando, em uma segunda-feira, bati à porta do meu mestre de primeiras letras, e ninguém me respondeu: a razão do silêncio era tristíssima: não vivia ninguém naquela casa; e, contudo, eu deixara ali, no sábado, sete pessoas vivas. Até ao domingo, às três horas da tarde, morrera o mestre, três irmãs, o pai e dois criados.

Consultaram-se se deviam, perturbar aquele homem, de braços cruzados e olhos mergulhados no cômodo de saibro, como se daquele chão devesse levantar-se o ente que suas mãos ajudaram a reclinar no leito gelado.

Eugénia parou quase ao lado do padre. Alberto, com o chapéu na mão e os cabelos eriçados do entusiasmo daquelas cenas em que o pé do terror esmaga os espíritos intrépidos, não ousava aproximar-se tanto.

– Senhor... – murmurou a filha de Antónia.

Padre Dinis voltou serenamente a face, como se não fosse surpreendido.

– Eugénia!... também vieste visitar a última paragem da amiga de tua mãe!... Também aqui estás, Alberto?... Vinde para o pé do nosso anjo, que nos deixou aqui o coração... Está aqui!... Olhai para este tabuleiro de terra... é D. Ângela de Lima, que se reduziu a isto!... Aqui tendes a formosura, as esperanças, trinta e quatro anos de martírio... um coração que recebeu todos os golpes, uns lábios que abençoaram todas as dores, uns olhos que choraram todas as lágrimas e se fecharam quando a dor que eu lhe causei devia ser a última... Quereis que vos diga? É uma vítima que eu fiz!...

– Não diga tal, padre! – atalhou Alberto.

– Pois que quereis, cegos? Não vedes em mim uma auréola de fogo sinistro? Tudo que se aproxima de mim, cai. Respiro a morte... Quem viver do ar que me rodeia morrerá. Senão... vede... Eu preparava-me para abandonar Portugal e tinha dito a Deus: «Não permitireis que aquela...», era esta que aqui está, «não permitireis que Ângela morra diante dos meus olhos... Eu vou, Senhor, trabalhar em vosso serviço... Na Índia há martírios para os que proclamam o Vosso nome. Ainda bem!, irei dizer que Vós sois um Deus de justiça, e testemunharei com os meus padecimentos de longos anos a Vossa vingança... Deixai-me satisfazê-la com o meu sangue, mas não violenteis o Vosso servo a baixar os olhos sobre o cadáver da filha do seu coração...» A minha oração foi cortada pelo rodar de uma carruagem que parou à minha porta. Desci e vi Ângela fechando os olhos.

– Ainda o viu? – perguntou Eugénia, soluçando.

– Ainda me viu...

– Ela tinha dito que o coração lhe dizia que o vinha encontrar.

– Encontrou-me, para me dizer na linguagem muda do último suspiro: «Deus não te fez a vontade... Aqui estou morta debaixo dos teus olhos...» Ora, vede que vida a minha, bons amigos!... Dizei-me se não há aqui alguma cousa que exceda as medidas do sofrimento humano! E, depois, olhai que é escusado chamar Ângela. Está morta, não tem ouvidos, nem olhos, nem coração. Acabou-se tudo aqui...

– Mas o Céu... a eternidade... – disse Eugénia.

– Dizeis bem, minha filha... O Céu, a eternidade!... O vosso coração é puro, não é?

– Puro!... meu Deus!... quem pudera responder-vos, saindo do berço...

– Pois eu digo-vos que o vosso coração está cheio de sentimentos bons, de esperanças nobres e de fé nos milagres que Deus pode operar em galardão da virtude, que lhos pede... Olhai, filha, pedi ao Senhor que vos deixe contemplar Ângela de Lima... podereis vê-la em um sonho, no Céu, na elevação das vossas orações... Se a virdes, dizei-lhe que vistes padre Dinis chorando sobre esta cova... Adeus, Eugénia!... Alberto... sê sempre bom para esta menina.

– Padre Dinis, não o deixaremos; Eugénia disse que seria da nossa família...

– A minha família são os túmulos... Acaba-se em mim esta raça de desgraçados...

Ide-vos em paz.

– Senhor, venha connosco, pelas dores que tem sofrido com tanta resignação...

– Não queirais aumentá-las... Sede generosos com o pobre velho. Ide-vos...

obedecei-me.

Eugénia beijou-lhe a mão, banhando-lha de lágrimas. Alberto abraçou-o e encontrou entre os seus braços trémulos um corpo frio, tranquilo, resistindo às comoções daquele adeus.

A carruagem parou ao longe. Eugénia queria, pela derradeira vez, contemplar o homem superior que tinha em si o segredo de seu marido, salvando um anjo no abismo da perdição... Já o não viu.

II

Sintra perdera os encantos para os felizes consortes. Ali lhe amanheceram dias de perfeita ventura. Nunca o desprazer os escurecera se não viessem duas mortalias enturvar a luz do céu propício que testemunhava os seus amores estremecidos.

Eugénia vivia triste. A solidão daqueles ermos, que tão bons lhe tinham sido para pensar sozinha na sua felicidade, povoava-se-lhe agora de visões pavorosas e tristes de mais para a sua alma enferma de saudades.

As imagens da mãe, da condessa, de padre Dinis, e até, por atribulada coincidência, do conde de Santa Bárbara, aterravam-na, faziam-lhe girar o sangue alvoroçado, lançavam-na, como impelida por força estranha, dos braços de Alberto para o mais escuro do seu quarto, onde chorava. O extremoso marido não compreendia aquela inquietação e não podia duvidar do amor de Eugénia. A mistura com os carinhos vinham as lágrimas... que lágrimas, porém, eram aquelas? Saudade? Pecava por excesso; não se explicava. Temor? De quem, ou porquê? índole? Não era a sua tão melancólica... Pelo contrário, Eugénia, se tinha horas de melancolia, desde certo tempo, em que se habituara a viver pelo pensamento em um mundo diverso do da sua infância, eram muitas mais as horas de uma vivacidade jubilosa, cheias de ditos galantes, de anedotas graciosamente facetas, em que Alberto, por força, devia rir-se. Que lágrimas, pois, eram aquelas?

Voltando de Lisboa, onde fora, sem consultar sua mulher, pela primeira vez, Alberto encontrou-a triste; mas triste e mimosa de uma resignação que não ousava perguntar a seu marido a razão daquela falta de estima. Conhecedor profundo de todas as almas, exceptuando a de padre Dinis, Alberto recompensou-lhe a humildade dizendo-lhe que fora preparar o seu palácio em Lisboa para se retirarem de Sintra no dia seguinte. Eugénia lançou-se-lhe nos braços, exclamando:

– Bem hajás, meu querido!... eu desejava que saíssemos daqui, mas não ousava pedir-to.

– Porquê?

– Não sei; parecia-me que eras feliz aqui, e eu não queria mostrar-te que o era menos...

– Mas choravas...

– Chorava... não podia reprimir as minhas lágrimas; quanta mais coragem pedia a Deus, mais mulher me sentia.

– Que sentias? Medo?

– Não sei, Alberto... não posso dizer-te o que era... um peso de ferro sobre o coração... falta de ar, de luz, de vida... Tenho-te só a ti; mas não podia dizer-te as minhas visões...

– Visões? Julguei-te mais forte...

– Sou muito fraca... Os vivos não me aterram... Parece-me que, ao teu lado, sou superior a todos; mas os mortos... oh!, meu Deus!... que frio sinto correr-me o sangue... Alberto, pela última noite que passaremos em Sintra, não me deixes um instante sozinha... Tenho hoje mais medo que nunca...

– Medo! Que viste, Eugénia? Pelo teu amor, como por tudo que há nobre na tua alma, diz-me o que viste...

– *Pelo meu amor...* dizes tu... O Alberto, para que invocaste o meu amor? Não posso esconder-te nada, se te serves desse testemunho... Eu digo tudo... Olha... lembras-te de me dizer padre Dinis que pedisse a Deus que me deixasse ver Ângela?

– Sim.

- Pedi... pedi com muito fervor, quinze dias...
- E depois?
- Vi-a...

Alberto sorriu-se.

– Não te rias, que me fazes mal... Então começo a tremer de te contar o que vi... é uma profanação o teu riso... Escuta-me com piedade e religião, sim, Alberto?

- Diz, filha... que viste?
- Vi Ângela...

Eugénia estava lívida. Os olhos espantados fixava-os nas sombras agitadas nos escuros da sala pelos trémulos das luzes. Alberto, a seu pesar, principiava a sentir-se electrizado do pavor magnético dos olhos dela. Naquele instante, passou-lhe uma fugitiva ideia: «Estaremos tocados do contágio sobrenatural daquele homem?»

– Como viste Ângela?

– Como a conheci... em companhia de seu marido... Martirizada... amaldiçoando-me no silêncio do seu quarto... Vês?... Eu não queria dizer isto... Agora, sofre comigo, Alberto!...

A convulsa senhora correu aos braços do marido, como quem foge de uma larva.

– Que tens, Eugénia? Que peso dás a essa aparição de um espírito exaltado?!

– Um peso de me não deixar viver feliz... Tenho-a visto assim muitas vezes, sempre assim... Mas é impossível que ela me não perdoasse!... Contei-lhe tudo... ouvi-me a chorar... e beijou-me no fim com tanto amor... Será uma superstição, Alberto?...

– É... Se o mundo tivesse pervertido a tua alma, não terias semelhantes visões.

.....

Vinte e quatro horas depois estavam em Lisboa recebendo a visita das notabilidades políticas, comerciais e literárias, que se felicitavam por terem em seu seio o generoso propugnador das ideias liberais e, ao mesmo tempo, lastimavam a perda da mãe e sogra dos ditosos cônjuges, senhora cujas virtudes eram notórias (suposto que nenhum dos circunstantes a conhecesse de vista nem de tradição). Faziam-se, nesse tempo, os ensaios orais do «artigo-necrológico», que depois se tornou um cargo especial dos talentos fúnebres da nossa terra, donde, apesar das inovações do género, não foi ainda possível excluir o «a terra lhe seja leve» para todos; e o «era uma florinha no despontar da vida» para as donzelas, «era o modelo dos pais, dos amigos, dos esposos e dos cidadãos» para o velho que exerceu cargos municipais, e o «era um carácter dantes quebrar que torcer» para os fidalgos de raça. De resto, o necrológico, em Portugal, vai individualizando a nossa índole literária, como a parábola no Oriente e a metafísica na Alemanha. Ora, esta enfiada de palavras, desatadas e sem propósito no romance, vieram para dizer que Alberto de Magalhães hospedava em sua casa a nata da gente nova, a alta sociedade que deslocara da sua peanha de sete séculos o ídolo supersticioso da velha raça. Eugénia excitava o interesse dos ilustrados admiradores do seu espírito e fazia-se respeitar pelos mais audazes, que vinham do estrangeiro enfronhados em arrebiques da nova, civilização e caracterizados à feição de certos homens que viram em Paris, denominados «leões».

Nas salas, pois, de Alberto de Magalhães reuniam-se os primeiros leões, que tinham a generosidade de reputar «leoa» a galante dona da casa.

Alberto, o homem do mundo, que anos antes encontrara em França, estranhos à boa sociedade de Paris, os que em sua casa ostentavam familiarmente com a melhor gente de Saint-Germain, ria-se em particular dos seus amigos e convidava-os a contarem-lhe a vida de Paris, como quem desejava um dia entrar naquela terra sem a

gaucherie desparvenus (como dizia o recente barão de Sã, que falava pessimamente o português e o francês).

– Em Paris – dizia o dito barão –, madama, a vida é bela de tudo o que a vida tem de bom e dá *le plaisir au coeur*. As mulheres... perdão, madama!... Em Portugal não faz bom som na orelha a palavra «mulheres». Em França se diz *les femmes*, e eu não sei o que há de *gauche* nesta frase posta em português. *Les femmes ont cette coquetterie...* perdão; eu estou esquecido da minha língua, e, *malgré moi*, falo em francês quase sempre por engano. As damas, dizia eu, têm este coquetismo... pode dizer-se *coquetismo*, Xavier?

– Pode... é genuíno clássico – respondeu o Sr. Xavier, magistrado zombeteiro, que pisava a bota de verniz do seu vizinho, desairando-lhe dolorosamente o aprumo difícilimo dos calos, pouco parisienses.

– Têm este coquetismo – prosseguiu o barão, puxando à esquerda o fantástico frisado de *la chevelure à Saint-Simon*, como ele seriamente a definia. – Elas têm este coquetismo, que faz mal ao coração e entusiasmo, *enivre*, embriaga a cabeça. Elas sabem fazer o que as senhoras de Portugal não sabe, *c'est à dire*, elas sabem *causer*...

– *Causer*?... Não o compreendi, Sr. Barão – disse Eugénia com infantil artifício.

– *Causer*... madama, não tem em nossa língua uma palavra enérgica, significativa, *tranchante*, que explique assaz o sentido. *Causer* é uma espécie de *conversar*.

– Ah!... já entendi... queira prosseguir.

– Em Portugal, posso avançar que não sabemos o que é *conversar au coin du feu*. Falta-nos esta *verbe*, que, abstracção feita de raras damas, cativa o ouvido com conversas sempre palpitantes de interesse. Portanto, a mulher francesa conversa sempre em *négligé*. Ela nunca se impõe pretensiosamente por se fazer escutar banalidades. Ela tudo o que diz é *pétillant* e, por tudo dizer, não faz as grimas de algumas *ridicules*, que não tiveram o seu Molière. Oh!, eu amo as damas francesas.

– Com esse entusiasmo pelas felizes senhoras de Paris deve ter sido muito venturoso nas suas empresas, Sr. Barão!... – disse Eugénia, recobrando toda a finura do seu carácter *railleur*, como diria o bom do barão se fosse pateta uma polegada menos.

– Se vos apraz, madama, direi, sem vaidade, *surmontei entraves*, que fariam recuar muitos outros. Quem não amaria, em Paris, a não ter o coração *blasé*?

– Não lhe foi por isso muito doloroso o exílio... – atalhou Eugénia.

– A posição do exilado é sempre penível, minha senhora; mas o bom Deus, como dizem os Franceses, indemnizou-me com mão larga...

– E eu cuidei que os Portugueses não eram bem recebidos pelas senhoras francesas...

– Enganou-se, madame, eu estou ao facto de exemplos que provam o contrário.

– Sim?

– Aqui o nosso amigo – disse o magistrado – é o almanaque das aventuras dos proscritos. Sabe uma copiosa crónica de escândalos e promete, quando recuperar a perdida língua pátria, escrever *Os Fastos do Exílio*.

– Nesse caso – disse Alberto –, esperaremos essa preciosidade literária, moral e filosófica...

– Mas nem tudo sabes, meu barão – prosseguiu um conselheiro, que se vira em tratos para disfarçar os frouxos de riso que o acometeram durante a algaravia do barão –, não sabes tudo, e eu vou contar, ou *causer*, como tu dizes, acerca de um acontecimento que vai provar a V. Ex^a, Sr^a D. Eugénia, que os Portugueses são bem recebidos pelas senhoras francesas.

– Estimo-o muito como portuguesa, vaidosa dos cavalheiros portugueses... É uma espécie de nacionalidade, não é?

– Decerto... Aí vai a história, barão. Faz as tuas notas. Em 1829 apareceu em Paris um cavalheiro português que dava pelo nome de Leopoldo Saavedra. Já sabem do que vou falar...

– Isso é um bizarro sucesso – disse o barão –, mas não sei bem como isso foi... ouvi falar à *vol d’oiseau*.

– Leopoldo Saavedra apresentou-se com recomendações do ministro francês no Brasil e foi apresentado na melhor sociedade. Era rico, boa figura...

– Conheceste-o? – perguntou o magistrado.

– Não. Nesse tempo estava eu com o Palmela em Londres. Tratei muito de perto pessoas que o conheceram. Além de rico e gentil, era eloquente, falava umas poucas de línguas e conversava com os gregos na pura língua de Homero. A melhor mulher de Paris, a flor dos salões de Carlos X, era a duquesa de Cliton, viúva com vinte e tantos anos de idade e trinta mil libras de renda. Imagine, Sr^a D. Eugénia, uma dama três polegadas mais alta que V. Ex^a, rosto comprido e magro, tez pálida, olhos grandes e negros, pestanas longas como franjas de cetim, boca irrepreensível em todas as linhas da formosura, um buço espesso, que se encaracolava voluptuosamente nos cantos dos lábios, pescoço de cisne, larga dos ombros, musculosa quanto o escultor, inspirado pelo belo, quis que o fosse a Vénus de Gnido, não quebrando pela flexível cintura como milagrosamente, aprumando-se na linha recta em que uma rainha daria as suas ordens, olhando com inteligente soberania para a pequenez das cousas que a rodeavam, falando com orgulho, saudando com soberba, deprimindo as invejosas, matando com ironias as paixões fáceis dos leões parisienses... tal era a amante de Leopoldo Saavedra, nosso patrício...

– Mas quem é esse Leopoldo Saavedra? – disse Eugénia – não tenho ouvido pronunciar esse nome...

– Nem eu, minha senhora, fora de Paris. Supomos que seja um rico brasileiro, que se deu esse nome e que se retirou ao Brasil...

– Meu marido – tornou Eugénia – viveu algum tempo na América, pode ser que o conhecesse.

– Ouvi falar desse homem no Pará: mas não me interessei em saber quem era – respondeu Alberto, torcendo o longo bigode, cujas guias comprimia com os beiços.

– Seja como for – prosseguiu o narrador –, devia ser um homem de péssimo carácter, ou então a sensibilidade depravada pelas paixões não podia elevá-lo ao amor sublime da duquesa de Cliton.

– Era um *roué*, ao que parece! – disse com solenidade o barão, congratulando-se do ensejo propício de embutir o *roué*, que, de há muito, lhe estava nos lábios escorvados para a primeira ocasião.

– Seria. O caso é que Leopoldo Saavedra, tido e havido como amante da duquesa, ostentava por ela, nos salões, a mais grosseira indiferença, chegando a vexá-la nestes sérios nadas que constituem o amor-próprio de uma senhora de nascimento... A duquesa tinha um irmão, cioso da boa nomeada de sua irmã e duelista acreditado na seita dos timbrosos que se deixam matar por causa de uma palavra áspera ou de uma pisadela. Leopoldo disseram-me que o encontrava em casa da viúva e afectava por ele o mais revoltante desprezo. A alta nobreza aparentada com a herdeira dos Clitons, famosos desde Carlos Magno, e soberbos dos seus brasões ganhados nas cruzadas, lembrou à duquesa a imprudência de dar públicos sinais de afeição a um forasteiro que só se fazia interessante pela opulência. Pediram-lhe que esperasse da América informações mais precisas a respeito de Leopoldo Saavedra, antes das quais a sua dedicação poderia ser o precipício da sua dignidade e o dissabor da família. A duquesa disse que era livre como o pensamento; e, desde esse dia, o cavalheiro incógnito apeava, à porta do teatro, da

carruagem da duquesa, e, conduzindo-a ao camarote, tomava junto dela a posição de uma escandalosa intimidade...

– Escandalosa! – disse, sorrindo, o magistrado. – O conselheiro está procurando os adjectivos mais moralistas que temos! Nunca o vimos tão indignado contra...

– Os *tête-à-tête*... – interrompeu o barão de Sã, que as circunstâncias forçavam a engolir muitos *à propos* que lhe vinham, a *palpitar de momento*, aos lábios engatilhados.

– Eu revolto-me contra todos os escândalos – continuou o conselheiro – porque sou chefe de família; e, quando o não fosse, a honestidade manda que o narrador de uma história imoral, na presença de uma senhora virtuosa, não aplauda cinicamente as imoralidades que conta...

– *A la bonheur!* – tornou o barão –, vamos ao *mise en scène* das imoralidades.

– Leopoldo era malquisto nos salões. A inveja, o ciúme e a intriga minavam-lhe a reputação, quando a duquesa o convidou a ser seu marido. Que supõe, Sr. D. Eugénia, que faria o suposto aventureiro, como os Parisienses o intitulavam?

– Casou... se a estimava, se era efectivamente aventureiro...

– Muito longe disso; rejeitou a oferta; disse que o seu amor era um capricho e que a sua vaidade não descia.

– Não achas célebre, Alberto? – perguntou Eugénia.

– Célebre, não... Parece-me natural a resposta.

– Não a amava... – tornou Eugénia.

– E o mais que pode deduzir-se.

– Mais alguma cousa ainda, Sr. Magalhães... Não só não a amava, mas ludibriou-a, ofereceu-a à irrisão pública, e o público aceitou-a, porque a escarneceu, levando o escárnio a ponto de lhe afixar pasquins na porta do camarote...

– Sabe o que os pasquins diziam, Sr. Conselheiro? – disse Eugénia.

– Vi um: era um verso que traduzi assim: «*A alma de Ninon transmigrou no flexível corpo da gentil Cliton. Mancebos, esperai!, o Sol nasce para todos... A vossa vez virá também... O forasteiro português dobrou o cabo das Tormentas como o seu patrício Gama e preparou para vós as vantagens da descoberta.*» A duquesa não mais foi vista no teatro, nem recebeu alguém, à excepção de Leopoldo, cujas visitas acabaram pela da despedida. Saiu de Paris, a titulo de comprar em Florença uma quinta onde a duquesa devia viver como sua simples... sua simples...

– *Maîtresse... femme entretenue*... – acudiu o barão, contentíssimo de ter salvo o conselheiro de uma séria dificuldade.

– Justamente. Tinha passado a fronteira belga, quando o irmão da duquesa caminhava a par com ele. Desafiou-o. Leopoldo não aceitou o duelo. Tiveram um encontro sem testemunhas; não sei, porque ninguém sabe, os meios por que o francês foi assassinado. O cadáver apareceu, é o grande caso, sem uma beliscadura, e, ao pé do cadáver, uma pistola disparada. Leopoldo, ou morreu do tiro, ou soube evadir-se, de modo que nem a duquesa, nem a polícia diplomática, conseguiram encontrá-lo.

– E a duquesa vive? – perguntou Eugénia, visivelmente comovida do infortúnio de tal mulher.

– Creio que sim, minha senhora. Em 1832 vivia, mas afastada da sociedade, triste... creio que viajava desde 1829.

– *Replée sur elle-même*... – disse o barão, fazendo rir o magistrado.

– Ora aí tens, barão, uma boa página para os teus *Fastos do Exílio* – disse o conselheiro.

– Deixa-o restaurar primeiro a língua de seus pais... – atalhou ironicamente o magistrado.

Era meia-noite. O salão estava deserto e Alberto de Magalhães profundamente triste.

III

A súbita melancolia de Alberto resistiria às carícias de Eugénia, que, no silêncio de sua alma, perguntou a Deus se a sua felicidade de cinco meses fora uma ilusão, que morrera naquela noite. A pobre menina não tinha ainda visto os olhos cavos e sombrios de seu marido, acusando remorsos, ou fixando no futuro um inimigo, que vinha pagar-lhe um débito de sofrimentos. Por um receio que imediatamente assalta o coração da mulher casada no momento em que sente esfriarem-se os carinhos do esposo, Eugénia imaginou-se aborrecida e importuna ao homem que a fizera sua por um capricho, ou ilusão, que devia despoetizar-se cinco meses depois.

Esta suspeita era angustiada! Eugénia não podia suportá-la com tranquilidade, em paciente silêncio, privilegiado dom das almas pequenas ou das que tocam pela grandeza o sobrenatural.

Alberto, para maior tormento de sua mulher, entrara, à meia-noite, no seu gabinete de leitura, e às duas horas da manhã era ainda esperado por Eugénia. Duas longas horas de atribulados raciocínios tinham sido aquelas para a filha do general Gervásio; e para Alberto... Deus sabe o que elas tinham sido...

Às três horas, Eugénia bateu à porta do gabinete, e foi-lhe aberta. Aquele quarto não tinha luz!

– As escuras, Alberto?!... Isto que é, santo Deus?

– Nada, Eugénia... É um desmaio moral de algumas horas... passará quando o tributo estiver pago...

– Que sentes, filho?... Este sofrimento é novo...

– Velho para mim...

– Parecias-me feliz, há poucas horas...

– E sou...

– És!... triste felicidade!... Por prazer não se fecha a gente em um quarto três horas, a pensar, a empalidecer e a martirizar caprichosamente uma mulher, que te dá a vida para que não saibas o que são cinco minutos de dor...

– Vamos, Eugénia... Eu estou bom... não vês que o estou?... Não há tempestade moral que resista à tua voz, minha filha... Porque não tinhas vindo há mais tempo?...

– Cuidei que me aborrecias...

– Aborrecer-te?... a ti!... Que não possas ver a minha alma nestas três horas que passaram por ela!

– E olha, Alberto... eu vinha dizer-te uma cousa...

– Que vinhas dizer-me?

– Agora... não sei se to diga...

– Diz... basta que eu seja o misterioso... O meu passado tem abismos, e não quero que tu lá desças... o presente... tem segredos... são as feridas do passado que sangram... Tenho de ser misterioso, por piedade para contigo e para comigo... Mas tu, não. Sei todos os minutos da tua vida; não quero que me ocultes um só pensamento... é impossível que o tenhas de maneira que te seja vergonhoso denunciá-lo... Que é o que vinhas dizer-me?

– Tens razão, não devo fechar no coração o pensamento que devia dar-te, e dará ainda alguma felicidade... Ouve-me e perdoa-me, Alberto... Eu sou uma mulher: basta isto para não satisfazer as necessidades do coração de qualquer homem medíocre em ambições... Sou uma mulher como todas as mulheres comuns, não me preveço de merecimentos que não sejam triviais, e tu és um homem que eu imagino ser único, superior a todos, insaciável na alma e fácil de esgotar em poucos dias todo o amor que

eu posso dar-te em muitos anos. Devo ser-te enfadonha, ou já, ou passado algum tempo... Estudo o teu carácter, amoldo-o por certos tipos que a leitura me tem dito que são o teu, adivinho a tua alma, por muito que me escondas talvez por comiseração... Pois bem; sejamos irmãos, quando não pudermos ser amantes. Como tua irmã, faz-me o que padre Dinis fez a minha pobre mãe. Dá-me uma cela em um convento; um abrigo em que me considere tua, porque esse abrigo me foi dado por ti... Parece-me que receberia com lágrimas de gratidão uma esmola que me viesse da tua mão... Quando isso acontecer, Alberto, se a tua mão não pode fazer a felicidade de outra mulher, o teu coração está livre... livre, meu Deus!... Alberto... que te fiz eu?... não posso consentir que o teu coração seja de outra...

A transição da naturalidade com que expunha o plano futuro de um amigável divórcio para a veemência com que soltou a palavra «livre» parecera a passagem do intervalo lúcido para o acesso febril da demência. Impetuosamente lançada nos braços de Alberto, que a beijava, comovido e maravilhado, Eugénia, figurada na imaginação dos que vêem com os olhos da alma o sublime daquele quadro, era como um protesto contra as injustiças com que um cepticismo infame, galardoado pela moda, fulmina a mulher depositária do pouco que a divindade deixou da sua essência entre os homens.

Quantos lances assim obscuros!

Quantos heroísmos assim esquecidos, ignorados nas torpezas comuns, como a pérola envolta no cisco que a tempestade rola na praia!

Quantas mulheres fechadas em um túmulo com o segredo da sua voluntária abdicação de uma coroa de rosas, para cingirem a de espinhos que a mão do homem lhe ajeitou na frente, à feição da sua perfídia!

Alberto viu-se pequeno na presença daquela mulher e achou frívola a expressão humana para responder às condições com que Eugénia lhe pintava a sua futura felicidade. As palavras dela tinham-lhe feito no coração uma cura milagrosa. Feridas rasgadas na cicatriz de uma antiga paixão foram como fechadas, de improviso, pelo bálsamo da paixão nova. Qualquer que fosse a sua superioridade, Alberto era um homem como todos os homens, susceptível de cair no mais escuro desamparo da esperança e fácil de abrir diante dos seus olhos, enxutos por mão de mulher, um vasto horizonte de esperanças confortadoras.

A aurora viera encantadora da sua luz continuar a primavera dos felizes amantes, um momento atribulados. O dia seguinte e seis meses sucessivos não tiveram um minuto de sombras. A magnificência, a consideração pública, a fama caprichosa e o servilismo até formavam o préstito da fortuna, que se desvelava em adivinhar os desejos dos venturosos consortes. Alberto de Magalhães era o modelo dos cavalheiros, Eugénia a inveja das espirituosas e muitas vezes o osso em que mordiam as virtudes equivocadas. Em todo o caso, boas e más, amigas e inimigas, entravam nos seus salões, cortejavam as primorosas rendas dos seus vestidos, calculavam a faustosa prodigalidade das peças de Sèvres e Saxónia, modelavam as miniaturas da sua ambição tacaña pelos magníficos moldes com que os salões de Magalhães deslumbravam os olhos cobiçosos dos nobres de improviso, já que na sua casaca um crachá resplandecia.

A natureza do homem teria sofrido uma grande revolução se a riqueza de Alberto de Magalhães não fosse o estímulo das curiosidades maledicentes e conjecturas mais ou menos irracionais. O filho de D. João VI continuava a ser para alguns da régia estirpe e para muitos de princípios aventureiros. As qualidades que lhe eram atribuídas nos salões da condessa de Alfarela, abandonados em 1833 e esquecidos em 1834, acrescentava a nova geração dos síndicos da vida alheia que os milhões de Alberto de Magalhães provinham de falsificação de moeda, derramada por toda a Europa e quinhoadada pelos primeiros homens de cada país. Verdade ou não, atendendo a que o dinheiro do uso

ordinário de Alberto eram legítimas libras e boas peças de D. Maria I, os seus numerosos amigos não se dedignavam de compartilhar no fausto granjeado com moeda falsa. Excelentes e tolerantes pessoas!

Comensais efectivos do suspeito milionário eram o conselheiro

cronista da duquesa de Cliton e Leopoldo Saavedra, o magistrado integérrimo que mordía a verbosidade bárbara do seu companheiro de emigração, barão de Sã, que nunca perdeu as esperanças de largar um dia os trejeitos de desgracioso macaco para sacudir a juba crespa do leão parisiense na jaula em que D. Eugénia, involuntariamente, o tinha preso pela cadeia do ridículo.

Infalíveis à mesa, também o eram no camarote, nos coxins da carruagem, no passeio a cavalo, em tudo, finalmente em que o estômago ou o espírito pudesse funcionar de modo que o ouro pródigo de Alberto lhes garantisse a irresponsabilidade das suas algibeiras, que principiavam a organizar-se em 1834 com os desperdícios dos sibaritas que estiveram sentados oito séculos em volta da primeira toalha e principiaram, em 1833, uma penosa indigestão das iguarias temperadas com sangue... da qual indigestão alguns arrotos, hoje, são incomportáveis pela náusea...

Menos política e mais romance.

Escutemos este diálogo entre dois elegantes da plateia do Teatro de S. Carlos.

– Que te parece Lisboa?

– Civilizada. Vejo aqui mulheres que me parecem as mulheres de Paris. Há vida nesta geração nova e um toque especial nestas fisionomias que olham para a gente sem sentirem o beliscão traiçoeiro do pai ou da tia beata. Vejo que sabem pegar em um óculo. Em 1828, as mães destas criaturas angélicas, se vinham a S. Carlos, punham o leque diante dos olhos quando as dançarinas exibiam a perna escandalosa. Graças à reforma, seis anos de civilização fizeram que a perna fosse instalada no catálogo dos espectáculos honestos. Olha lá... quem é aquela mulher do 13 da segunda ordem, que fixa o óculo em um camarote fronteiro?

– É D. Eugénia de Magalhães...

Casada?

– Sim, com o misterioso Alberto de Magalhães.

– Ouvi já falar nesse homem, e ainda ontem vim do Porto.

– É um problema.

– Tem muito dinheiro?

– Muito. Há quinze dias atribuíam-se-lhe doze milhões; hoje deve ter vinte e quatro. Morreu há dias um tal Salema, proprietário de nove navios, e deixou-lhe tudo.

– Porque lhe chamam vocês problemático?

– Porque ninguém sabe quem este homem é. Filho de D. João VI, salteador, cavalheiro de indústria, espião, corsário, falsificador de moeda...

– É tudo isso?

Cada opinião quer que ele seja uma das cousas.

– Se a indústria produz vinte e quatro milhões, declaro-me seu cavalheiro... O que eu prescindo, a benefício de algum tolo, é do nascimento por obra e graça de D. João VI. De resto, tanto se me dá que me chamem Conrad, como S. Francisco Xavier... O caso é que a mulher é boa... Quem é ela?

– Filha bastarda do general Gervásio Faria.

– Fuzilado em 1817?

– Justamente. A mãe é, ou foi, uma D. Antónia Mascarenhas, filha de um parvo fidalgo, que era cónego, arcediogo, bispo ou não sei quê...

– Era um grande patusco, que quis ser representado por aquela bonita rapariga. Quem é aquele que entrou?

– E o marido.

– Eu já vi aquele homem.

– Onde?

– Penso que na Bélgica... Foi justamente na Bélgica. Tinha quatro orças inglesas e um faetonte com ornatos de prata; mas... não se chamava Alberto de Magalhães.

– Então?

– Disseram-me que era judeu, que vivia na Holanda, e, se bem me recordo, chamava-se Tobias Navarro.

– Será o mesmo.

– É... juro que é... e poucos dias depois que o vi desapareceu; e em lugar dele admirei uma outra notabilidade... uma tal duquesa de Cliton, que se vestia de homem e procurava um homem que se chamava Leopoldo Saavedra e que eu, na minha consciência, entendi que era Tobias Navarro. Há quantos anos está em Lisboa o tal problema?

– Há três.

– Há cinco foi que eu o vi... Vais a casa dele?

– Vou.

– Apresentas-me?

– Com muito gosto.

– Agora?

– Agora?!

– Que dúvida. Parece que não estiveste em Paris!...

– Então... vamos.

Sigamo-los.

D. Eugénia recebeu afavelmente o apresentado.

Alberto de Magalhães saíra do camarote e passeava no salão, mordendo o bigode e passando a mão pelos cabelos, hábito adquirido nos momentos de aflição. Os cavalheiros que visitaram o seu camarote vieram encontrá-lo no salão. Alberto recebeu friamente o apresentante e o apresentado. Respondeu com enfadados monossílabos aos ditos rotineiros do acto e recebeu com íntima satisfação a despedida.

– É ele – disse o apresentado. – Noto que é grosseiro...

– Pelo contrário; nunca vi homem mais cortês. É que estava abstraído! Tem grande cousa que o mortifica.

– Serão ciúmes?

– Da mulher?

– Sim.

– Pelo amor de Deus!, a mulher é um anjo.

– Não reparaste nos requebros em terceira mão e nos galanteios requestados do barão de Sá?

– Isso é um tolo.

– Tanto melhor para ele... Os tolos são felizes; eu, se fosse casado, eliminava os tolos de minha casa. Cada cidadão que me fosse apresentado não poderia sê-lo sem exhibir um diploma de sócio da Academia Real das Ciências. Olha, criança, decora estas duas verdades, que o Balzac não menciona na *Fisiologia do Casamento*. Um erudito, ao pé da tua mulher, fala-lhe na civilização grega, na decadência do Império Romano, na civilização da mulher pelo cristianismo, em economia política, em direito público, e até em química aplicada ao extracto do espírito de rosas. Confessa que tudo isto o maior mal que pode fazer a tua mulher é adormecê-la. O tolo não é assim. Como ignora e desdenha a ciência, dispara à queima-roupa na tua pobre mulher quantos galanteios importou de Paris, que são originais em Portugal, porque são ditos em um idioma que

não é francês nem português. Tua mulher, se tem a felicidade de não ter em ti um marido doce e meigo, começa a comparar-te com o tolo que a lisonjeia e acha que o tolo tem muito juízo. Concedido o juízo ao tolo, concede-se-lhe a razão; concedida a razão, concede-se-lhe tudo. Ora aí tens porque eu antes queria ao pé de minha mulher o padre José Agostinho de Macedo, em cuecas, do que o barão de Sá coberto com a capa daquele piegas José do Egipto. Ris-te?... Se queres ser feliz, abdica da inteligência, convence-te, e convence os outros de que és um pária de senso comum, entra nesses camarotes e diz que a letra do *Barbeiro de Sevilha* é de Voltaire e a composição do maestro Spinosa; vira-te para a vítima predestinada e diz-lhe que a música é a voz mística dos anjos confidentes das paixões delirantes, que dos olhos dela deviam partir as inspirações que arrebataram Rafael de Urbino, que farás autor da *Norma*. Se ouvires uma gargalhada insofrida, deixa-os rir; continua; faz-te vítima interessante, acolhe-te à piedade da dama, e fala-me depois...

Correra o pano para o 2º acto da *Sonâmbula*.

Os dois *dilettanti*, entrando na plateia, olharam para o 13 da segunda ordem e viram Eugénia, que se retirava. A curiosidade trouxe-os ao peristilo do teatro e viram partir a carruagem de Alberto.

Entraram no camarote e perguntaram ao barão de Sá a causa daquela retirada.

– *Ma foi! Je n'en sais* – respondeu ele, cravando o óculo em um camarote fronteiro.

– Quem te prende assim a atenção esquiva, meu caro barão? – perguntou o apologistista dos tolos.

– *Celle femme-là qui me frappe au coeur.*

– Traduz.

– Aquela mulher é frapante no coração.

– Que te disse eu? – murmurou ao ouvido do companheiro o sincero admirador dos parvos... – Dás licença – continuou para o barão – que se veja a benemérita frapante do teu coração?

– *Volontiers.*

O cavalheiro do Porto, apenas fixou o óculo, murmurou:

– Célebre cousa!

– O quê? – perguntou o seu amigo.

– Logo... Ó barão, conheces aquela mulher?

– Não, e tu?

– Conheço.

– Quem é?

– A rainha de Sabá.

– Onde fica Sabá?

– Na extrema ocidental da Europa.

– Mas ela está sozinha.

– Viaja com o título de condessa de Minturnes.

– Podes apresentar-me?

– Não; estou indisposto com ela...

– Porquê?

– Por causa de uma questão de voltarete que jogámos em casa do representante de Marrocos em Londres. Adeus, barão.

– Vês as vantagens de ser tolo? – dizia o zombeteiro portuense ao seu amigo de Lisboa. – Esta noite sonha com a rainha de Sabá e amanhã vai contar a Eugénia que foi apresentado à condessa de Minturnes, de quem recebeu um lisonjeiro acolhimento... Agora sério... viste aquela mulher?

– Vi.

– Queres saber quem é? A duquesa de Cliton.

– A que procurava na Bélgica o Tobias Navarro?

– Em corpo e alma. Cá para mim está explicada a abstracção de Alberto e a saída rápida do camarote.

E tinha razão aquele homem, que conhecia toda a gente. Fora isso: Alberto, apenas entrara no camarote, deu de frente com uma mulher que lhe fixava um óculo imóvel, suspenso em um belo braço, guarnecido de rendas e pérolas. Aquele óculo, com seu tamanho, escondia meio rosto. Alberto não foi o primeiro a corresponder à estranha atenção. Eugénia, meio curiosa, meio ciumenta, olhou de relance para o camarote frontal e disse para o marido:

– Não a conheço... Se não é tola, quer fingir que o é.

Alberto olhou, por sua vez, mas não olhou dois segundos; o braço estremeceu debaixo do óculo, as faces empalideceram, as perguntas vacilaram-lhe e o coração impelia-lhe à cabeça ímpetos de sangue, que parecia romper-lhe as veias da fronte.

– Alberto... tu que tens? – perguntou Eugénia assustada.

– Nada, filha.

E, pouco depois, saiu para o salão, onde o vimos.

A duquesa de Cliton, se devemos acreditar o elegante que da plateia lhe não perde um movimento, raros instantes afastou o óculo de sobre Eugénia, que não podia suportar a curiosidade daquela mulher. A quantos entraram perguntou quem era ela; apenas o magistrado lhe soube dizer que não era portuguesa. O conselheiro, narrador da história de Leopoldo Saavedra, se estivesse presente, poderia precisar as suas explicações mais satisfatoriamente.

Do teatro a casa, Alberto de Magalhães não pronunciou uma palavra. Eugénia, trémula e acanhada pelo respeito que a situação de seu marido lhe impunha, apenas quebrava o silêncio com mal reprimidos suspiros.

Chegados a casa, Eugénia, que profundara o carácter de seu marido no que ele era sondável, deixou-o entrar sozinho no gabinete de leitura.

– Vem cá, Eugénia... – disse ele. – Senta-te ao meu lado... conversemos... Um bom marido deve explicações a uma boa esposa quando o óculo de uma mulher o faz fugir de um teatro. Aquela mulher é a duquesa de Cliton, e eu... sou... ou fui Leopoldo Saavedra...

– Oh!, meu Deus!... – exclamou Eugénia, levando as mãos ao rosto.

– Que é, filha?

– Oh!, meu querido Alberto, aquela mulher vem trazer-nos a desgraça.

– Acho singeleza no teu terror... Escuta, Eugénia... quero-te mais varonil. Ouviste a história do conselheiro?... Foi justamente, há seis meses, naquela noite das três horas de trevas neste gabinete. Sofri muito então...

– Saudades?... Remorsos?

– Nem uma cousa nem outra... Sofri os efeitos da calúnia. Colocado eu em uma outra posição social, sem ti, o homem que contou uma infamante fábula teria saltado da janela. Aquela mulher é uma duquesa que se me vendeu por oitenta mil francos. Foi um contrato. Eu tinha lido os manuscritos de Richelieu, em que as primeiras mulheres tinham à margem do seu nome a cifra por que se vendiam, e concebi o plano de avaliar o quilate da duquesa de Cliton. Achei-lhe o preço; não faltei às condições estipuladas no contrato e quis retirar-me com honra, como o locatário que pagou a renda do prédio e retirou deixando a propriedade no estado em que a encontrou. Aquela mulher perseguiu-me. Lembrei-lhe que fui pontualíssimo na exactidão dos meus compromissos: ofereci-lhe uma quantia suplementar para rescindir alguma questão de dolo e ela não a aceitou.

Disse que queria a minha alma, porque eu era um homem que não podia fazer escravas e desampará-las. Sorri à lisonja banal, exprimi o legítimo desprezo em que a tinha e vi a meus pés uma carteira em que deviam estar as cédulas de oitenta mil francos.

»Esta mulher pareceu-me nobre e desgraçada. Imaginei uma loucura. Perguntei ao futuro se a convivência com ela faria que ela fosse interessante à minha alma. O futuro não me respondia. Sacrifiquei-me e disse:

»‘Junta a esta quantia sessenta mil libras. Compra uma quinta em Itália, viverei contigo, e o tempo decidirá a posição que devo ter a teu lado.’

»Rejeitou. Perguntei-lhe o que queria de mim.

»‘Quero ser tua mulher’, me respondeu ela com certo entono que me fez saltar dos lábios uma exclamação e um sorriso de escárnio.

»Deixei ficar no chão a carteira e retirei-me. No dia imediato parti para a Bélgica. Dois meses depois de mim, chegava o irmão da duquesa, temido em Paris e conhecido nas fronteiras pelos repetidos triunfos que alcançara em duelos.

»Desafiou-me: rejeitei, porque rejeito sempre o duelo. Encontrou-me; disparou-me uma pistola, que me feriu mortalmente; apertei-lhe a garganta com as mãos e larguei-o morto. Cheguei moribundo a Luxemburgo. Ao cabo de oito meses de padecimentos infernais, ergui-me salvo.

»Aqui tens o meu segredo, Eugénia...

– Mas tu não pudeste suportar os olhares daquela duquesa... Sentes amor, ou receio... Se te é indiferente...

– Indiferente... não. Conheço-lhe o carácter... Sabes o que é, Eugénia? É o amor que eu tenho a esta vida tranquila que vivemos, depois de longos trabalhos, de sobressaltos criminosos, de esquecidas vergonhas e tumultuosos abalos de consciência. Descoro, enfraqueço e sou pequeno aos meus próprios olhos quando um leve sopro ameaça tempestade no remanso desta nossa vida...

– Mas que receias, Alberto?...

– Por mim, nada: eu nada temo debaixo do céu; mas por ti, tudo... tudo que possa inquietar-te, minha filha, e desvendar a candura da tua alma e o estremecimento com que respondes aos meus temores.

– Pois bem... hás-de fazer o que eu te pedir...

– Tudo.

– Abandonemos Portugal...

– Sim, e muito breve... não importa saber para onde vamos... Sou outra vez feliz, Eugénia!... Há em ti uma mulher para o coração e um anjo para a alma... Aponta-me sempre o meu destino... Amanhã darei todos os passos para a minha saída.

.....

IV

O barão de Sá, todo ele óculo constantemente assestado na heróica rainha de Sabá, realizava em toda a sua plenitude as teorias do portuense acerca dos tolos. A duquesa de Cliton respondia pronta às demonstrações inequívocas do barão.

Finda a ópera, o ditoso parvo esperava na descida, com o coração em corcovos, a gentil condessa de Minturnes. Ao vê-la, sentiu-se transido de um gélido torpor, que o bestializava. Na efervescência da sua sandice, o leão sobreposse não sabia combinar a elegância da perna direita com a da esquerda. O amor entusiasta espiritualizara-lhe as carnosas massas das pernas em arames trémulos. Os braços, por não encontrarem um apoio em que se dessem uma ária distinta, passaram para as costas, formando, em sentido oposto, a seráfica atitude de S. Francisco das Chagas.

A duquesa, ao perpassar, sorriu-se. O barão duvidou; mas a dúvida era gloriosa. Reanimou-se. Foi colocar-se ao pé da carruagem. A rainha de Sabá, com um pé no estribo, voltou-se para ele e disse afectuosamente, em francês, na língua apaixonada do barão:

– Boas noites, cavalheiro. Desejo as vossas relações.

Perdido, alucinado, deslumbrado, febril, tolo, enfim, o barão seguiu a carruagem da duquesa e viu-a parar no Isidro.

Irresoluto entre recolher-se a cismar no estranho caso, ou aproximar-se, quanto possível, do ar que a prodigiosa rainha disfarçada respirava... subiu. Entrou em uma sala e viu uma mesa rodeada de gastrónomos provincianos, que comiam de noite e de dia atulhavam as arcadas do Terreiro do Paço e assaltavam José da Silva Carvalho, ou Agostinho José Freire, na rápida fuga da sege para o gabinete de ministros.

O barão, para coonestar a sua entrada, pediu chá e fiambre e sentou-se a uma pequena mesa a um canto da sala. O seu coração precisava de expandir-se. Chamou o criado e disse-lhe com aquela familiaridade que lhe dava a sua boçal alegria:

– Amigo, a que horas se levanta a condessa de Minturnes?

– A...? – perguntou o criado, envesgando a boca aberta e fechando o olho esquerdo.

– A condessa de Minturnes.

– É criatura que não conheço.

– Não conheces? Pois ela é cá hóspeda da casa.

– Nada, não, senhor; só se viesse há dez minutos para cá.

– Então é que veio... vai saber...

O criado foi e voltou, enquanto o barão, distraído, talvez, funcionava admiravelmente com o estômago, demonstrando assim que não há incompatibilidade entre duas sérias paixões.

– Não está cá essa pessoa em que fala.

– Pois eu não a vi entrar para cá, e por sinal que vinha do teatro?

– A condessa de Maturras?...

– De Minturnes, homem.

– Qual condessa, nem qual açafate... Aqui está uma mulher francesa, que vem procurar um testamento que deixou seu marido, que morreu nas linhas do Porto.

– Estás enganado.

– Estarei... mas não diga nada.

– Queres que eu te diga quem é essa mulher? É uma rainha!

O servo calou-se: aquele silêncio, bem apuradinho, queria dizer: *Este homem é doudo!*

- É a rainha de Sabá.
- De Sabá? Isso é lá pró fim do mundo...
- Qual fim do mundo... é na extrema ocidental da Europa...
- A rainha de Sabá – atalhou o erudito – foi uma rainha que levou presentes ao rei

Salomão.

– Histórias da carochinha, meu amigo. Deixa-te do teu Salomão e fala-me da condessa de Minturnes...

- Então ela é rainha, ou condessa?
- Rainha; mas viaja disfarçada...
- Então alguma quer ela pregar...
- Não é isso... Os reis, quando viajam, para se livrarem *des hommages*...
- *Des omagens!*... dos santos?
- Não... das homenagens, dos cortejos, entendes?... costumam disfarçar-se...
- Ah!... Ora quem tal diria!... por isso o cônsul francês aqui vem todos os dias...
- É o que te digo... Conta-me cá: a que horas se levanta ela?
- De madrugada.
- E que faz?

– Sai, e torna às nove; almoça, e fecha-se no quarto até ao meio-dia; depois vem o cônsul, que sai à uma hora; depois...

- E não é visitada por mais ninguém?
- Aparece ai um encapotado que não deixa ver a cara...
- Essa é boa!... E não sabes onde ela vai de manhã?
- A falar-lhe a verdade, disseram-me ai uma cousa, que eu não acredito...
- Que foi?
- Que ela vai para o campo e que se põe a atirar tiros de pistola a um alvo.
- Ora essa!...

– Assim me disse o boleeiro da sege que a leva todas as manhãs, mas pediu-me muito segredo; mas eu ao senhor digo-lhe isto em paga de me dizer muitas cousas que eu não sabia.

- Pois então, cala-te; não digas a ninguém o que eu te disse...
- Nem ao próprio Padre Eterno.
- Eu amanhã ao meio-dia hei-de vir aqui visitá-la... Adeus.

O barão retirava-se quando outro criado lhe saiu ao encontro, dizendo-lhe que uma senhora hospedada naquele hotel lhe pedia o favor de entrar na sala próxima, porque pretendia falar-lhe.

Não se explica a estupefacção do titular! Naquele momento, João Fernandes fez mais do que faria César! O portuense tinha razão. O parvo colhia louros sobre louros. Um homem de medíocre inteligência, experimentado em triunfos, não atingiria, em meses de aturada paciência, a altura que o tolo, em poucas horas, atingiu! Convencido de que um destino superior o impelia, o barão entrou na sala.

A duquesa de Cliton, despindo os acessórios do luxo, vestira os da estudada elegância. Sentada na otomana, recostada negligentemente, bamboava com o pé as franjas de uma manta escocesa, que não tinha o egoísmo de esconder os ombros largos, torneados e alabastrinos de sua dona. Era, com efeito, a mulher pintada pelo conselheiro; mas o retrato, ao pé do original, era uma sombra pálida, um daguerreótipo desvanecido pela imperfeição da máquina.

A aparição do ditoso aventureiro não compôs ligeiramente a negligência da dama. O barão gaguejava, corcovando-se, um frio cumprimento, a que a duquesa respondeu, indicando-lhe uma cadeira estofada, em que (tão perto estava) descaía, como por descuido, a fímbria da sua manta de xadrez.

- Falais o francês? – perguntou ela.
- Alguma cousa, madama, para portugueses; mas na vossa presença ser-me-ia necessário conhecer as subtilezas da língua.
- Vejo que vos fazeis compreender, senhor; é quanto ambiciono. Conheceis-me?
- Conheço, madama... Tenho essa honra...
- Quem vo-lo disse?
- O coração anunciou-me que vós éreis uma grande personagem; e alguém confirmou as suspeitas do coração.
- Quem?
- Um cavalheiro que viajou...
- Naturalmente aquele cavalheiro pálido, de olhos negros e bigode à Solimão...
- Perdão, madama, não era esse. O cavalheiro a que aludis é Alberto de Magalhães, o outro...
- Alberto de Magalhães!...
- Sim...
- Casado com aquela gentil dama do óculo branco?
- Justamente.
- Casado há muito?
- Há um ano.
- Por paixão?
- Creio que sim.
- Quem vos disse o meu nome?... Não foi ele?
- Já tive a honra de dizer a Vossa Majestade que não.
- Vossa Majestade!... Olhai que a minha coroa é simplesmente ducal.
- Já disse que vos conhecia...
- Sou...
- A rainha de Sabá.
- Por Deus! Zombavam da vossa boa-fé ou escarneciam de mim!
- Perdão, Sr^a Condessa de Minturnes.
- Condessa de...?
- Minturnes: é o vosso disfarce.
- Crede que estais enganado, cavalheiro. Os títulos que me deram são uma caricatura. Sabá não tem rainha; e Minturnes é uma lagoa... Se vos apraz, dizei ao vosso informador que lhe desejo uma longa vida no meu condado...
- A duquesa ria-se e o barão encarava-a com ar de estúpida incerteza.
- Parece que duvidais, cavalheiro? Hei-de punir-vos pela falta de fé... Não vos direi quem sou...
- Assim o quer a minha desgraça... Se me dizeis que não sois a pessoa que eu supunha, creio que sois rainha...
- Já vos disse que não sou...
- Sois rainha dos corações... o vosso império não tem limites; de pólo a pólo fareis vassalos.
- Agradecida pela lisonjeira consideração que me dais... Permiti que eu vos dirija algumas perguntas, porque me pareceis um perfeito homem do mundo, um consumado parisiense.
- Vivi lá dois anos...
- Bem o denunciáis pela correcção da língua que falais... e pelas maneiras distintas com que acolheis a extravagante forasteira, que se vos apresenta sem mais títulos à vossa atenção que os que lhe são devidos pelo facto de ser mulher...
- Acrescentai... como poucas, como nenhuma, cheia de encantos, fascinadora e

deslumbrante.

– Não vos iludais, senhor... Creio que me falais a muito sangue-frio, para que deva acreditar-vos...

– A sangue-frio!... Concebeis porventura os efeitos de um vosso olhar, que vai direito aos mais íntimos segredos da alma?...

– Quereis convencer-me de que vos mereci uma atenção fora do comum? Isso seria da minha parte uma renúncia do júizo e da vossa uma quimera momentânea, um engano de óptica moral. Deixai os vossos fantasmas e vinde ao mundo real... Sois amigo do Sr. Alberto de... de...

– De Magalhães? Conheço-o perfeitamente... A vossa pergunta, madama, denuncia...

– Interesse por ele? Certamente... um interesse extraordinário... Espero não vos fazer ciúmes do amor que lhe consagro...

– Sinto-os já, madama... Ele conhece-vos?

– Creio que sim...

– Novos motivos para que eu deva acreditar...

– Que o amo? Isso é uma leviandade!...

– Perdão!... O amor é injusto...

– Ouvi-vos dizer que Alberto de Magalhães era afeiçoado a sua mulher...

– Muito.

– E correspondido?

– Muito... sei-o por experiência... é uma fortaleza invencível aquela mulher...

– Resistiu-vos?

– Até hoje... No futuro...

– Esperais?... É justo. Nesse caso, essa mulher... adora-o?

– Loucamente.

– Fazeis-me um serviço?

– Mandai, madama.

– Dizei ao vosso amigo que uma estrangeira deseja conhecê-lo... Dizei-lhe que sou a mesma em que ele fez a graça de fixar o seu óculo, hoje.

– Não vos mereço outro conceito?

– Todo... e sinto dizer-vos que a vossa hesitação revela pouco hábito do *grande mundo*...

– O coração hesita, porque vos não pode ceder aos merecimentos de outros homens...

– Tranquilizai-vos... Não tereis causa de arrependimento...

– Deverei apresentá-lo eu?

– Não; quero recebê-lo só: assim fostes recebido, cavalheiro... Da nossa entrevista resultou alguma afronta para meu marido, se eu fosse casada?

– Não; mas com ele...

– Serão iguais os inconvenientes... Eu tenho estas facilidades, sem consequências... Posso respirar todos os hálitos sem contaminar o pulmão... Os venenos da sociedade não me corrompem... Aprendi com Locusta a alcançar a invulnerabilidade de Mitridates.

O barão não a entendeu. Cuidou que Mitridates era uma mulher célebre, que não se facilitava nos primeiros encontros. Não aventurou perguntas, porque o passado importava-lhe pouco.

– Cumprireis, cavalheiro?

– Amanhã sereis visitada pelo meu amigo.

– Tenho a honra de saudar-vos e agradecer-vos. É uma hora da noite... Não me

oponho ao vosso repouso.

O barão, desapontado pela transição repentina, rosnavia alguns disparates sobre a despedida quando a duquesa, feita a última mesura de cabeça, no limiar da porta, entrou no seu quarto.

O leão, em férias, saiu trombudo cordeiro; e, pela primeira vez na sua vida, ouviu a voz da consciência que lhe chamava «tolo»!

Assim mesmo, o barão de Sã respondeu à consciência: «Veremos.»

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
